

CONTOS

Edgar Allan Poe

InfoLivros.org



SINOPSE DE CONTOS DE EDGAR ALLAN POE

Esta é uma das obras clássicas de Edgar Allan Poe e sua mais completa coleção de contos. As histórias são apresentadas na ordem cronológica em que foram publicadas e, segundo Julio Cortázar, os contos são classificados em diferentes seções ou gêneros, incluindo horror, contos sobrenaturais, contos satíricos e metafísicos.

Muitas das histórias são narradas na primeira pessoa. Para os críticos, esta coleção de histórias mostra que Poe era um autor à frente de seu tempo. Algumas das obras que você encontrará neste livro forjaram o estilo narrativo do autor e permitiram que ele se tornasse um dos pais do romance policial.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Contos de Edgar Allan Poe por Edgar Allan Poe em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Works author Edgar Allan Poe](#)
- Espanhol InfoLibros.org: [Cuentos autor Edgar Allan Poe](#)

Se quiser ler e descarregar mais livros de Edgar Allan Poe em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Edgar Allan Poe books em formato PDF](#) em InfoLivros.org

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

Metzengerstein

"Vivo, fui tua praga, morto, serei tua morte."

Martinho Lutero.

O horror e a fatalidade sempre andaram juntos. Por que, então, datar a história que tenho de narrar? É suficiente dizer que, no período do qual falo, existia, no interior da Hungria, uma crença forte, porém secreta, nas doutrinas da Metempsicose. Sobre as doutrinas em si, quero dizer, de sua falsidade, ou de sua verdade, nada tenho a dizer. No entanto, afirmo que muito de nossa incredulidade, como La Bruyère diz de todas as nossas infelicidades, "vem da falta de capacidade de ficarmos sozinhos".

Havia, no entanto, alguns pontos da superstição húngara que estavam à beira do absurdo. Eles, os húngaros, eram muito diferentes, em sua essência, das autoridades do Oriente. Por exemplo, segundo suas crenças, "a alma" (cito as palavras de um parisiense inteligente e perspicaz) "habita somente uma vez em um corpo sensível, o restante dos seres, um cavalo, um cão, até mesmo um homem, não passa de um fantasma intangível de tais criaturas".

As famílias Berlifitzing e Metzengerstein guardaram desavenças por séculos. Nunca antes duas casas tão ilustres tiveram uma

relação de tamanha hostilidade, tão amarga, tão mortal. A origem desta inimizade pode ser explicada pelas palavras de uma antiga profecia: “Um grande nome terá uma queda assustadora quando, assim como um cavaleiro sobre seu cavalo, a mortalidade de Metzengerstein triunfar sobre a imortalidade de Berlifitzing”.

Para ser mais exato, as palavras em si tinham pouco ou nenhum significado. No entanto, acontecimentos mais triviais, que ocorreram há pouco tempo, levaram a consequências tão graves quanto. Além disso, as propriedades, que eram vizinhas, rivalizaram pela influência sobre os assuntos de um governo conturbado. E, também, é raro que vizinhos sejam amigos; e os habitantes do Castelo de Berlifitzing podem ver, de suas grandes muralhas, tudo que acontece pelas janelas do Palácio de Metzengerstein. No fim, a magnificência pra lá de feudal, entre todas as coisas, era a que menos acalmava os sentimentos enérgicos dos mais jovens e mais pobres Berlifitzings. Seria então surpreendente constatar que as palavras daquela profecia, não importa o quão tolas, tiveram sucesso ao consolidar e manter viva as desavenças entre duas famílias já predispostas à rivalidade por qualquer provocação de um ciúme histórico? A profecia parecia implicar, se é que implicava alguma coisa, um triunfo final da parte da casa já mais poderosa, o que era lembrado, é claro, com uma irritação mais que amarga pelo lado mais fraco e menos influente.

Wilhelm, o Conde Berlifitzing, apesar dos grandes ancestrais, era, no momento de que trata essa narrativa, um velho fraco e senil, que não era reconhecido por nada além de uma antipatia excessiva e incurável pela família de seu rival e um grande amor por cavalos e pela caça. Nem o corpo debilitado, nem idade avançada, nem a incapacidade mental o impediam de se engajar todos os dias nos perigos da caça.

Por outro lado, Frederick, o Barão Metzengerstein, não era um homem velho. Seu pai, o Ministro G., morreu jovem. Sua mãe, Lady Mary, o seguiu logo após. Nessa época, Frederick tinha quinze anos. Em uma cidade, quinze anos não é muito tempo, uma criança pode ainda ser uma criança em seu terceiro lustro, mas, na selva, em uma selva tão bela quanto

aquele velho principado, quinze anos possuíam um significado maior.

Devido a algumas circunstâncias peculiares em relação à administração de seu pai, o jovem Barão, frente à sua morte, assumiu imediatamente as grandes posses. Tais propriedades foram, outrora, da posse de um nobre húngaro. Seus castelos eram incontáveis. O principal em questão de beleza e tamanho era o Château Metzengerstein. A fronteira de seus domínios nunca foi delimitada, mas sua área principal ocupava um território de oitenta quilômetros de diâmetro.

Com a sucessão de um proprietário tão jovem e com um caráter tão bem conhecido para uma fortuna tão impressionante, pouco se especulava sobre sua provável conduta. E, de fato, durante três dias, o comportamento do herdeiro superou a fama de Herodes e muito superou as expectativas de seus admiradores mais entusiasmados. Condutas vergonhosas, traições explícitas e atrocidades nunca antes vistas fizeram com que seus vassallos amedrontados logo entendessem que nenhuma submissão de sua parte, nem um despotar de consciência do jovem garantiria segurança diante das presas impiedosas do pequeno Calígula. Na noite do quarto dia, os estábulos do Castelo Berlifitzing foram atingidos por um incêndio e a opinião unânime da vizinhança adicionou o crime incendiário à já horrenda lista dos delitos e maldades do Barão. No entanto, em meio à confusão causada por esse incidente, o jovem nobre estava sentado num aposento grande e isolado no palácio da família Metzengerstein, e parecia estar meditando. A tapeçaria fina, porém desbotada, balançava solene nas paredes, representando as formas sombrias e majestosas de mil ancestrais ilustres. Aqui, padres bem vestidos e dignitários pontifícios sentavam-se confortáveis com autocratas e soberanos, vetando os desejos de um rei temporário, rejeitavam a

ordem da supremacia papal, o cetro rebelde do arqui-inimigo. Lá, a grande e obscura estatura dos Príncipes Metzengerstein,

com seus cavalos de guerra trotando sobre as carcaças de inimigos caídos, assustavam até os mais equilibrados com sua expressão poderosa, e aqui, outra vez, as figuras das damas belas e delicadas de outrora flutuavam no labirinto de uma dança irreal, presas a uma melodia imaginária.

Enquanto o Barão escutava, ou fingia escutar, o crescente tumulto nos estábulos de Berlifitzing, ou talvez pensava num novo e mais ousado ato audacioso, seus olhos se voltaram de súbito para a figura de um cavalo enorme de cor estranha, descrito na tapeçaria como propriedade de um ancestral sarraceno da família de seu rival. O cavalo em si, no primeiro plano da obra, estava imóvel como uma estátua, enquanto no fundo seu cavaleiro derrotado morria pela adaga de um Metzengerstein.

Uma expressão demoníaca surgiu na face de Frederick quando ele percebeu para onde seu olhar se direcionou sem que ele percebesse. Entretanto, ele não a desfez. Pelo contrário, ele não podia, de forma alguma, explicar a ansiedade avassaladora que pareceu cair sobre si como uma mortalha. Com dificuldade, reconciliou seus sentimentos sonhadores e incoerentes com a certeza de estar acordado. Quanto mais ele olhava, mais o feitiço se tornava contagiante, parecia mais impossível a ideia de desviar seu olhar do fascínio daquela tapeçaria. Mas, com um aumento repentino de violência no tumulto, ele desviou sua atenção com muito esforço para o brilho avermelhado liberado

pelos estâbulos em chamas na direção das janelas de seus aposentos.

A ação, porém, foi passageira. Seu olhar retornou à parede com um movimento mecânico. Para seu extremo horror e surpresa, naquele meio tempo, a cabeça do gigante corcel alterou sua posição. O pescoço do animal, antes arqueado sobre o corpo prostrado de seu senhor, como se num gesto

de compaixão, estava agora esticado na direção do Barão. Os olhos, antes invisíveis, agora tinham uma expressão enérgica e humana, enquanto brilhavam com um vermelho ardente e incomum, e os lábios dilatados do cavalo aparentemente irado deixavam seus dentes gigantescos e repugnantes totalmente expostos.

Atordado e com medo, o nobre cavalheiro cambaleou até a porta. Quando a abriu, um brilho de luz vermelha adentrou a câmara e demarcou sua sombra numa silhueta bem definida contra a tapeçaria tremulante e ele estremeceu ao percebê-la enquanto cambaleava, assumindo a exata posição e preenchendo com precisão o contorno do impiedoso e triunfante assassino do Berlifitzing sarraceno.

Para aliviar a depressão de seu espírito, o Barão correu para o ar livre. No portão principal do palácio, encontrou três cavalariaços. Com muita dificuldade e com suas vidas em perigo,

eles estavam contendo o surto convulsivo de um gigante cavalo cor de fogo.

— De quem é este cavalo? Onde vocês o encontraram? — perguntou o jovem com um tom ranzinza e ríspido, enquanto percebia no mesmo instante que o corcel misterioso na tapeçaria da câmara era o exato clone do animal furioso diante de seus olhos.

— Ele é de sua propriedade, senhor — respondeu um dos cavaleiros —, digo, ele não tem nenhum outro dono. Nós o pegamos fugindo, muito enfurecido, dos estábulos incendiados do Castelo Berlifitzing. Imaginamos que era um dos cavalos estrangeiros do velho Conde e levamos o fugitivo de volta, mas os cavaleiros de lá não reconheceram a criatura, o que é estranho, já que ele está com marcas evidentes de que escapou das chamas.

— Ele também tem as letras W.V.B. marcadas em sua testa — interrompeu o segundo cavaleiro —, imaginei que elas fossem, é claro, as iniciais de Wilhelm Von Berlifitzing, mas todos no castelo estão muito certos de que nunca viram este cavalo antes.

— Muito estranho! — observou o jovem Barão, com um ar pensativo e aparentemente sem saber o que estava falando. — Ele é, como se diz, um cavalo excepcional, um cavalo extraordinário! Apesar de, como vocês muito bem observaram,

ter uma personalidade duvidosa e indomável. No entanto, que seja meu — acrescentou ele, depois de uma pausa —, talvez um cavaleiro como Frederick Metzengerstein consiga domar até mesmo o demônio dos estábulos de Berlifitzing.

— O senhor está enganado. Creio que mencionamos que o cavalo não veio dos estábulos do Conde. Se esse fosse o caso, sabemos muito bem que não poderíamos deixá-lo na presença de um nobre de sua família.

— É verdade! — respondeu o Barão, frio, e, naquele estante, um servo veio do palácio, corado e apressado. Ele sussurrou no ouvido de seu mestre que uma pequena parte da tapeçaria havia desaparecido de repente de um aposento que ele descreveu, entrando, naquele momento, em detalhes de caráter particular e único, mas no tom baixo da voz que comunicou sobre estes últimos pormenores, nada escapou para satisfazer a curiosidade dos cavalariços.

Durante a conversa, o jovem Frederick parecia perturbado por várias emoções, mas ele logo retomou a compostura, e uma expressão maligna caiu sobre seu rosto enquanto ele dava uma ordem decisiva: o aposento deveria ser trancado imediatamente, e a chave ficaria sob sua posse.

— O senhor já ouviu falar da morte infeliz do velho caçador Berlifitzing? — perguntou um dos vassallos ao Barão, já que, depois da partida do servo, o corcel gigantesco que o nobre tomou por seu começou a correr e a saltitar, ainda mais furioso,

pelo longo caminho que se estendia do castelo aos estábulos de Metzengerstein.

— Não! — exclamou o Barão, voltando-se de forma abrupta para o enunciador — Morto! Foi isso que você disse?

— É a mais absoluta verdade, meu senhor, e para um nobre de seu nome, tal informação, imagino, será um

conhecimento muito válido.

Um sorriso logo apareceu no rosto do ouvinte.

— Como ele morreu?

— Em meio a esforços precipitados para resgatar a parte favorita de seu haras de caça, ele faleceu de forma deplorável em meio às chamas.

— Ver-da-de? — gritou o Barão, como se tivesse se impressionado devagar e deliberadamente com a revelação de uma ideia empolgante.

— Verdade — repetiu o vassalo.

— Chocante! — exclamou o jovem, calmo, e voltou em silêncio para o castelo.

Este dia marcou uma mudança na personalidade do jovem libertino que era o Barão Frederick Von Metzengerstein. Na verdade, seu comportamento desapontou todas as expectativas e provou estar em desacordo com as opiniões de

muitas mulheres, enquanto seus hábitos e modos lembravam ainda menos as maneiras da aristocracia vizinha. Ele não era visto além dos limites de seus próprios domínios e, neste mundo vasto e sociável, permanecia extremamente solitário, sua única companhia de verdade era aquele cavalo cor de fogo sobrenatural e feroz, o qual ele passou a cavalgar com frequência, que tinha um misterioso direito ao título de seu amigo.

Por muito tempo, convites por parte da vizinhança chegavam com frequência: "O Barão nos concederá a honra de recebê-lo nos festivais?", "O Barão irá se juntar a nós para uma caçada aos javalis?", "Metzengerstein não caça", "Metzengerstein não irá comparecer", essas eram as respostas arrogantes e sucintas.

Esses repetidos insultos não seriam tolerados por um nobre soberbo. Tais convites se tornaram menos cordiais, menos frequentes, e, com o tempo, cessaram. Ouviu-se dizer que até mesmo a viúva do infeliz Conde Berlifitzing tinha esperança de que "o Barão estivesse em casa quando não desejasse estar, já que desdenhava da companhia de seus

iguais, e que cavalgasse quando não desejasse cavalgar, já que preferia a companhia de um cavalo". Isso com certeza era uma exasperação tola de um ressentimento hereditário, e apenas provava como nossos dizeres podem perder o sentido de forma particular quando desejamos ser enérgicos demais.

Mesmo assim, os mais caridosos atribuíram a alteração na conduta do jovem nobre ao luto, normal ao filho que perde os pais de forma prematura. No entanto, esqueceram-se de seu comportamento abominável e imprudente durante o breve período que sucedeu a perda. É claro, havia alguns que sugeriam um despertar de autoconfiança e dignidade, outros ainda (entre eles pode-se mencionar o médico da família) não hesitaram em falar de uma melancolia mórbida e da saúde frágil hereditária, enquanto motivos obscuros, de uma natureza mais equivocada, corriam entre a multidão.

Era fato que o apego súbito do Barão ao animal recém-adquirido, um apego que parecia se fortalecer a cada nova demonstração de ferocidade e de tendências demoníacas da criatura, tornou-se, com o tempo, um fervor horripilante e sobrenatural aos olhos de todos os homens sãos. Sob a luz do meio-dia ou na hora sombria da noite, na saúde ou na doença, na tempestade ou na calmaria, o jovem Metzengerstein parecia amarrado à sela do cavalo colossal, cuja audácia intratável harmonizava tão bem com o espírito do Barão.

Além disso, havia circunstâncias que, relacionadas a eventos recentes, conferiam um aspecto estranho e fabuloso à mania do cavaleiro e à capacidade do corcel. A distância de seus saltos foi medida com precisão e perceberam que ultrapassava, por uma diferença incrível, as expectativas mais inusitadas dos mais sonhadores. O Barão também não tinha escolhido um nome para o animal, apesar de todo o resto dos cavalos em sua

coleção ser distinguido por apelações características. Seu lugar no

estábulo ficava longe do resto e, no que dizia respeito ao cuidado com o cavalo e outras tarefas indispensáveis, ninguém além do próprio dono assumia tais responsabilidades, nem mesmo entrava naquele espaço particular do estábulo.

Observaram também que, apesar dos três cavaleiros terem tido sucesso na captura do animal quando este fugiu do incêndio em Berlitzing, eles o fizeram com a ajuda de um freio de corrente e um laço, mas nenhum dos três afirmava com certeza que, durante aquela perigosa luta ou em algum momento após, colocou a mão no corpo da fera. Registros de inteligência extraordinária no comportamento de um cavalo nobre e furioso não devem ser capazes de chamar atenção sem motivo, especialmente a atenção de homens que, treinados de forma exaustiva para o trabalho da perseguição, devem estar bastante familiarizados com a sagacidade de um cavalo, mas havia circunstâncias que forçavam sua presença na mente dos mais céticos e impassíveis, e dizem que havia momentos nos quais o animal fazia com que a multidão assustada ao seu redor se escondesse horrorizada ao som de seu galope alto e marcante, momentos nos quais o jovem Metzengerstein ficava pálido e recolhia a expressão atenta e curiosa de seus olhos sérios e humanos.

Entre todos os servos do Barão, ninguém duvidava do ardor daquela extraordinária afeição que existia por parte do nobre jovem pelas qualidades ferozes de seu cavalo, ninguém, a não ser por um pequeno servo insignificante e deformado, cuja aparência era a única coisa que todos viam, e cujas opiniões eram da menor importância possível. Ele, se é que vale a pena mencionar seus pensamentos, teve a coragem de afirmar que seu mestre nunca subia na sela sem um calafrio inexplicável e quase imperceptível, e que, todas as vezes, após retornar de sua longa e habitual cavalgada, uma expressão maligna de triunfo distorcia cada músculo de sua face.

Numa noite tempestuosa, Metzengerstein acordou de um sono profundo, desceu de seus aposentos como um louco e, montando o animal com muita pressa, partiu para o labirinto da floresta. Um acontecimento tão comum não chamou atenção, mas seu retorno foi esperado com muita ansiedade por parte de seus empregados, já que, após algumas horas de sua ausência, perceberam que as belas e magníficas ameias do Château Metzengerstein estavam instáveis, rachadas até a fundação, devido a uma massa densa e furiosa de um incêndio incontrollável.

Já que as chamas, quando percebidas, já haviam feito um progresso tão terrível que era evidente que qualquer esforço feito para salvar uma parte sequer da construção seria inútil, a vizinhança surpresa ficou parada em silêncio, num choque

patético. Mas, um novo e amedrontador objeto logo atraiu a atenção da multidão, provando como a agitação causada nos ânimos do povo é mais intensa ao contemplar a agonia humana em comparação àquela trazida pelo mais impressionante espetáculo apresentado pela matéria inanimada.

Pelo longo corredor de carvalhos velhos que levava da floresta à entrada principal do Château Metzengerstein, um corcel, trazendo um cavaleiro sem chapéu e desorientado, foi visto saltitando com uma violência maior que a do próprio Demônio da Tempestade.

Estava claro que o cavaleiro não estava no controle da corrida. A agonia de sua expressão e o esforço convulsivo de seu corpo indicavam um esforço sobre-humano, mas nenhum som, exceto por um grito solitário, escapou de seus lábios lacerados, que eram mordidos continuamente no fervor do medo. Num instante, o ruído dos cascos ressoava alto e estridente sobre o rugido das chamas e o som dos ventos. Em outro momento, saltando de uma única vez através do portão e sobre o fosso, o corcel subiu a escadaria tortuosa do palácio e, com seu cavaleiro, desapareceu entre o caótico redemoinho de fogo.

A fúria da tempestade imediatamente se desfez e uma calma silenciosa a seguiu, sombria. Uma chama branca ainda envolvia a construção como uma mortalha e, ao longe,

na atmosfera tranquila, o clarão de uma luz sobrenatural surgiu enquanto uma nuvem de fumaça descia pesada sobre as muralhas na figura colossal e distinta de um... Cavalo.

O Duque de L'Omelette

“E adentrou de uma vez um clima mais ameno”.

— William Cowper

Keats caiu pela crítica. Quem é que morreu em "Andrômaca"?
Almas ignóbeis! O Duque de L'Omelette pereceu por causa de
uma hortulana. A história é breve. Me ajude a narrá-la, ó
Espírito de Apício!

Uma gaiola dourada transportou o pequeno, apaixonado,
delicado e preguiçoso viajante alado de seu lar no distante Peru
até a Chaussée D'Antin. Seis funcionários do império
conduziram o pássaro feliz de sua proprietária real, La
Bellíssima, ao Duque de L'Omelette.

Naquela noite, o Duque iria cear sozinho. Na privacidade de seu
gabinete, ele reclinou com cuidado no pufe pelo qual sacrificou
sua lealdade ao Rei quando fez uma aposta mais alta que a
dele — o famoso pufe de Cadet.

Ele enterrou seu rosto na almofada. O relógio disparou! Incapaz
de conter a emoção, Sua Alteza engoliu uma azeitona. Nesse
momento, a porta se abriu devagar ao som de uma música
suave e... Veja! O mais delicado dos pássaros estava diante do
mais apaixonado dos homens! Mas que desespero inexpressível
encobria agora a expressão do Duque?

— Que horror! Seu miserável! Baptiste! O pássaro! Oh, bom Deus! Que pássaro modesto tu serviste depenado e sem um guardanapo!

Não preciso dizer mais nada: o Duque expirou com um espasmo de nojo.

— Ha! Ha! Ha! — disse Sua Alteza no terceiro dia após seu falecimento.

— He! He! He! — respondeu discretamente o Diabo, erguendo-se com ar de superioridade.

— Tenho certeza que você não está falando sério — devolveu L'Omelette. — Eu pequei, é verdade, mas pense bem, meu bom senhor! Não pretende mesmo executar ameaças tão bárbaras.

— Por que não? — replicou Sua Majestade. — Vamos, livre-se destes trajés!

— Livrar-me, é claro! Muito bonito, não é mesmo? Não senhor! Não abrirei mão de meus trajés. Quem o senhor pensa que é, por acaso, para exigir que eu, o Duque de L'Omelette, Príncipe do Foie-Gras, recém-chegado à maioridade, autor da "Mazurquiada" e Membro da Academia, abra mão das mais belas pantalonas já feitas por Bourdon, da mais fina camisa já fabricada por Rombert? Sem falar do trabalho que será tirar a minha peruca e o suplício que será tirar as minhas luvas.

— Quem sou eu? Oh, verdade! Sou Belzebu, o Senhor das Moscas. Busquei a ti, agora mesmo, de um caixão de jacarandá enfeitado com marfim. Tu tinhas um odor curioso e sua aparência também não era comum. Foi Belial, meu inspetor de Cemitérios, quem o enviou. As pantalonas, que tu dizes terem sido feitas por Bourdon, são um excelente par de carreteis de linho e tua camisa é um manto sem valor especial.

— Senhor! — advertiu o Duque. — Seus insultos não ficarão impunes! Senhor! Vou aproveitar a primeira oportunidade para me vingar de tais ofensas! Senhor! Não irá se livrar de mim! Por enquanto, adeus!

O Duque estava se retirando da presença satânica quando foi interrompido e levado de volta por um cavalheiro que o aguardava. Em seguida, Sua Alteza esfregou os olhos, bocejou, balançou os ombros, refletiu. Ciente de sua identidade, observou seus arredores como um pássaro.

Os aposentos eram magníficos. Até mesmo De L'Omelette admitiu que o lugar era bastante confortável. Não era seu comprimento ou sua largura, mas sua altura, ah, essa sim era impressionante! Não havia um teto, ele tinha certeza que não, mas uma massa densa e agitada de nuvens com cor de fogo. O cérebro de Sua Alteza vacilava enquanto olhava para cima. De lá, caía uma corrente feita de um metal desconhecido, vermelho como sangue, sua ponta superior perdida, assim como a cidade

de Boston, entre as nuvens. Na extremidade inferior, estava pendurado um grande recipiente de metal. O Duque imaginou ser uma preciosidade, mas dali saía uma luz tão intensa, tão forte, tão terrível, nunca idolatrada pelos persas, nunca imaginada pelos indianos, nem sonhada pelos muçulmanos quando, alterados pelo ópio, cambalearam até um leito de papoulas com as costas voltadas para as flores e a face ao deus Apolo. O Duque murmurou um breve juramento, com certeza um agradecimento.

Os cantos do cômodo eram ocupados por nichos. Três desses guardavam muitas estátuas de proporções gigantescas. Eram de uma beleza grega, uma deformidade egípcia, o conjunto da obra era francês. A estátua da quarta prateleira estava coberta, ela não era colossal, porém revelou um tornozelo fino e um pé com uma sandália. De L'Omelette colocou a mão sobre seu coração, fechou os olhos, levantou os panos e, envergonhado, descobriu Sua Majestade Satânica.

Mas as pinturas! Kupris! Astarte! Astoreth! Milhares, mas semelhantes! E Rafael as contemplou! Sim, Rafael esteve aqui, pois não foi ele quem pintou a...? E em consequência não fora amaldiçoado? As pinturas! As pinturas! Ah, o luxo! Ah, o amor! Quem, ao admirar estas belezas proibidas, terá olhos para os artifícios delicados das molduras douradas que enfeitavam como estrelas os jacintos e as paredes de pórfito?

Mas o coração do Duque se enfraquecia com ele. Ele não estava, no entanto, confuso com tal magnificência ou inebriado pela respiração estática daqueles incontáveis juízes. É verdade, tudo isso passou pela cabeça do Duque, mas não! O Duque de L'Omelette estava paralisado pelo terror, pois, pela vista fantástica que uma única janela descoberta oferece, veja! Brilha o mais sombrio dos fogos!

Pobre Duque! Ele não pôde deixar de imaginar que as melodias gloriosas, voluptuosas e eternas que preenchem o lugar, enquanto passavam pelo filtro e a conseqüente transformação da alquimia das janelas, seriam as lamentações e os ruídos dos perdidos e desesperados! E ali, também! Ali! Sobre o pufe! Quem ele poderia ser? Ele, o grande mestre, não, a deidade, que se sentou como se fosse esculpido em mármore, com um sorriso em seu semblante pálido, tão amargo?

Mas ele deveria fazer alguma coisa, quero dizer, um francês nunca desiste antes da derrota. Além disso, Sua Alteza odiava um drama. De L'Omelette recuperou sua postura. Havia alguns floretes sobre a mesa, também alguns estoques. Ele aprendera esgrima com B... Já assassinou seis homens. Logo, ele poderia escapar. Ele pegou dois estoques e, com uma graça inigualável, ofereceu a Sua Majestade a escolha. O Horror! Sua Majestade não sabe esgrima.

Mas ele domina os jogos de cartas! Que lembrança feliz! Sua Alteza sempre teve uma memória excelente. Ninguém o

derrotava no jogo "Diablo", de Abbé Gualtier. Nele estava escrito que "o Diabo não recusa um jogo de cartas".

Mas as chances, as chances! É verdade, ele estava desesperado, mas só um pouco mais desesperado que o Duque. Afinal, não tinha ele envolvimento com o segredo? Não tinha ele estudado com Le Brun? Não era um membro do Clube de Vingt-un?

— Se eu perder — disse ele — estarei duas vezes perdido, duplamente, é tudo que eu tenho a dizer!

Nesse momento, Sua Alteza deu de ombros.

— Se eu ganhar, voltarei para as minhas hortulanias. Preparem as cartas!

Sua Alteza era só cuidados, só atenção, enquanto Sua Majestade era só confiança. O espectador teria se lembrado de Carlos e Francisco. Sua Alteza pensava em suas jogadas. Sua Majestade não pensava, apenas jogava. O Duque cortou.

As cartas foram dadas. O trunfo foi revelado, é... É... O rei! Não, era a Rainha. Sua Majestade culpou os trajes masculinos da dama. De L'Omelette colocou a mão sobre seu coração.

Eles jogam. O Duque pontua. A mão está formada. Sua Majestade pontua bastante, sorri, e toma seu vinho. O Duque joga uma carta.

— O jogo está em suas mãos — disse Sua Majestade, cortando as cartas.

Sua Alteza se curvou, jogou as cartas e se levantou da mesa, apresentando o Rei.

Sua Majestade pareceu decepcionada.

Se Alexandre não tivesse sido Alexandre, teria sido Diógenes, e o Duque assegurou ao seu antagonista ao partir que, se ele não fosse De L'Omelette, não faria objeção a ser o Diabo.

Aconteceu em Jerusalém

"Intensos rigidam in frontem ascendere canos passus erat." Lucano, Farsália.

"Um pesadelo horrível."

Tradução.

— Corramos até as muralhas — disse Abel-Sitim a Buzi-Ben-Levi e a Simeão, o Fariseu, no décimo dia do mês de Tamuz, no ano de 3941. — Corramos até as muralhas junto ao portão de Benjamim, que fica na cidade de Davi, separando- a do território daqueles que não são circuncidados, pois é a última hora da quarta vigia, como indica o sol nascente, e os idólatras, cumprindo a promessa de Pompeia, devem estar nos esperando com os cordeiros para o sacrifício.

Simeão, Abel-Sitim e Buzi-Ben-Levi eram os Gizbarins, os coletores da oferta na cidade sagrada de Jerusalém.

— Muito bem — respondeu o Fariseu —, corramos, pois a generosidade não é natural aos pagãos e a instabilidade sempre foi uma característica dos idólatras de Baal.

— A instabilidade de suas mentes e a deslealdade são tão verdadeiras quanto o Pentateuco — disse Buzi-Ben-Levi —, mas

tais características são direcionadas apenas ao povo de Adonai. Quando foi que os Amonitas se provaram infiéis ao seu próprio interesse? Acredito que não seja um grande ato de generosidade permitir que ofereçamos cordeiros ao altar do Senhor, recebendo por isso trinta shekels por cabeça!

— No entanto, tu esqueceste, Ben-Levi — respondeu Abel-Sitim —, que o Romano Pompeu, que agora cerca sem

piedade a cidade do Todo-Poderoso, não tem garantia de que ofereceremos os cordeiros comprados para o altar, nem que não os usaremos para o sustento do corpo e não do espírito.

— Pelos cinco lados de minha barba — gritou o Fariseu que fazia parte da seita dos Arrojados (aquele pequeno grupo de santos cuja maneira de andar e arrastar os pés contra o chão era uma grande provocação, um ato reprovável aos olhos dos devotos menos zelosos, uma pedra no caminho dos cidadãos menos iluminados) —, pelos cinco lados da barba que, como sacerdote, não posso cortar! Será que estamos vivendo o dia em que uma comunidade romana ofensiva nos acusa de nos apropriarmos do mais santo e consagrado dos elementos para saciar o apetite da carne? Será que estamos vivendo o dia em que...

— Não questionemos as razões dos Filisteus — interrompeu Abel-Sitim —, pois hoje será a primeira vez que tiraremos vantagem de sua avareza ou de sua generosidade. Ao invés

disso, corramos até as muralhas para que não faltem ofertas no altar cujo fogo as chuvas não podem apagar e cujas colunas de fumaça não podem ser desviadas por tempestade alguma.

Aquela parte da cidade para onde nossos nobres Gizbarins estão correndo, e que leva o nome de seu arquiteto, o Rei Davi, era conhecida como o distrito mais bem fortificado de Jerusalém, situado sobre o grande e íngreme Monte Sião. Uma grande e profunda trincheira, escavada na rocha firme, era protegida por uma grande muralha que foi levantada em sua parte interior. Essa muralha era adornada, em intervalos regulares, por torres quadradas de mármore branco, a mais baixa media sessenta cúbitos de altura, enquanto a mais alta media cento e vinte. Mas, na proximidade do portão de Benjamim, a muralha não fora erguida na margem do fosso. Pelo contrário, entre a altura da vala e a base da muralha havia um penhasco de duzentos e cinquenta cúbitos, parte do íngreme Monte

Moriá. Tanto que, quando Simeão e seus companheiros chegaram ao topo da torre chamada Adoni-Bezeque, a maior de todas as torres que cercavam Jerusalém e o lugar onde geralmente aconteciam os encontros com o exército, eles olharam para o território do inimigo de uma altura que excedia, em alguns metros, a Pirâmide de Quéops e em muitos metros o Templo de Bel.

- Na verdade — suspirou o Fariseu, enquanto olhava, um pouco tonto, para o precipício —, os não circuncidados são como a areia da praia, como os gafanhotos na selva! O vale do Rei tornou-se o vale de Adumim.
- Ainda assim — acrescentou Ben-Levi —, tu não podes me apontar um Filisteu, nenhum, de Aleph a Tau, da selva aos campos de batalha, que pareça maior que a letra Yod.
- Largue esse cesto com shekels de prata! — gritou um soldado romano com uma voz áspera e feroz que parecia soar dos domínios de Plutão. — Largue o cesto com essa moeda amaldiçoada, que quebrou a mandíbula do romano que a utilizou! É assim que vocês mostram gratidão ao mestre Pompeu que, por bondade, considerou justo ouvir suas importunações idólatras? O deus Febo, um deus verdadeiro, já passou com sua carruagem faz uma hora, e vocês não chegaram às muralhas ao nascer do sol? Por Pólux! Vocês acham que nós, os conquistadores do mundo, não temos nada melhor a fazer do que esperarmos na porta de cada canil para passear com os cães da Terra? Largue o cesto! Eu ordeno! E cuide para que suas cargas tenham belas cores e um bom peso!
- El Elohim — gritou o Fariseu, enquanto os tons discordantes do centurião desgastavam as paredes do precipício e abrandavam-se contra o Templo. — El Elohim! Quem é o deus Febo? Quem é este que o blasfemador invoca? Tu, Buzi-Ben-Levi, que és versado nas leis dos pagãos e andastes entre aqueles que idolatram outros deuses, é de Nergal que o

idólatra fala? Ou de Asima? Ou de Nibaz? Ou de Tartaque? Ou de Adramaleque? Ou de

Anamalech? Ou de Sucote-Benote? Ou de Dagon? Ou de Belial? Ou de Baalberith? Ou de Baal-Peor? Ou de Belzebu?

— Na verdade, não fala de nenhum destes. Mas, tome cuidado, pois deixaste a corda escorregar entre teus dedos, e se o vime acabar por se prender no penhasco, infelizmente muitos objetos sagrados deixarão o santuário.

Com a ajuda de um mecanismo mal construído, o cesto abarrotado foi cuidadosamente abaixado até a multidão e, daquele pináculo inebriante, os Romanos foram vistos se aglomerando desordenados ao redor do recipiente, no entanto com a grande altura e a neblina, não se podia observar bem o que eles estavam fazendo.

Já havia passado meia-hora.

— Nós vamos chegar tarde demais — lamentou o Fariseu, olhando para o abismo enquanto seu tempo acabava —, nós vamos chegar tarde demais, vamos ser excluídos pelos cristãos.

— Nunca mais — respondeu Abel-Sitim —, nunca mais iremos consumir a carne da terra, nunca mais nossas barbas terão o odor de incenso, nem nos vestiremos com o linho do Templo.

— Raca! — exclamou Ben-Levi. — Raca! Será que eles pretendem nos roubar o dinheiro da compra? Ou, por Moisés! Será que estão gastando os shekels do tabernáculo?

— O sinal, enfim — gritou o Fariseu —, enfim deram o sinal! Venha, Abel-Sitim! E tu, Buzi-Ben-Levi, venha! Pois, em verdade, os Filisteus ou ainda carregam o cesto, ou o Senhor amoleceu seus corações para que colocassem ali uma fera gorda!

Os Gizbarins foram até lá enquanto seus fardos ficavam cada vez mais pesados em meio à névoa que ficava cada vez mais densa.

— Booshoh he! — foi, no fim de uma hora, que um objeto na extremidade da corda apareceu, mas ainda não se sabia o que era. — Booshoh he! — era o grito entoado pelos lábios de Ben-Levi.

— Booshoh he! Calem-se! É um carneiro da mata de Engedi, tão robusto quanto o vale de Josafá!

— É o primogênito do rebanho — disse Abel-Sitim —, reconheço o seu balir e a disposição inocente de seus membros. Seus olhos são mais belos que as joias do Peitoral e sua carne se parece com o mel de Hebrom.

— É um bezerro gordo das pastagens de Basã — observou o fariseu. — Os pagãos foram muito bondosos conosco, elevemos nossas vozes em um salmo, agradeçamos com o som da charamela e do saltério, da harpa e da flauta, do cistre e da sacabuxa.

Só depois que o cesto chegou a poucos metros dos Gizbarins é que um grunhido baixo revelou a eles um porco de tamanho incomum.

— El Emanu! — gritou o trio que, lentamente, com os olhos voltados para o céu, soltava a corda, fazendo com que o suíno caísse sobre as cabeças dos Filisteus. — El Emanu! Deus esteja conosco! É a carne suja!

— Não posso mais — disse o Fariseu, vestindo seu manto e partindo para a cidade —, não posso mais ser chamado de Simeão, que significa "aquele que ouve", mas devo ser chamado de Boanerges, "filho do trovão".

Falta de Ar

"Oh, não respire, etc." Melodias de Moore

O mais notório azar deve, no fim, referir-se à coragem infinita da filosofia, assim como a mais teimosa cidade fica em uma vigília incessante pelo inimigo. Salmanaser, como sabemos pelas escrituras sagradas, ficou três anos diante de Samaria, ainda assim, a cidade caiu. Sardanápalo (consulte Diodoro) ficou sete anos em Nínive, mas não adiantou de nada. Troia expirou no fim do segundo lustro e Azoth, como Aristeu jura por sua honra como cavalheiro, por fim abriu os portões a Psamético, depois de tê-los guardado pela quinta parte de um século...

— Miserável! Megera! Víbora! — disse à minha esposa na manhã que seguiu nosso casamento. — Bruxa! Feiticeira! Pretensiosa! Poço de perversidade! Face infernal, quintessência de tudo que é abominável! Sua... Sua...

Neste momento, sobre a ponta dos pés, segurando-a pela garganta e colocando minha boca próxima ao seu ouvido, estava me preparando para proferir um novo e mais direto epíteto de vexame que não falharia, se eu o dissesse, em convencê-la de sua insignificância, quando, para o meu extremo horror e surpresa, descobri que estava sem ar.

As frases "estou sem ar", "perdi a respiração", etc., são bastante repetidas nas conversas comuns, mas nunca ocorreu a mim que o terrível incidente do qual falo pudesse acontecer de verdade! Imagine, isto é, se você tiver um veio criativo, eu peço, imagine minha surpresa, minha consternação, meu desespero!

No entanto, há um bom gênio que nunca me abandonou por completo. Em meu humor mais incontrolável, ainda retenho um pouco de propriedade, e o caminho das paixões me conduz, como o Milorde Eduardo diz ter acontecido a ele em "Júlia", à verdadeira filosofia.

Apesar de, num primeiro momento, não conseguir definir de forma precisa com que intensidade tal ocorrência havia me afetado, decidi esconder o acontecido de minha mulher, até que pudesse descobrir, depois de mais experiências, a dimensão desta calamidade desconhecida. Assim, logo mudando minha expressão da aparência fechada e distorcida para uma expressão de bondade sábia e sedutora, dei um leve tapa em uma das bochechas de minha dama e um beijo na outra, sem dizer uma sílaba (furioso, pois não podia fazê-lo) e, deixando-a perplexa com minha brincadeira, saí do quarto fazendo um passo de balé. Observe-me, então, escondido em segurança no meu refúgio privado, mergulhado no medo das

consequências de minha irritabilidade. Vivo com as qualidades de um morto, morto com as inclinações dos vivos, uma anomalia na face da Terra, muito calmo, mas sem ar.

Sim! Sem ar. Falo muito sério quando afirmo que estava completamente sem ar. Não poderia nem mesmo ter movido uma pena ao assoprá-la se minha vida estivesse em jogo, nem mesmo manchado a delicadeza de um espelho. Cruel destino! Ainda assim, havia certo alívio ao primeiro ataque esmagador de meu luto. Concluí, após uma reflexão, que os poderes de elocução que imaginei, após minha incapacidade de continuar a conversa com minha esposa, estarem completamente destruídos, estavam apenas em parte impedidos, e descobri que se tivesse, em meio àquela interessante crise, diminuído minha voz para um tom profundo e gutural, poderia ter continuado a comunicar meus sentimentos a ela. Este tom de voz (gutural) depende, pelo que concluí, não da corrente de ar, mas de certas ações espasmódicas dos músculos da garganta.

Atirando-me numa cadeira, permaneci absorto em meditação por um tempo. Mas, esteja certo de que minhas reflexões não me consolavam. Mil ideias vagas e lacrimogêneas tomaram posse de minha alma, até mesmo a ideia de suicídio passou pelo meu cérebro, mas é um traço perverso da natureza humana rejeitar o óbvio e imediato pelas ideias distantes e equivocadas. Assim, estremeci face ao autocídio como a maior das atrocidades, enquanto o gato malhado ronronava sem

parar sobre o tapete e o cão d'água bufava insistente sob a mesa, cada um exibindo o grande mérito da força de seus pulmões, tais ações sendo um óbvio escárnio à minha capacidade pulmonar.

Oprimido por um tumulto de medos e esperanças vagas, ouvi, por fim, os passos de minha esposa descendo as escadas. Estando agora certo de sua ausência, retornei com o coração palpitante à cena do desastre.

Trancando a porta com cuidado, iniciei uma vigorosa busca. Pensei que fosse possível que, escondido em algum canto obscuro ou espreitando em algum armário ou gaveta, poderia estar o objeto oculto de minha investigação. Poderia ter uma forma invisível, ou até mesmo tangível. A maioria dos filósofos não é muito filosófica frente a vários pontos da filosofia. No entanto, William Godwin diz em "Mandeville" que "as coisas invisíveis são as únicas coisas reais" e esse, como tudo confirma, é o caso em questão. Eu pediria que o leitor sensato fizesse uma pausa antes de dizer que tais afirmações carregam uma quantidade indevida de absurdos. Deve-se lembrar que Anaxágoras afirmou que a neve era preta e, desde então, descobri que isto era verdade.

Continuei a investigação por muito tempo e com determinação, mas a recompensa desprezível de meu trabalho e perseverança foi uma dentadura, dois ossos do quadril, um olho e um monte de bilhetes amorosos do Sr. Muivento à minha esposa. Devo observar que a confirmação da preferência de minha dama

pelo Sr. M. me deixou um pouco desequilibrado. O fato da Sra. Falta D'Ar admirar uma

coisa tão diferente de mim era um mal natural e necessário.

Todos sabem que tenho uma aparência robusta e corpulenta ao

mesmo tempo em que sou um pouco
diminuto em estatura. Com que
encanto, então, a finura de

meu conhecido e sua altura, que se tornou um provérbio,
os olhos da senhora Falta D'Ar o estimariam? Mas, retornemos.

Meusesforços provaram ser, como disse antes,

inúteis. Armário após armário, gaveta
após gaveta, canto após canto foram

vasculhados para nada. No entanto, em um momento

pensei ter minha recompensa em mãos: após vasculhar
uma mala, derrubei um vidro do Óleo dos Arcanjos de
Grandjean que, sendo um bom perfume, tomo aqui a liberdade
de recomendá-lo.

Com o coração pesado, voltei ao meu quarto, ponderando
sobre algum método para desviar a fixação de minha esposa
até que pudesse conseguir deixar o país, pois estava decidido a
fazer isto. Sendo desconhecido numa terra de clima estrangeiro,
poderia, com certa chance de sucesso, fazer esforços para
esconder a minha infeliz calamidade, uma calamidade
preparada, até mais que a pobreza extrema, para afastar o
interesse da multidão e para atrair ao desgraçado a bem-

intencionada indignação dos virtuosos e felizes. Eu não hesitei por muito tempo: sendo uma pessoa de natureza ágil, comprometi-me a memorizar toda a tragédia de Metamora. Tive a sorte de lembrar que no clímax do drama, ou pelo menos na parte dele que é dedicada ao herói, os tons de voz que eram deficientes a mim eram desnecessários, e esperava-se que o gutural profundo reinasse monótono durante todo o trecho.

Pratiquei, por um tempo, na margem de um pântano bastante frequentando, no entanto, não fazia referência ao procedimento similar feito por Demóstenes, mas o fazia por um desígnio peculiar e de consciência própria. Assim, com todos os trechos decorados, decidi fazer com que minha esposa acreditasse que fui atingido de súbito por uma paixão pelo palco. Foi um milagre ter sucesso nesta missão

e, para cada pergunta ou sugestão, senti-me na liberdade de responder em meu tom sepulcral de sapo com alguma passagem da tragédia, já que qualquer passagem, como logo tive o grande prazer de observar, se aplica muito bem a qualquer assunto tratado. Porém, não se deve supor que, na entrega de tais passagens, deixei de olhar de lado, mostrar os dentes, mexer os joelhos, cruzar os pés ou deixar, de qualquer forma, de fazer estes atos exóticos que são considerados, com razão, as características de um artista popular. Para dizer a verdade, eles falaram de me colocar uma camisa de força, mas, bom Deus! Nunca suspeitaram que eu tivesse perdido o ar.

Tendo, enfim, resolvido todos os meus problemas, tomei meu lugar muito cedo na carruagem, dando a entender aos meus conhecidos que negócios de grande importância exigiam a minha presença imediata naquela cidade.

A carruagem estava lotada, mas, no crepúsculo, as faces dos meus companheiros não podiam ser identificadas. Sem apresentar uma grande resistência, apertei-me entre dois cavalheiros de dimensões colossais, enquanto um terceiro, ainda maior, pedindo perdão pela liberdade que estava prestes a tomar, atirou-se com tudo sobre meu corpo e dormiu num instante, silenciando todos os meus gritos guturais por alívio com um ronco que tornava pífios os rugidos do touro de bronze. Por sorte, o estado de minhas faculdades respiratórias fez com que qualquer acidente por falta de ar estivesse fora de questão.

Como, no entanto, o dia raiou ainda mais no momento em que nos aproximávamos dos arredores da cidade, meu carrasco, levantando-se e arrumando seu colarinho, me agradeceu de forma muito amigável por minha civilidade. Vendo que permaneci imóvel (todos os meus membros foram deslocados e minha cabeça foi virada para o lado), ele começou a ficar agitado e, fazendo com que o resto dos passageiros se levantasse, comunicou, muito certo do que dizia, que havia sido colocado, no lugar de um viajante vivo

e responsável, um homem morto, acertando-me com uma pancada no olho direito como forma de demonstrar a veracidade de sua sugestão.

Feito isto, todos, um após o outro, (havia nove homens) acreditaram que era seu dever puxar-me pelas orelhas. Além disso, um jovem médico, depois de colocar um espelho em frente à minha boca e ver que eu não respirava, atestou verdadeira a afirmação de meu algoz e todo o grupo expressou a determinação de não tolerar de forma tão tranquila tais imposições no futuro e não seguir viagem com nenhuma carcaça.

Cumprindo, assim, com a decisão, fui jogado para fora em frente à placa do "Corvo" (taverna em frente a qual a carruagem estava passando) sem sofrer nenhuma lesão além de dois braços quebrados, sob a roda traseira do lado esquerdo do veículo. Mas, devo fazer justiça ao cocheiro, pois ele não se esqueceu de atirar, depois de mim, a maior de minhas malas que, infelizmente, caindo sobre minha cabeça, fraturou meu crânio de forma interessante e extraordinária.

O dono do "Corvo", um homem hospitaleiro, ao ver que minha bagagem continha o suficiente para indenizá-lo por qualquer transtorno que ele tivesse comigo, enviou-me a um cirurgião que ele conhecia e deixou-me aos seus cuidados por um preço e um recibo de dez dólares.

O comprador me levou aos seus aposentos e logo começou as operações. No entanto, ao cortar minhas orelhas, ele viu sinais de vida. Com isso, tocou a campainha e chamou pelo vizinho boticário, que pretendia consultar na emergência. No caso de suas suspeitas em relação à minha existência se confirmarem, ele, naquele meio-tempo, fez uma incisão em minha barriga e removeu parte de minhas vísceras, no que foi uma dissecação particular.

O boticário acreditava que eu estava mesmo morto, crença que eu me esforçava para contrariar chutando e me balançando com todo esforço, contorcendo-me furioso, pois

as operações do cirurgião tinham, até certo ponto, restaurado a posse de minha consciência. Mas tudo isso foi atribuído aos efeitos de uma nova bateria galvânica com a qual o boticário, que é mesmo um homem muito bem informado, conduziu vários experimentos curiosos sobre os quais, pela minha contribuição pessoal para que fossem concluídos, não pude evitar estar muito interessado. Apesar disso, foi motivo de humilhação para mim o fato de, apesar das várias tentativas de conversar, minha capacidade discursiva estar tão prejudicada que eu não podia nem mesmo abrir minha boca, muito menos, então, responder a algumas teorias engenhosas, mas fantasiosas, que, sob outras circunstâncias, meu conhecimento particular sobre a patologia hipocrática teria me permitido fornecer uma contestação imediata.

Sem conseguir chegar a uma conclusão, os homens da ciência me prepararam para mais exames. Fui levado a um sótão, a mulher do cirurgião me vestiu com meias e uma roupa de baixo, o cirurgião prendeu minhas mãos e minha mandíbula com um lenço de bolso. Depois, trancou a porta pelo lado de fora enquanto se apressava para o jantar, deixando-me sozinho em silêncio e meditação.

Descobri, para a minha extrema felicidade, que poderia falar caso minha boca não estivesse amarrada pelo lenço.

Consolando-me com esta reflexão, estava repetindo mentalmente algumas passagens de "A Onipresença de Deus", como é de meu costume antes de repousar, quando dois gatos de natureza gananciosa e atrevida entraram por um buraco na parede, saltaram com um floreio à catalã e, posicionando-se um de cada lado de minha face, envolveram-se numa disputa indecorosa pela mesquinharria da posse de meu nariz.

Mas, assim como a perda das orelhas de Ciro o elevou ao trono da Pérsia e, ao cortar seu nariz, Zópiro tomou posse da Babilônia, a perda de alguns gramas de minha face provaria ser a salvação de meu corpo. Despertado pela dor

e queimando de indignação, quebrei, com um único esforço, as amarras e a bandagem. Andando pelo cômodo, lancei um olhar de desprezo aos criminosos e, abrindo a janela para seu extremo horror e decepção, atirei-me, com muita habilidade,

pela janela. O ladrão de correspondências, Sr. W., com quem eu compartilhava uma semelhança peculiar, estava indo, neste momento, da cadeia ao cadafalso construído para sua execução no subúrbio. Sua enfermidade extrema e contínua saúde fraca concederam a ele o privilégio de permanecer sem algemas. Usando suas vestes destinadas à forca, muito similares às que eu usava, ele estava deitado na carroça do carrasco (que estava sob a janela do cirurgião no momento de minha queda) sem qualquer outro guarda além do condutor, que estava dormindo, e dois recrutas da sexta infantaria, que estavam bêbados.

E, por dar sorte ao azar, aterrissei com os dois pés no veículo. Imediatamente, ele saltou e, depois de virar um beco, desapareceu num piscar de olhos. Os recrutas, despertados pela confusão, não entenderam por completo a transação. No entanto, vendo um homem, a cópia precisa do criminoso, de pé na carroça diante de seus olhos, eles se endireitaram (ou pelo menos pareceram fazer isso) e, depois de trocarem uma ideia, cada um tomou uma dose e me derrubaram com os cabos de suas armas.

Não demorou muito até que chegássemos ao nosso destino. É claro que eu não podia dizer nada em minha defesa. O enforcamento era meu destino inevitável. Logo, conformei-me e passei a me sentir meio estúpido, meio rabugento. Sendo um pouco cínico, tinha todos os sentimentos de um cachorro. O

carrasco, por outro lado, ajustou a corda ao redor de meu pescoço. O alçapão caiu.

Eu não pretendo descrever meus sentimentos na forca, apesar de que, aqui, não há dúvidas de que posso falar sobre o assunto, pois é um tópico que nunca foi muito bem abordado. Na verdade, para escrever sobre tal tópico, é

necessário ter sido enforcado. Todos os autores deveriam reservar-se a coisas que já viveram, assim como Marco Antônio, que escreveu um tratado sobre ficar bêbado.

No entanto, posso mencionar que, ao menos, morrer eu não morri. Meu corpo estava suspenso, mas eu não tinha ar para ser suspenso e, se não fosse pelo nó sob minha orelha esquerda (que parecia uma espada), ousou dizer que teria sentido pouco incômodo. Quanto ao apertão sentido em meu pescoço na queda do alçapão, ele provou ser apenas uma medida corretiva à torção causada pelo cavalheiro gordo na carruagem.

Mas, por boas razões, fiz meu melhor para dar à plateia o espetáculo esperado por eles. Disseram que minhas convulsões foram extraordinárias. Seria difícil superar os meus espasmos. O povo pedia por mais. Vários cavalheiros desmaiaram e uma multidão de mulheres foi carregada para casa em histeria. Pinxit aproveitou a oportunidade para retocar, com a ajuda de um rascunho feito no local, sua admirável pintura "Marsias esfolado vivo".

Quando eu já tinha conferido diversão o suficiente, julgaram apropriado retirar meu corpo da força, especialmente porque o verdadeiro culpado tinha sido capturado e reconhecido no meio tempo, um fato que tive muito azar de não saber.

É claro que muita simpatia foi dirigida à minha pessoa e, como ninguém reivindicou meu corpo, foi ordenado que eu fosse enterrado numa vala comum, na qual, depois do devido tempo, fui depositado. O sacristão foi embora e eu estava sozinho. Um verso do "Descontente", de Marston: "A Morte é uma boa amiga que sempre está de portas abertas" me atingiu naquele momento como uma mentira palpável.

Mas, chutei a tampa de meu caixão e saí. O lugar era muito sombrio e úmido, e fui tomado pelo tédio. Como forma de me distrair, caminhei em meio aos vários caixões enfileirados por ali. Levantei todos, um por um, quebrando

suas tampas, e ocupei-me fazendo especulações sobre a morte ali contida.

— Este — disse a mim mesmo, tropeçando sobre uma carcaça inchada, dilatada e redonda —, este foi, sem dúvidas, em todos os sentidos da palavra, um homem infeliz e azarado. Seu fardo terrível foi rebolar e não andar por aí, passar a vida não como um ser humano, mas como um elefante; não como um homem, mas como um rinoceronte.

— Suas tentativas de andar não passaram de tentativas e seus movimentos foram um fracasso visível. Ao dar um passo à frente, ele tinha o azar de dar dois para a direita e três para a esquerda. Seus estudos limitavam-se à poesia de Crabbe. Ele não tinha nem ideia da concepção de uma pirueta. Para ele, um passo de dança era um pensamento abstrato. Ele nunca subiu uma montanha ou uma colina. Nunca avistou de um campanário a glória de uma metrópole. O calor era seu inimigo mortal. Seus dias de cão eram como os dias de um cachorro. Nesses momentos, ele sonhava com chamas e asfixia, montanhas e mais montanhas, com o monte Pelion sobre o monte Ossa. Ele estava com falta de ar, para resumir, estava com falta de ar. Ele achava extravagante tocar instrumentos de sopro. Ele foi o inventor dos ventiladores automáticos, das velas e dos respiradores. Ele era patrocinador de Du Pont, o fabricante de gaitas de fole, e morreu de um jeito miserável: tentando fumar um cigarro. O seu caso muito me interessa, e com ele muito simpatizo.

— Mas aqui — disse —, aqui — e retirei por maldade de seu receptáculo um corpo magro, alto e de forma peculiar, cuja aparência marcante me atingiu com uma sensação de familiaridade desagradável. — Aqui está um miserável que não merece nenhuma simpatia terrena.

Depois de dizer isso, para obter uma visão mais distinta de meu súdito, o peguei pelo nariz com meu polegar e o dedo indicador. Deixando-o sentado no chão, eu o segurei nesta

posição, à distância de meu braço, enquanto continuei meu monólogo.

— Não merece — repeti — nenhuma simpatia terrena. Quem de fato pensaria em ter compaixão por uma sombra? Além disso, não teve sua cota de bênçãos durante seu tempo como mortal? Ele foi o inventor dos monumentos altos, torres de artilharia, para-raios, dos choupos da Lombardia. Seu tratado sobre "Matizes e Sombras" o imortalizou. Ele editou com uma habilidade marcante a última edição de South sobre ossos. Foi cedo para a faculdade e estudou os gases. Depois, voltou para casa, falou sem parar e tocou a trompa. Ele patrocinou as gaitas de fole. O Capitão Barclay, que correu contra o Tempo, não correria contra ele. Seus escritores favoritos eram Windham e Tudoar, seu artista favorito, Phiz. Ele morreu de forma gloriosa enquanto inalava gás. Uma leve brisa o corrompeu, como a fama pudica na carta de São Jerônimo.

— Como você pode? Como... Você... Pode? — interrompeu o objeto de minhas suposições, implorando por ar e rasgando, com um esforço desesperado, as ataduras em sua mandíbula.

— Como você pode, Sr. Falta D'Ar, ser tão cruel a ponto de me beliscar desse jeito pelo nariz? Você não viu como prenderam a minha boca? E você deveria saber, se é que sabe de alguma coisa, quão vasta é a quantidade de ar que eu tenho para desperdiçar! No entanto, se não sabe, sente-se e verá. Na minha situação, é mesmo um grande alívio conseguir abrir a

boca de alguém, conseguir discorrer, conseguir me comunicar com alguém como você, que não é chamado de tempos em tempos para interromper o discurso de um cavalheiro. As interrupções são irritantes e, sem dúvidas, deveriam ser abolidas, não acha? Não, responda, eu imploro, é suficiente que uma pessoa fale por vez, eu vou terminar logo, logo, e aí você poderá começar. Como diabos você entrou nesse lugar? Nem uma palavra, eu imploro, eu estou aqui há um tempo, um acidente terrível. Suponho que você tenha ouvido falar. Uma terrível

calamidade! Estava andando debaixo da sua janela, já tem um tempo, mais ou menos na hora que te acertaram com a carroça, uma ocorrência horrível, ouviu alguém falar sobre "pegar um ar", não é? Eu te digo, segure essa língua! Eu peguei o de outra pessoa, sempre tive ar demais, encontrei Blá na esquina da rua, não me deixou falar uma palavra sequer, não podia nem mesmo falar uma sílaba, tive, por isso, um ataque de epilepsia. Blá fugiu, malditos tolos! Eles acharam que eu estava morto e me colocaram neste lugar, muito bonito! Ouvi tudo que você falou sobre mim. Cada palavra uma mentira. Horrível! Inacreditável! Ofensivo! Chocante! Incompreensível! Etc., etc., etc., etc.

É impossível conceber minha surpresa com um discurso tão inesperado, ou a alegria com a qual eu me convenci gradualmente que o ar pego de forma tão conveniente pelo

cavalheiro (que logo reconheci ser meu vizinho Muivento) era, na verdade, a expiração idêntica àquela que liberei na conversa com minha esposa. O tempo, o lugar e as circunstâncias não deixavam sobrar dúvidas. No entanto, ao menos durante o longo período no qual o inventor dos choupos da Lombardia continuou a dar suas explicações, não larguei seu nariz.

Quanto a isso, fui influenciado pelo cuidado habitual que sempre foi meu traço predominante. Refleti que muitas dificuldades ainda podiam estar no caminho de minha sobrevivência, dificuldades que apenas o esforço extremo de minha parte seria capaz de superar. Considerei que muitas pessoas estão propensas a estimar seus bens, não importa quão baixo seja esse valor ao proprietário, quão problemático ou estressante, ao comparar com as vantagens que outras pessoas teriam ao obtê-las, ou ele mesmo ao livrar-se dela. Não seria esse o caso do Sr. Muivento? Ao mostrar o quanto ansiava pelo ar que ele estava tão disposto a dispensar, não estaria deixando-me ser vítima de sua avareza? Lembrei-me com um lamento que há ladrões neste mundo que não terão escrúpulos para

tomar vantagem até mesmo de seu vizinho, e (esta observação é de Epiteto) é exatamente no momento em que os homens estão mais ansiosos para livrar-se do fardo de suas próprias calamidades que se sentem com menos vontade de jogá-los aos outros.

Ao fazer considerações similares a esta, e ainda segurando o nariz do Sr. M., pensei ser apropriado, portanto, formular minha resposta.

— Monstro! — comecei em tom de profunda indignação. — Monstro, idiota de dois respiros! Fostes tu, que por tuas perversidades fez com que o céu o amaldiçoasse com dupla respiração, fostes tu, eu pergunto, que quisestes dirigir-se a mim na linguagem familiar que usaria com um velho amigo? E "segure essa língua", com certeza! Uma bela conversa para um cavalheiro com apenas uma respiração! Além disso, tenho em mãos o poder que aliviar a calamidade que tanto o faz sofrer, de acabar com o excesso de sua infeliz respiração.

Como Brutus, pausei para uma resposta, com a qual o Sr. Muivento, como um tornado me sobrecarregou. Protestos e mais protestos se seguiram, além de desculpas e mais desculpas. Não havia termos com os quais ele não estava disposto a concordar, e não havia nada que eu falhava em tomar a maior vantagem possível.

Burocracias enfim superadas, meu conhecido entregou-me a respiração, pela qual (após examiná-la com cuidado) dei a ele um recibo.

Tenho a consciência de que muitos irão me culpar por falar de modo tão precipitado sobre uma transação tão abstrata. Pensarão que eu deveria ter entrado em detalhes de forma mais minuciosa no que diz respeito à ocorrência sobre a qual (e

isto é muito verdade) se pode lançar muitas novas luzes, considerando um interessante ramo do fisicalismo.

Lamento que eu não possa responder nada disso. A única resposta que posso dar é uma dica. Havia circunstâncias..., mas, depois de refletir, creio ser muito mais seguro dizer o

menos possível sobre um assunto tão, tão delicado, e repito que havia circunstâncias naquela época que envolviam os interesses de um terceiro cujo ressentimento sulfuroso não tenho o menor desejo, no momento, de expor.

Não demoramos muito, após este necessário arranjo, para escaparmos das masmorras do sepulcro. A força unida de nossas vozes ressuscitadas logo pôde ser percebida. Scissors, o editor do partido liberal, republicou um tratado sobre "a natureza e a origem dos barulhos subterrâneos". Uma réplica, uma tréplica, uma confutação e uma justificativa nas colunas de um jornal democrata. Só depois que abriram a cova para encerrar a controvérsia, é que a minha aparição e a do Sr. Muivento provou que os dois partidos estavam errados.

Não posso concluir estes detalhes sobre passagens muito singulares numa vida bastante agitada sem chamar a atenção do leitor outra vez para os méritos daquela filosofia indiscriminada que é um escudo firme e preparado contra aqueles veios de calamidade que não podem ser vistos, sentidos ou compreendidos como um todo. No espírito desta

sabedoria que, entre os antigos hebreus, acreditava-se que os portões do céu estariam abertos àquele pecador ou santo que, com bons pulmões e uma confiança implícita, vociferasse a palavra "Amém". Foi no espírito desta sabedoria que, quando uma grande praga assolou Atenas e todos os meios de eliminá-la foram em vão, Epimênides, como Laércio relata em seu segundo livro sobre o tal filósofo, aconselhou que erguessem um santuário e um templo "ao Deus certo".

LYTTLETON BARRY.

Bon-Bon

"Quando bebo um bom conhaque Me torno mais erudito que Balzac,

Mais sábio que Pibrac. Meu braço faz o ataque À nação do Cossaco

Que sofreria grande baque. Dormindo num caiaque

No Charon espero que atraque, A Éaco vou sem contra-ataques

Nem com meu coração em tique-taques Oferecê-lo um pouco de tabaco."

Canção francesa.

Imagino que nenhum homem que frequentasse o pequeno café Le Febvre, numa rua sem saída em Rouen, durante o reinado de..., irá se sentir na liberdade de questionar o fato de que Pierre Bon-Bon era um dono de restaurante de qualificações incomuns. O fato de que Pierre Bon-Bon era, em igual dimensão, muito proficiente na filosofia daquele período é, presumo, inegável de um modo ainda mais especial. Suas tortas eram, sem dúvidas, imaculadas, mas qual escrita poderia fazer justiça aos seus ensaios sobre o caráter, seus pensamentos sobre a alma, suas observações sobre o espírito? Se suas omeletes e seus fricandeaux eram inestimáveis, que literatura daquela época não daria o dobro que deu ao lixo que

são todas as "Idées" de outros sábios por uma "Ideé de Bon-Bon"? Bon-Bon já havia explorado bibliotecas que nenhum outro homem havia explorado, já havia lido mais que a ideia de leitura

idealizada por qualquer um, entendido mais que qualquer um teria concebido a possibilidade de entender e, apesar de que, enquanto ele prosperava, havia alguns autores em Rouen que afirmavam que "seus ditos não alcançavam nem a pureza da Academia nem a profundidade do Liceu", marque minhas palavras: suas doutrinas não eram, de forma alguma, compreendidas como um todo, ainda assim, não se considerava que elas fossem muito difíceis de compreender. Acredito que isso acontecia devido à sua crença de que muitas pessoas estavam inclinadas a considerá-las confusas. Bon-Bon as considerava, mas não deixemos isto se estender, Bon-Bon considerava que o próprio Kant era muito mal creditado por sua metafísica. Ele não era mesmo um platonista, nem um aristotélico, se falarmos de forma conservadora, ele também não gastou, como o moderno Leibnitz, aquelas preciosas horas que poderiam ser empregadas na invenção de um fricassê, ou de um *facili gradu*, na análise de uma sensação, em tentativas frívolas de reconciliar os óleos obstinados e as águas da discussão ética. De forma alguma. Bon-Bon era Iônico, assim como Bon-Bon era Itálico. Ele argumentava *à priori*, ele também argumentava *à posteriori*. Suas ideias eram inatas, ou

não. Ele acreditava em Jorge de Trebizonda. Ele acreditava em Bessarion. Para ser enfático, Bon-Bon era um... Bon-Bonista.

Já falei do metafísico em relação à sua capacidade como dono de restaurante. No entanto, não faria amigo algum meu imaginar que, ao cumprir com seus deveres hereditários em tal aspecto, nosso herói quisesse algum reconhecimento de sua dignidade e importância. Longe disso. Era impossível dizer de qual ramo de sua profissão ele mais se orgulhava. Sua opinião era de que os poderes do intelecto tinham uma conexão íntima com as capacidades do estômago. Mas, não tenho certeza absoluta de que ele discordava totalmente dos chineses, que dizem que a alma reside no abdômen. Em todo caso, ele pensava

que os gregos, que empregaram a mesma palavra para a mente e para o diafragma, estavam certos. Com isso, não tenho a intenção de insinuar uma acusação de gula ou qualquer outra séria afirmação que prejudicasse o metafísico. Se Pierre Bon-Bon tinha seus defeitos, (que grande homem não tem mil?), eu digo que, se Pierre Bon-Bon tinha seus defeitos, eram defeitos de pouquíssima importância. Defeitos que, na verdade, são comumente associados a virtudes em outras pessoas. No que diz respeito a um destes pontos fracos, eu não deveria nem mesmo mencioná-lo nesta história, a não ser por sua marcante proeminência, um extremo alto-relevo, com a

qual ele se destacava no plano de sua disposição geral. Ele nunca deixava escapar a oportunidade de barganhar.

Não é que ele fosse avarento, não. Não era, de forma alguma, necessário à satisfação do metafísico que a barganha fosse a seu favor. Desde que uma troca pudesse ser efetuada, uma troca de qualquer natureza, sob quaisquer termos ou circunstâncias, depois de sua realização podia-se ver um sorriso iluminando seu rosto por muitos dias, além de uma piscadela para evidenciar sua esperteza.

Em qualquer época, não seria muito bom se um hábito tão peculiar como o que eu acabei de mencionar atraísse atenção e admiração. Caso esta peculiaridade não tivesse atraído atenção na época de nossa narrativa, com certeza teria sido admirada. Logo, foi relatado que, em todas as ocasiões do tipo, o sorriso de Bon-Bon tendia a diferir bastante do sorriso aberto com o qual ele ria de suas próprias piadas ou recebia um amigo. Palpites de natureza empolgante surgiam, histórias de perigosas barganhas feitas com pressa e que causaram arrependimento depois, e eram citados exemplos de habilidades inexplicáveis, desejos vagos e inclinações sobrenaturais estabelecidas pelo autor de todo mal por seus próprios interesses.

O metafísico tinha outras fraquezas, mas elas não chegam a merecer nossa séria análise. Por exemplo, há poucos homens de

profundidade extraordinária que não têm uma inclinação pela bebida. Se essa inclinação é uma causa incrível, ou então uma justificativa de tal profundidade, é uma coisa que não se pode provar. Bon-Bon, até onde sei, não acreditava que o assunto merecia uma investigação minuciosa, e eu também não. Ainda assim, mesmo na condição de uma propensão tão clássica, não se deve supor que o dono de restaurante perdesse de vista aquela discriminação intuitiva que costumava sempre caracterizar tanto seus ensaios quanto suas omeletes. Em seus momentos de reclusão, o Vinho da Borgonha tinha seu lugar reservado, e havia momentos apropriados para os Vinhos do Vale do Rhône. Para ele, o Sauternes era ao Médoc o que Catulo era para Homero. Ele podia jogar com silogismo ao beber um Saint-Péray, mas resolvia uma discussão com um Clos de Vougeot e questionava uma teoria com uma torrente de Chambertin. Teria sido bom se o mesmo sentimento de propriedade o tivesse alcançado em relação a propensão às futilidades que citei, mas esse não era, de jeito algum, o caso. Para dizer a verdade, aquele aspecto mental do filosófico Bon-Bon havia começado a assumir, enfim, um caráter de estranha intensidade e misticismo, e parecia profundamente manchado com a bruxaria de seus estudiosos alemães favoritos.

Adentrar o pequeno café Le Febvre na rua sem saída era, na época de nossa história, adentrar o santuário de um gênio. Bon-Bon era um gênio. Não havia um sub-chef em Rouen que não lhe dissesse que Bon-Bon era um gênio. Até mesmo seu

gato sabia disso, e evitava abanar sua cauda na presença de um gênio. Seu grande cão d'água estava familiarizado com o fato e, quando seu mestre se aproximava, ele traía seu sentimento de inferioridade por uma santidade de conduta, um rebaixamento das orelhas e uma queda da mandíbula nada comuns a um cachorro. No

entanto, é verdade que muito desse habitual decoro podia ser atribuído à aparência do metafísico. Fico constrangido em dizer que um exterior distinto terá seu efeito mesmo sobre uma fera, e estou disposto a considerar que muito da aparência do dono de restaurante contribuía para impressionar a imaginação do quadrúpede. Há uma majestade peculiar na atmosfera dos pequenos gigantes, se é que sou permitido a usar uma expressão tão equivocada, que o mero porte físico será sempre ineficiente em criar. Se, no entanto, Bon-Bon não tivesse nem um metro de altura e se sua cabeça fosse extremamente minúscula, ainda assim seria impossível admirar a esfericidade de seu abdômen sem uma sensação de magnificência que quase chega ao sublime. Em relação ao seu tamanho, tanto cães como homens devem ter visto um pouco de seus conhecimentos em sua imensidão, uma habitação adequada a uma alma imortal.

Eu poderia aqui, se quisesse, estender-me sobre o assunto dos trajes e outras circunstâncias fúteis da aparência exterior do metafísico. Poderia dizer que o cabelo de nosso herói era curto,

muito bem penteado sobre sua testa e coroado com uma touca cônica feita de flanela branca e pendentess; que seu colete verde ervilha não seguia a moda daqueles vestidos usados pela classe dos donos de restaurantes daqueles dias; que as mangas eram mais cheias que o costume dominante permitia e que eram dobradas para cima, um costume incomum naquele período bárbaro, feitas de um tecido da mesma cor e da mesma qualidade que a outra peça, mas coberta de modo mais nobre, com o veludo multicolorido de Gênova; que seus calçados eram de um roxo vivo, incrivelmente chiques, e poderiam ter sido fabricados no Japão, se não fosse pelo acabamento requintado dos dedos e os tons reluzentes das costuras e dos bordados; que suas calças eram de um tecido amarelo parecido com seda, mas que se chamava aimable; que seu manto azul céu, lembrando uma espécie

de invólucro e coberto de suntuosos enfeites carmesim flutuava sobre seus ombros como a neblina da manhã, e que o conjunto completo inspirava as marcantes palavras de Benevenuta, a Improvisadora de Florença, "que era difícil dizer se Pierre Bon-Bon era mesmo uma ave do Paraíso ou então o próprio Paraíso da perfeição"; poderia discorrer sobre todos esses pontos se quisesse, mas não o farei, meros detalhes pessoais podem ser deixados para os romancistas históricos, eles estão além da dignidade moral da verdade.

Eu disse que "adentrar o café Le Febvre na rua sem saída era adentrar o santuário de um gênio", mas, naquele tempo, ele era o único gênio que podia estimar devidamente os méritos do santuário. Uma grande placa de madeira balançava na entrada. Em um lado, havia o desenho de uma garrafa, no verso, o de um doce. Deste lado, também era possível ver, escrito em letras grandes, "feitos de Bon-Bon". Assim, a dupla ocupação do proprietário era retratada de um modo delicado.

Da calçada, era possível observar todo o interior da construção, que se deixava ser apreciado. Um cômodo grande, silencioso e antigo compunha toda a acomodação oferecida pelo Café. Em um canto do local ficava a cama do metafísico. Várias cortinas, juntas a um dossel à grega, davam um ar absolutamente clássico e confortável. No canto oposto desta mesma diagonal, estava, na mesma comunhão familiar, os domínios da cozinha e a biblioteca. Uma louça de controvérsias descansava em paz sobre o armário. Aqui havia um forno cheio das últimas éticas, acolá uma chaleira de duodecimo melanges. Volumes sobre a moral alemã eram como unha e carne com a grelha, um garfo ficava ao lado de Eusébio, Platão ficava reclinado tranquilo na frigideira e manuscritos contemporâneos eram arquivados sobre o fogão.

Em outros aspectos, era possível dizer que o Café de Bon- Bon pouco se diferenciava dos outros restaurantes do

período. Uma grande lareira bocejava em frente à porta. Ao lado direito da lareira, uma cristaleira exibia uma formidável coleção de garrafas rotuladas.

Foi nesse lugar que, um dia, à meia-noite de um inverno rigoroso, Pierre Bon-Bon, depois de ouvir alguns comentários de seus vizinhos sobre sua singular propensão, os atirou para fora da casa, trancou a porta em frente a eles com raiva e retirou-se com um humor nada pacífico para o conforto de uma poltrona de couro e da lareira com suas labaredas radiantes.

Era uma daquelas noites terríveis que só se dão uma ou duas vezes em um século. Nevava muito e a casa oscilava com as rajadas de vento que, entrando pelas fissuras da parede e descendo poderosas pela lareira, agitavam as cortinas da cama do metafísico e desorganizavam a economia de suas painéis e de seus papéis. O cartaz gigante que balançava do lado de fora, exposto à fúria da tempestade, rangia ameaçador e soltava um suspiro de seus pilares firmes de carvalho.

Não foi com um temperamento tranquilo que o metafísico arrastou sua poltrona para o lugar costumeiro diante da lareira. Muitas circunstâncias de natureza inacreditável haviam se dado durante o dia para perturbar a serenidade de suas meditações. Ao tentar fazer os ovos à la princesse, ele cozinhou, por azar, uma omelete à la reine, a descoberta de um princípio ético havia sido frustrada pela queda de uma sopa e, por último, mas não menos importante, ele havia sido contrariado numa daquelas admiráveis barganhas que ele sempre tinha um prazer

especial em encerrar com sucesso. Mas, ao desgaste de sua mente com essas adversidades sem importância, foi misturado um pouco daquela ansiedade e do nervosismo que a fúria de uma noite tempestuosa consegue produzir com tanta precisão. Chamando seu companheiro mais próximo, o grande cão d'água preto do qual já falamos, e se instalando com dificuldade em sua cadeira, ele não pôde evitar voltar

seus olhos atentos e inquietos para aqueles cantos distantes do local, cujas sombras persistentes não desapareciam nem mesmo com o fogo avermelhado. Ao completar uma análise cujo propósito exato fosse talvez incompreensível para ele próprio, arrastou para perto de seu assento uma pequena mesa coberta por livros e papéis, e logo se distraiu na tarefa de aperfeiçoar um manuscrito volumoso que deveria ser publicado no dia seguinte.

Ele já estava se ocupando desta tarefa por alguns minutos quando ouviu uma voz chorosa sussurrando no local:

- Não tenho pressa, Monsieur Bon-Bon.
- O diabo! — gritou nosso herói, ficando de pé, derrubando a mesa ao seu lado e encarando seus arredores, surpreso.
- Verdade — respondeu a voz, calma.

- Verdade! O que é verdade? Como chegou aqui? — vociferou o metafísico enquanto seus olhos repousavam em algo que estava totalmente esticado na cama.
- Como eu estava dizendo — declarou o intruso, sem responder às interrogativas —, como eu estava dizendo, não sou, de forma alguma, pressionado pelo tempo, o assunto que tomei a liberdade de tratar não é urgente, em resumo, posso muito bem esperar até que termine sua Exposição.
- Minha Exposição! Isso agora! Como você sabe? Como chegou ao seu conhecimento que eu estava escrevendo uma Exposição? Por Deus!
- Silêncio! — respondeu a figura num tom baixo e estridente. Levantando-se rapidamente da cama, ele deu um único passo em direção ao nosso herói, enquanto uma lâmpada de ferro sobre sua cabeça balançava rápido para longe dela.

O espanto do metafísico não impediu que ele fizesse uma detalhada análise das vestes e da aparência do estranho. Os contornos de sua figura, muito finos, mas muito acima da altura média, foram considerados muito distintos devido a um traje desbotado de tecido preto que ficava justo em sua pele, mas tinha o estilo do século passado. Estava claro

que estas roupas haviam sido feitas para uma pessoa muito menor que seu atual dono. Vários centímetros de seus tornozelos e punhos estavam nus. No entanto, um par de fivelas

muito brilhantes em seus sapatos compensava a extrema pobreza indicada por outras partes de sua vestimenta. Sua cabeça estava descoberta e ele não tinha cabelo algum, exceto na parte traseira, de onde despendia uma quantidade de comprimento considerável. Um par de óculos verdes com proteção lateral guardava seus olhos da influência da luz e, ao mesmo tempo, evitava que nosso herói determinasse sua cor ou seu formato. Não havia evidências de que ele estivesse usando uma camisa, mas uma gravata branca, que parecia imunda, estava presa com uma precisão extrema ao redor de sua garganta, e as pontas, penduradas de um modo formal, uma ao lado da outra, faziam lembrar (apesar de eu crer não ser intencional) um clérigo. Na verdade, vários outros aspectos, tanto de sua aparência quanto de seus modos, poderiam sustentar uma concepção de tal natureza. Sobre sua orelha esquerda ele carregava, assim como um vendedor moderno, um instrumento que lembrava uma caneta arcaica. No bolso de seu casaco era possível ver um pequeno volume preto fechado com fivelas de aço. Este livro, por acidente ou não, estava tão distante de seu dono que revelava as palavras "Rituel Catholique" escrita em letras brancas na contracapa. Era interessante observar como sua fisionomia era soturna, até mesmo com sua palidez cadavérica. Sua testa era grande e marcada pelas cristas da contemplação. Os cantos da boca estavam definidos numa expressão da mais submissa humildade. Suas mãos estavam unidas enquanto ele andava em direção ao nosso herói, um profundo suspiro e um olhar, no

geral, da mais profunda santidade que não poderia falhar em ser extremamente atraente. Cada traço de raiva desapareceu da face do metafísico na medida em que, ao ter completado uma análise satisfatória da pessoa

de seu visitante, ele apertou sua mão num ato cordial e o ofereceu um lugar para se sentar.

No entanto, seria um grave erro atribuir essa mudança instantânea de sentimentos do metafísico a cada uma das causas de poderia ser, por natureza, considerada uma influência. Na verdade, Pierre Bon-Bon, do que eu pude conhecer de sua personalidade, era, entre todos os homens, o menos provável de aceitar qualquer espécie de comando exterior. Era impossível que um observador tão atento dos homens e das coisas falhasse em descobrir, naquele momento, o verdadeiro caráter da importante figura que havia invadido seu conforto. Não preciso dizer mais nada, o formato dos pés de seu visitante era muito marcante, ele mantinha sobre a cabeça um chapéu exageradamente alto, havia um inchaço latejante na parte traseira de suas calças e a vibração da cauda de seu fraque era um fato muito perceptível. Julgue, então, com quais sensações de satisfação nosso herói se encontrava, atirado, de repente, ao encontro de uma pessoa por quem ele sempre teve um respeito indevido. Ele era, porém, diplomático demais para deixar escapar qualquer questionamento de suas suspeitas em relação a real situação.

Sua intenção não era parecer muito consciente da grande honra que ele estava recebendo de forma tão inesperada, mas, ao iniciar uma conversa com o convidado, discutir importantes ideias éticas que poderiam, ao obter um lugar em sua futura publicação, iluminar a raça humana e, ao mesmo tempo, immortalizá-lo. Ideias estas que, deveria ter ressaltado, a idade de seu visitante e sua reconhecida proficiência na ciência das morais poderiam muito bem ter possibilitado que ele as formasse.

Instigado por estas visões superiores, nosso herói pediu ao cavalheiro que se sentasse enquanto ele mesmo aproveitava a ocasião para atirar lenha na lareira e colocar sobre a mesa, já arrumada outra vez, algumas garrafas de Mousseux. Ao completar estas operações rapidamente, ele

pegou sua poltrona, sentou-se frente a frente com sua companhia até que o convidado iniciasse a conversa. Mas, os planos, mesmo os mais bem arquitetados, são frustrados com frequência no momento de sua aplicação, e o dono de restaurante se viu confuso com as primeiras palavras do discurso de seu visitante.

— Estou vendo que você me conhece, Bon-Bon — disse ele.

— Ha! Ha! Ha! He! He! He! Hi! Hi! Hi! Ho! Ho! Ho! Hu! Hu! Hu!

— e o diabo, largando de vez a santidade de sua conduta, abriu sua boca o máximo que podia, de orelha a orelha, exibindo um

conjunto de dentes afiados como presas e, jogando a cabeça para trás, deu uma risada alta, demorada, perversa e perturbadora enquanto o cão preto, agachando-se sobre seu quadril, juntou-se com toda a força ao coro e o gato malhado, voando ao seu lado, aterrissou do outro lado e berrou no canto mais afastado do local.

Mas, não o metafísico: ele era por demais um homem do mundo para ou rir como o cão ou, com berros, trair a indecorosa agitação do gato. Deve-se confessar que ele teve uma pequena surpresa ao ver as letras brancas que formavam as palavras "Rituel Catholique" no livro que estava no bolso de seu convidado, trocando, em um momento, de cor e de lugar e, em poucos segundos, no lugar do título original, as palavras "Registro de Condenados" reluzirem em letras vermelhas. Quando Bon- Bon respondeu a afirmação de seu convidado, esse acontecimento assustador conferiu a ele um ar de vergonha que provavelmente não teria sido observado em outras circunstâncias.

— Ora, senhor — disse o metafísico —, ora, senhor, para dizer a verdade, acredito que seja, minha nossa, o maior, quero dizer, eu acho, imagino, tenho uma vaga, uma ideia muito vaga, da grande honra...

— Oh! Ah! Sim! Muito bem! — interrompeu Sua Majestade.

— Não diga mais nada, eu entendo. — E, deste momento em diante, tirando seus óculos verdes, ele limpou as lentes

na manga de seu casaco com cuidado e os colocou em seu bolso.

Se Bon-Bon havia ficado surpreso com o incidente do livro, seu espanto agora era muito maior devido ao espetáculo que se revelou. Ao abrir bem seus olhos com um forte sentimento de curiosidade para definir a cor dos de seu convidado, ele descobriu que não eram pretos, como ele esperava, nem cinzas, como podia ter imaginado, não eram castanhos, nem azuis, nem mesmo amarelos ou vermelhos, nem roxos, nem brancos, nem verdes, nem de outra cor dos céus, ou da terra, ou das águas que ficam sob a terra. Em resumo, Pierre Bon-Bon não apenas viu com muita clareza que Sua Majestade não tinha olho algum, mas não descobriu indicações de sua existência prévia, pois, no espaço naturalmente designado aos olhos havia, fico constrangido em dizer, apenas um "nada" de carne.

Não era da natureza do metafísico se abster de fazer perguntas à fonte de um fenômeno tão estranho, e a resposta de Sua Majestade foi, num todo, direta, digna e satisfatória.

— Olhos! Meu caro Bon-Bon, olhos! Foi isso que você disse? Oh! Ah! Entendi! As imagens ridículas que estão circulando te deram uma ideia falsa de minha aparência, não é? Olhos! Verdade. Os olhos, Pierre Bon-Bon, estão muito bem no seu lugar adequado, que, você diria, é a cabeça? Certo. A cabeça de uma minhoca. Para você, estes óticos também são

indispensáveis, mas irei convencê-lo de que minha visão é mais precisa que a sua. Tem uma gata naquele canto, uma gata bonita, olhe para ela, observe bem. Agora, Bon-Bon, diga, você observa os pensamentos, com pensamentos me refiro às ideias, reflexões, que estão passando pelo pericrânio dela? Muito bem, não observa! Ela está pensando que nós admiramos o comprimento de sua cauda e a profundidade de sua mente. Ela acabou de concluir que eu sou o mais ilustre dos clérigos e que você é o mais superficial dos metafísicos. Logo, você vê que eu não

sou nada cego, mas, para alguém com a minha profissão, os olhos dos quais você fala seriam um mero ônus, sujeito a ser inutilizado pelo fogo ou por uma forquilha. A você, eu confesso, estes acessórios óticos são indispensáveis. Faça um esforço, Bon-Bon, para usá-los bem, minha visão é a alma.

Neste momento, o convidado se serviu do vinho que estava sobre a mesa e, servindo uma taça para Bon-Bon, pediu que ele bebesse sem reservas e se sentisse completamente em casa.

— Interessante aquele seu livro, Pierre — continuou Sua Majestade, dando tapinhas no ombro de nosso amigo com um ar de superioridade enquanto ele abaixava sua taça após obedecer muito bem o comando de seu visitante. —

Interessante aquele seu livro, pela minha honra. É um trabalho sobre o meu coração. Acredito, no entanto, que sua

organização dos assuntos pode ser melhorada, e que muitas de suas noções me lembram as de Aristóteles. Aquele filósofo era um de meus amigos mais íntimos. Eu gostava dele tanto pelo seu terrível temperamento quanto por sua feliz disposição a cometer enganos. Há apenas uma verdade completa em tudo que ele escreveu, e por isso eu dei a ele um conselho apenas por pura pena de seus absurdos. Suponho, Pierre Bon-Bon, que você conheça muito bem a verdade divina e moral sobre a qual estou falando.

- Não posso dizer que eu...
- Exato! Ora, fui eu quem disse a Aristóteles que, ao espirrar, os homens expeliam ideias supérfluas pelo nariz.
- Que é, (soluço) sem dúvidas, o caso — observou o metafísico enquanto ele se servia de outra taça de Mousseux e oferecia uma caixa de tabaco aos dedos de seu visitante.
- Também havia Platão — continuou Sua Majestade, alcançando com modéstia a caixa de tabaco e o elogio que ela implicava —, também havia Platão, por quem eu, uma vez, senti a completa afeição de um amigo. Você conheceu

Platão, Bon-Bon? Ah, não, mil perdões. Ele me encontrou em Atenas, um dia, no Partenon, e me contou que estava ansioso por uma ideia. Eu disse a ele para escrever que "ο νους εστιν αυλος" ("a mente é imaterial"). Ele disse que o faria e foi para casa, enquanto eu ia para as pirâmides. Mas, a minha

consciência me castigou por ter dito uma verdade, até mesmo por ajudar um amigo e, correndo de volta para Atenas, apareci atrás da cadeira do filósofo enquanto ele estava gravando o "αυλος". E, ao dar um toque na lambda com meu dedo, a virei de cabeça para baixo. Então, a frase agora diz: "ο νους εστιν αυγος" ("a mente é luz") que é, você bem sabe, a doutrina fundamental de sua metafísica.

— O senhor já foi à Roma? — perguntou o dono de restaurante enquanto terminava sua segunda garrafa de Mousseux, e tirava do armário um estoque ainda maior de Chambertin.

— Uma vez, Monsieur Bon-Bon, uma vez. Houve um tempo — disse o diabo, como se estivesse recitando o trecho de um livro —, houve um tempo em que aconteceu uma anarquia de cinco anos, durante a qual a república, privada de todos os seus oficiais, não tinha magistratura alguma além do tribuno da plebe, que não era legalmente investido com grau algum de poder executivo. Naquele tempo, Monsieur Bon-Bon, apenas naquele tempo estive em Roma e, por consequência, não tenho afeição alguma à sua filosofia.

— O que o senhor acha de... O que você acha de... (solução) Epicuro?

— O que eu acho de quem? — perguntou o Diabo, surpreso.

— Você não pode mesmo querer encontrar qualquer defeito em Epicuro! O que eu acho que Epicuro?! Você está falando de

mim, senhor? Eu sou Epicuro! Sou o mesmo filósofo que escreveu cada um dos trezentos tratados celebrados por Diógenes Laércio.

— É mentira! — disse o metafísico, pois o vinho já havia subido um pouco à sua cabeça.

— Muito bem! Muito bem, senhor! Muito bem mesmo, senhor!
— disse Sua Majestade, parecendo muito lisonjeado.

— É mentira! — repetiu o dono de restaurante, dogmático —
É... (soluço) Uma mentira!

— Tudo bem, tudo bem, acredite no que quiser! — disse o diabo, pacífico.

Bon-Bon, tendo derrotado Sua Majestade numa discussão, pensou ser seu dever terminar uma segunda garrafa de Chambertin.

— Como eu estava dizendo — continuou o visitante —, como estava observando há um tempo, existem algumas noções ultrajantes naquele seu livro, Monsieur Bon-Bon. Por exemplo, o que você quis dizer com toda aquela baboseira sobre a alma? Por favor, senhor, o que é a alma?

— Hum, (soluço) alma — respondeu o metafísico, referindo-se ao seu manuscrito — é, indiscutivelmente...

— Não, senhor!

- Indubitavelmente...
- Não, senhor!
- Incontestavelmente...
- Não, senhor!
- Evidentemente...
- Não, senhor!
- Incontrovertivelmente...
- Não, senhor!
- (Soluço)...
- Não, senhor!
- E, sem dúvida alguma, uma...
- Não, senhor, a alma não é nada disso! — (Naquele momento, o metafísico, parecendo muito irritado, aproveitou a ocasião para dar fim à sua terceira garrafa de Chambertin).
- Então, (soluço) por favor, senhor, o que... O que a alma é?
- Não é isso nem aquilo, Monsieur Bon-Bon — respondeu Sua Majestade, pensativa. — Eu apreciei, digo, conheci

algumas almas muito ruins e, também..., algumas muito boas. — Nesse momento ele estalou os lábios e, deixando sua mão cair sobre o volume em seu bolso sem perceber, foi tomado por um violento ataque de espirros.

Ele continuou:

— Havia a alma de Crátinos: passável. Aristófanes: atrevida. Platão: perfeita, não o seu Platão, Platão, o poeta cômico. O seu Platão teria revirado o estômago do Cérbero, argh! Então, deixe-me ver! Havia Névio, Andrônico, Plauto e Terêncio. Depois, havia Lucílio, Catulo, Ovídio e Horácio, querido Horacinho! Como eu o chamava quando ele cantava o *Seculare* para me entreter enquanto, por pura diversão, eu o torrava em um tridente. Mas, falta graça nestes romanos. Um grego gordo vale uma dúzia deles e nele se pode confiar, coisa que não podemos dizer de um quirites. Vamos experimentar seu Sauterne.

Nesse momento, Bon-Bon já não se surpreendia com mais nada, e se esforçava para entregar as garrafas em questão. No entanto, ele estava atento a um estranho som no local, como uma cauda abanando. Apesar de ser uma conduta muito indecente de Sua Majestade, o metafísico preferiu ignorá-la, apenas chutou o cachorro, pedindo que ele ficasse quieto. O visitante continuou:

— Na minha opinião, Horácio tinha um gosto muito parecido com o de Aristóteles. Você sabe que eu gosto de variedade. Não conseguia diferenciar Terêncio de Menandro. Ovídio, para a minha surpresa, era Nicandro disfarçado. Virgílio tinha muito de Teócrito. Marcial me lembrava muito de Arquíloco, e Tito Lívio era um clone de Políbio e de mais ninguém.

— (Soluço) — respondeu então Bon-Bon, e Sua Majestade prosseguiu:

— Mas, se tenho uma fraqueza, Monsieur Bon-Bon, se tenho uma fraqueza, é por um filósofo. Ainda assim, deixe-me dizer, senhor, que não é qualquer de..., digo, não é qualquer cavalheiro que sabe como escolher um filósofo. Os altos não

são bons, e os melhores, se não forem bem descascados podem ficar um pouco rançosos por causa da bílis!

— Descascados!

— Tirados de sua carcaça.

— O que o senhor acha dos, (soluço) médicos?

— Não fale deles! Argh! Argh! — (Nesse momento Sua majestade tentou vomitar). — Só experimentei um, aquele patife do Hipócrates! Cheirava a asafoetida, argh! Ai! Ai! Peguei uma gripe desgraçada o lavando no rio Estige e, no final, peguei cólera.

— Um (soluço) miserável! — gritou Bon-Bon. — Os (soluço) restos de um comprimido! — e o metafísico deixou cair uma lágrima.

— Afinal — continuou o visitante —, afinal, se um de..., se um cavalheiro quiser viver, ele tem que ter mais de um ou dois talentos e, para nós, um rosto rechonchudo é evidência de diplomacia.

— Como assim?

— Ora, somos muitas vezes influenciados demais por provisões. Você precisa saber que, em um clima tão abafado como o de meu lar, é quase impossível manter um espírito vivo por mais de duas ou três horas depois da morte, a não ser que seja conservado imediatamente, (e um espírito conservado não é bom) eles vão começar a..., cheirar. Você entende, não é? A putrefação sempre deve ser esperada quando as almas são entregues a nós do modo tradicional.

— (Soluços) Por Deus! Como o senhor aguenta?

Nesse momento, o lustre de ferro começou a sacudir com o dobro da violência e o Diabo fez menção de se levantar de seu assento. No entanto, com um leve suspiro ele retomou sua compostura, apenas dizendo ao nosso herói num tom baixo:

— Vou te dizer uma coisa, Pierre Bon-Bon, você não pode mais proferir tais ofensas.

O anfitrião engoliu outra taça, como forma de indicar a completa compreensão e consciência, e o visitante

continuou:

— Ora, há vários jeitos de aguentar. A maioria de nós passa fome: alguns suportam os conservantes, eu, particularmente, adquireo meu espírito vivente corpore, nesse caso, acredito que eles sejam muito apetitosos.

— Mas, o corpo! (Solução) O corpo!

— O corpo, o corpo, bem, o que tem o corpo? Oh! Ah!

Entendi! Ora, senhor, o corpo não é afetado de forma alguma pela transação. Já fiz inúmeras compras do tipo antigamente, e os envolvidos nunca passaram por inconveniência alguma.

Caim e Ninrode, Nero, Calígula, Dionísio, Pisístrato e outros milhares nunca souberam o que era ter uma alma durante a última parte de suas vidas, ainda assim, estes homens adornaram a sociedade. Por que não A..., que você conhece tão bem quanto eu? Ele não está em poses de suas faculdades mentais e corpóreas? Quem escreve um epigrama mais sagaz? Quem argumenta com mais sabedoria? Quem..., mas, fique! Eu tenho o contrato dele em minha caderneta.

Depois de dizer isso, ele pegou uma carteira de couro vermelha e tirou dela vários papéis. Em alguns destes, Bon- Bon vislumbrou dos rabiscos Maqui, Maza, Robesp, acompanhados pelas palavras Calígula, Jorge, Elizabeth. Sua Majestade pegou um pequeno pergaminho e leu em voz alta as seguintes palavras:

"Considerando certas habilidades mentais cuja especificação não é necessária e sob a compensação de mil luíses de ouro, eu, tendo um ano e um mês de vida, por meio deste transfiro todos os meus direitos, títulos e pertences sob a minha sombra denominada alma". (Assinado) A....

(Aqui, Sua Majestade repetiu um nome que não vejo motivo de revelar de forma precisa).

— Um sujeito esperto — continuou —, mas assim como você, Monsieur Bon-Bon, ele estava errado em relação à alma. A alma uma sombra, francamente! A alma uma

sombra! Ha! Ha! Ha! He! He! He! Hu! Hu! Hu! Imagine um fricassê de sombra!

— Imagine (solução) um fricassê de sombra! — exclamou nosso herói, cujas faculdades estavam sendo bastante iluminadas pela profundidade do discurso de Sua Majestade.

— Imagine um (solução) fricassê de sombra! Agora, maldição! (Solução!) Humpf! Seria uma tremenda, (solução)! Gororoba! Minha alma, senhor, humpf!

— Sua alma, Monsieur Bon-Bon?

— Sim, senhor, (solução) minha alma não é...

— O que, senhor?

— Sombra alguma, maldição!

— Você quis dizer...

— Sim, senhor, minha alma não é, (solução) Humpf! Sim, senhor.

— Não quis dizer que...

- Minha alma é... (solução) De uma aptidão peculiar para...
(solução) Uma....
- O que, senhor?
- Sopa.
- Ha!
- Suflê.
- O que?
- Fricassê.
- Exato!
- Ragu e fricandeau, e veja bem, meu bom amigo. Vou deixá-la para você (solução)! Uma barganha. — Aqui o metafísico deu um tapinha nas costas de Sua Majestade.
- Não posso nem pensar numa coisa dessas — disse, calmo, ao mesmo tempo em que se levantava de seu assento. O metafísico o encarou.
- Tenho um grande estoque no momento — disse Sua Majestade.
- (soluções) Como (solução) assim? — questionou o filósofo.
- Não tenho nada a oferecer em troca.
- O que?
- Além disso, seria muito deselegante de minha parte...

- Senhor!
- Tomar vantagem de...
- (Soluços)
- Sua situação deplorável e inapropriada no momento.

Assim, o visitante se curvou e se retirou de uma forma que não pode ser exatamente descrita, mas com um grande esforço para acertar uma garrafa no "vilão", a corrente fina que descia do teto foi cortada e o metafísico derrubado pela queda do lustre.

FIM.

Manuscrito Encontrado numa Garrafa

"Aquele que não tem nada além de um momento para viver
Nada mais tem a esconder."

Atys, Quinault

Pouco tenho a dizer sobre minha terra e minha família. O mau uso e o passar dos anos me afastaram da primeira e me excluíram da segunda. A riqueza hereditária conferiu a mim uma educação de ordem extraordinária e um aspecto contemplativo que me permitiu tornar metódicos os conhecimentos muito bem adquiridos em estudos iniciais. Mais que tudo, o estudo dos moralistas alemães muito me satisfazia, não por uma admiração descuidada por sua expressiva loucura, mas pela facilidade com a qual os meus rígidos hábitos de pensamento me permitiam detectar suas falsidades. Já fui censurado algumas vezes pela aridez de meu gênio, uma deficiência de imaginação que foi descrita a mim como um crime, e o Pirronismo de minhas opiniões sempre me levou à notoriedade. Na verdade, temo que um forte deleite pelo fiscalismo tenha deixado uma marca em minha mente com um erro muito comum a esta era, refiro-me ao hábito de relacionar acontecimentos, até mesmo os menos suscetíveis a tal relação, aos princípios de tal ciência. Num todo, ninguém poderia ser menos confiável que eu para ser afastado do recinto severo da

verdade pelos encantos da superstição. Pensei que seria apropriado

assim supor para que a incrível história que devo contar não seja considerada o delírio de uma imaginação crua, mas a experiência positiva de uma mente para a qual os devaneios e a fantasia eram cartas mortas e uma nulidade. Depois de muitos anos viajando ao exterior, naveguei no ano de mil oitocentos e alguma coisa do porto de Batavia, na rica e populosa ilha de Java, até as Ilhas de Sonda. Fui como passageiro, não tendo nenhum outro incentivo além de uma espécie de agitação nervosa que me assombrava como um demônio.

Nossa embarcação era um belo navio de mais ou menos quatrocentas toneladas revestido de cobre e construído em Bombaim com madeira teca de Malabar. Estava carregada com algodão e óleo das ilhas Laquedivas. A bordo também havia fibra de coco, jagra, ghi, sementes de cacau e algumas caixas de ópio. As coisas foram mal arrumadas e, por consequência, a embarcação estava tombada.

Fomos lançados ao mar com um mero sopro do vento e, por alguns dias, permanecemos na costa oriental de Java sem qualquer outro incidente para perturbar a monotonia de nosso caminho, além do encontro ocasional com algumas das pequenas rochas do Arquipélago para onde estávamos indo.

Numa noite, debruçado sobre o corrimão, observei uma nuvem isolada e muito peculiar ao noroeste. Era marcante não apenas por sua cor, mas também por ser a primeira que vimos desde que deixamos a Batavia. Eu a observei atentamente até o pôr do sol, quando ela se espalhou de uma vez só para o leste e para o oeste, girando no horizonte com uma estreita listra de vapor, como se fosse uma longa faixa do litoral. Logo depois, minha atenção foi atraída pelo aspecto avermelhado da lua e o caráter peculiar do mar. O último estava passando por uma mudança rápida, e a água parecia mais transparente que o normal. Apesar de conseguir ver o fundo com clareza, o navio estava sobre quinze braças de profundidade. O ar

tomara uma quentura intolerável e estava repleto de exalações espiraladas, similares àquelas que surgem do ferro aquecido. Com o cair da noite, o sopro do vento se esvaiu e seria impossível conceber uma calma maior. A chama de uma vela queimava na popa sem a menor perturbação, e um fio de cabelo, seguro entre um dedo e o polegar, equilibrava-se sem a menor possibilidade de que se percebesse uma vibração. No entanto, como o capitão disse que não podia perceber uma indicação de perigo, e como estávamos nos aproximando da costa, ele ordenou que as velas fossem levantadas e a âncora fosse lançada. Não foi organizada uma vigia e a tripulação, consistindo principalmente de malaios, deitou-se deliberadamente no convés. Eu descí com um mau

pressentimento. A verdade é que tudo me levava a esperar por uma grande tempestade. Comuniquei meus medos ao capitão, que não prestou atenção no que eu disse e me deixou sem nem mesmo dar uma resposta. Meu incômodo, porém, evitou que eu dormisse, e mais ou menos à meia-noite subi até o convés. No momento em que coloquei meu pé no degrau mais alto da escada, assustei-me com um barulho alto e sibilante, como o rápido giro de uma roda de moinho, e antes que eu pudesse detectar a causa, vi o navio se desviando para o centro. No momento seguinte, uma selvagem espuma foi lançada sobre as extremidades e, passando sobre nós, varreu todo o convés, da proa à popa.

A grande fúria da explosão provou ser, em grande parte, a salvação do navio. Apesar de estar completamente cheia de água e de seus mastros estarem submersos, ela ressurgiu do mar após um minuto, cambaleando em meio à grande pressão da tempestade, e finalmente se endireitou.

É impossível dizer por qual milagre eu escapei da destruição. Atordoado pelo impacto da água, ao recuperar-me, vi que estava preso entre o mastro da popa e o leme. Com muita dificuldade, levantei-me e, ao olhar ao meu redor um pouco tonto, fiquei impressionado com o fato de

estarmos entre as ondas. In, além das mais loucas fantasias, era o redemoinho do mar agitado no qual estávamos

engolfados. Depois de um tempo, ouvi a voz de um velho sueco, que embarcou conosco no momento em que deixamos o porto. Gritei a ele com toda minha força e ele logo veio em minha direção, cambaleando. Logo nós descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do acidente. Todos que estavam no convés, exceto nós dois, foram atirados ao mar, o capitão e seus amigos devem ter falecido enquanto dormiam, pois as cabines estavam inundadas. Sem ajuda, pouco poderíamos fazer pela segurança do navio, e nossos esforços foram impedidos, num primeiro momento, pela expectativa momentânea de afundarmos. A corrente da âncora havia, é claro, se partido como um fio de cabelo ao primeiro sopro do furacão, senão teríamos sido destruídos instantaneamente. Íamos a uma velocidade assustadora na direção do mar, e era evidente que muitas ondas haviam nos atingido. O assoalho da popa estava em pedaços e, em quase todos os aspectos, sofremos danos consideráveis, mas, para nossa grande alegria, encontramos as bombas intactas e nosso lastro estava alinhado. A fúria da tempestade já havia passado, e nós corríamos pouco perigo com a violência do vento, mas esperávamos sua total cessão com desânimo, muito crenes que, em nossa condição, a morte era inevitável com o tremendo aumento que se seguiria. No entanto, de alguma forma, parecia que esta suposição não se cumpriria logo. Por cinco dias e cinco noites, durante as quais nosso único sustento era uma pequena quantidade de jagra, encontrada com muito custo entre as mercadorias, a carcaça do navio voou numa

velocidade difícil de compreender, antes de seguir rápidas correntes de ar que, sem se igualarem à violência da tempestade, eram mais incríveis que qualquer vento que eu havia encontrado antes. Nossa trajetória, pelos primeiros quatro dias, era o sudeste e o sul, com algumas variações, e devemos ter nos aproximado da costa

da Nova Holanda. No quinto dia, o frio tornou-se extremo, apesar de o vento ter tomado a direção do norte. O sol raiou com um brilho amarelado e doentio e escalou poucos graus sobre o horizonte sem emitir uma luz significativa. Não havia nuvens no céu, ainda assim, o vento aumentava e soprava com uma fúria inquieta e instável. Mais ou menos ao meio dia, nossa atenção foi, mais uma vez, atraída pela aparência do sol. A estrela não oferecia luz propriamente dita, mas um brilho opaco e fraco, sem reflexo, como se todos os seus raios fossem polarizados. Logo antes de afundar-se junto ao mar doentio, seu fogo se apagou de repente, como se tivesse sido extinguido com pressa por um poder desconhecido. Era como um arco sem brilho, solitário, enquanto descia ao mar profundo.

Esperamos em vão pela chegada do sexto dia, este dia que, para mim, não chegou e que nunca chegará para o sueco. Daí em diante, fomos tomados por uma escuridão sem igual, de forma que não podíamos enxergar um objeto a vinte passos do navio. A noite eterna continuava a nos guardar sem ser aliviada pelo brilho fosfórico do mar ao qual nos acostumamos nos

trópicos. Observamos também que, apesar de a tempestade continuar a espalhar sua violência imbatível, já não se via mais a paisagem de ondas ou de espuma que antes nos cercava. Tudo ao nosso redor era horror, uma obscuridade robusta, um deserto sufocante de ébano. O terror da superstição aumentava rapidamente na alma do velho sueco e minha alma estava envolta numa silenciosa admiração. Negligenciamos todos os cuidados ao navio, pois ele já era menos que inútil, e nos seguramos, o máximo que conseguíamos, ao que sobrou do mastro, olhando amargos para o mundo de oceano. Não tínhamos forma alguma de calcular o tempo, nem podíamos fazer qualquer suposição sobre nossa localização. No entanto, sabíamos que estávamos mais ao sul do que qualquer navegador já havia chegado e ficamos muito contentes ao não encontrarmos os impedimentos comuns ao gelo. No

meio tempo, cada segundo ameaçava ser nosso último, cada onda gigante se apressava para nos engolir. O navio superara tudo que imaginei ser possível, e o fato de não termos sido engolidos instantaneamente era um milagre. Meu companheiro falava da leveza de nossa carga e me lembrou das excelentes qualidades de nosso navio, mas eu não podia evitar sentir desesperança na esperança em si, e me preparei, enlutado, para aquela morte que pensei não poder ser adiada para além de uma hora, enquanto, a cada nó que o navio percorria, a intensidade extraordinária da escuridão do mar se tornava

mais desanimadora. Por vezes, lutávamos pelo ar em uma altura além do voo do albatroz, ficando tontos com a velocidade de nossa ida em direção a um inferno de água onde o ar era rarefeito e sem algum perturbava o sono do Kraken.

Estávamos no fundo de um abismo quando um rápido grito de meu companheiro quebrou, de forma terrível, o silêncio noturno:

— Veja! Veja! — repetia ele, gritando em meus ouvidos. —
Poderoso Deus! Veja! Veja!

Enquanto ele falava, percebi um clarão avermelhado, opaco e sombrio que corria pelos lados do grande abismo onde estávamos, jogando um brilho bruxuleante sobre o convés.

Olhando para cima, testemunhei um espetáculo que congelou o sangue que corre em minhas veias. Numa extraordinária altura sobre nós e à beira de uma grande descida, flutuava um gigante navio de, talvez, quatro mil toneladas. Apesar de estar sobre a crista de uma onda cujo tamanho era cem vezes maior que o seu próprio, sua dimensão aparente era maior que a de qualquer navio do tipo. Seu enorme casco era de um profundo e sombrio preto, sem nenhuma marcação comum aos navios.

Uma fileira de canhões de latão se projetava da embarcação e disparava de sua superfície polida o brilho de inúmeras luzes, que balançavam de um lado para o outro em suas cordas. Mas, o que mais inspirou nosso horror e surpresa foi

que a embarcação navegava com velas abertas em meio àquele mar sobrenatural e ao furacão incontrolável. Quando a avistamos pela primeira vez, quase não vimos sua proa, enquanto ela surgia daquele vazio opaco e horrível atrás dela. Durante um momento de intenso terror, ela parou sobre o topo instável, como se contemplasse sua própria grandeza, então vacilou, cambaleou e desceu.

Nesse momento, não sei como, um súbito autocontrole caiu sobre meu espírito. Cambaleando em direção à popa, aguardei sem medo a ruína que se daria em seguida. Nossa embarcação estava enfim deixando seu sofrimento e afundando, sua proa descendo primeiro ao mar. O choque da massa que se aproximava a atingiu naquela porção de seu casco que já estava sob a água, por consequência, fui lançado com grande violência sobre as amarrações do estranho.

Quando caí, o navio se moveu, vacilante. A essa confusão atribuo a minha fuga sem que fosse notado pela tripulação. Com um pouco de dificuldade, cheguei, despercebido, à escotilha principal, que estava parcialmente aberta, e logo vi a oportunidade de ali me esconder. Mal posso explicar porque o fiz. Um estranho sentimento de medo, que à primeira vista dos navegadores do navio tomou minha mente, talvez fosse a justificativa da procura pelo esconderijo. Eu não estava disposto a confiar em pessoas que ofereceram, numa primeira impressão, tantas informações vagas, dúvidas e apreensões. Portanto, pensei que seria apropriado encontrar um esconderijo

na embarcação. O fiz ao remover uma pequena parte das madeiras que seguravam a carga no lugar, de maneira a encontrar um retiro conveniente em meio à enorme estrutura do barco.

Mal havia acabado meu trabalho quando passos forçaram-me a fazer uso dele. Um homem fraco passou por meu esconderijo cambaleando. Não pude ver seu rosto, mas tive a oportunidade de observar sua aparência em geral. Havia

nela evidências de uma idade avançada e enfermidades. Seus joelhos tremiam sob muitos anos e sua silhueta, como um todo, vacilava sob o fardo. Ele falava consigo mesmo num tom baixo e irregular, palavras de uma língua que eu não compreendia, e tateava num canto em meio a uma pilha de instrumentos de aparência singular e velhas cartas de navegação. Sua atitude era uma mistura selvagem da irritação da segunda infância e a dignidade solene de um deus. Por fim, ele subiu ao convés, e eu não o vi mais.

Um sentimento, o qual não sei nomear, tomou posse de minha alma, uma sensação que não admitirá análise, para a qual as

lições de tempos passados nada valem, e temo que o futuro em si não oferecerá resposta. Para uma mente constituída à maneira da minha, esta última consideração se apresenta como um mal. Eu nunca, sei que nunca, ficarei satisfeito em relação à natureza de minhas concepções. Ainda assim, não é de se admirar que tais concepções sejam indefinidas, já que elas têm origem em fontes tão novas. Um novo sentimento, uma nova entidade, surgiu em minha alma.

Muito tempo se passou desde os primeiros passos que dei no convés deste terrível navio, e acredito que os raios de meu destino estejam se reunindo em uma única direção. Homens incompreensíveis! Concentrados em meditações que não sei quais são, eles passam por mim sem me notar. O esconderijo é meramente uma insensatez de minha parte, pois as pessoas não enxergarão. Há poucos minutos que

passsei diante dos olhos do homem, e não tem muito tempo desde que entrei na própria cabine do capitão, onde peguei os materiais com os quais escrevo e venho escrevendo. Devo, de tempos em tempos, continuar este diário. É verdade, posso não

encontrar uma oportunidade de transmiti-lo ao mundo, mas não deixarei de fazer um esforço. No último momento, irei colocar o manuscrito numa garrafa e lançá-lo ao mar.

Um incidente conferiu a mim espaço para novas ponderações. Será que tais coisas são feitos de um Destino desgovernado? Caminhei no convés e atirei-me, sem chamar qualquer atenção, numa pilha de velas e cordas velhas no fundo do navio. Enquanto pensava na particularidade de meu destino, manchei com piche, sem perceber, os cantos de uma vela reserva bem dobrada que estava guardada num barril ao meu lado. Esta vela está agora sendo usada no navio, e os toques inconscientes do piche se espalharam formando a palavra DESCOBERTA. Recentemente, fiz diversas observações sobre a estrutura da embarcação. Apesar de ser bem armada, não creio que seja um navio de guerra.

Suas amarrações, estrutura e equipamentos em geral, negam uma suposição deste tipo. O que não é, posso perceber com facilidade, o que é, temo que seja impossível dizer. Não sei por que, mas ao examinar seu modelo

estranho e mastro singular, seu enorme tamanho e grande número de velas, sua proa simples e a popa antiquada, uma sensação familiar passa por minha mente, sempre misturada a vislumbres indistintos de lembranças, memórias sem valor de histórias estranhas e tempos remotos.

Tenho observado o casco do navio. Ele é feito de um material ao qual sou estranho. Há um caráter peculiar na madeira, o que me leva a considerá-la imprópria para o propósito que está cumprindo. Refiro-me à sua extrema porosidade, que levo em conta desconsiderando o desgaste, que é uma consequência da navegação nestes mares, e também a podridão causada pela idade. Parecerá, talvez, uma observação um tanto curiosa, mas esta madeira teria todas as características de um carvalho-vermelho, caso o carvalho-vermelho tivesse sido distendido por algum meio artificial.

Ao ler a frase acima, um curioso apotegma de um velho navegador holandês calejado voltou à minha lembrança. Sempre que duvidavam de suas afirmações, ele dizia que “é tão certo quanto é certo que onde há mar o navio crescerá sem barreiras como o corpo vivo de um marinheiro”.

Cerca de uma hora atrás, ousei misturar-me a um grupo de tripulantes. Eles não dispensaram atenção alguma a mim e, apesar de eu estar bem no meio de todos, eles pareciam completamente alheios à minha presença. Como o primeiro que vi no esconderijo, todos eles traziam consigo marcas de uma idade avançada. Seus joelhos tremiam com a enfermidade, seus ombros eram curvados e decrépitos, suas peles enrugadas tremiam com o vento, suas vozes eram baixas, trêmulas e vacilantes, seus olhos brilhavam com a secreção da idade avançada e seus cabelos grisalhos fluíam terrivelmente na tempestade. Ao redor deles, em todo canto do convés, estavam espalhados instrumentos matemáticos de aspecto singular e obsoleto.

Mencionei, algum tempo atrás, o aspecto de uma vela reserva. Desde aquele período, o navio, ao ser atirado pelo vento, continuou sua incrível jornada ao sul com cada centímetro de

vela esticada, de seu garlindéu até as velas menores, sem parar, com suas galantes vergas em direção ao mais assustador inferno marinho que a mente de um homem pode conceber. Eu havia apenas deixado o convés, onde era impossível caminhar, apesar de a tripulação parecer não estar incomodada. Imagino ser o maior dos milagres que nosso enorme navio não tenha sido engolido de uma vez por todas. Com certeza estamos fadados a flutuar para toda a eternidade, sem dar o mergulho final ao abismo. Em ondas mil vezes mais estupendas que qualquer uma que eu já tenha visto, flutuamos com a facilidade de uma ágil gaivota, e as águas colossais abaixam suas cabeças sobre nós como demônios das profundezas, mas demônios que se reservam apenas a simples ameaças, proibidos de destruir. Sou levado a atribuir estas frequentes escapadas a única causa natural que pode ser considerada para tal efeito. Devo supor que o navio está sob a influência de uma forte corrente ou uma poderosa ressaca.

Vi o capitão em sua cabine particular, mas como esperado, ele não prestou atenção em mim. Apesar de nada denunciar uma aparência sobre-humana ao observador comum, um sentimento incontrolável de respeito e temor acompanhava a

sensação de admiração com a qual eu o observava. Em estatura, ele tem quase a mesma altura que eu, cerca de um metro e setenta centímetros. Seu corpo é compacto e bem estruturado, não é muito robusto nem muito magro.

Mas é a particularidade da expressão que reina em seu rosto, é a evidência intensa, incrível e empolgante da idade avançada, tão firme, tão pronunciada, que alegra o meu espírito com uma emoção, um sentimento indescritível. Sua testa, apesar de um pouco enrugada, parece carregar o carimbo da abundância dos anos. Seus cabelos grisalhos são as lembranças do passado e seus olhos, ainda mais cinzentos, as sibilas do futuro. O chão da cabine era coberto de placas de ferro, instrumentos científicos em decomposição e cartas de navegação obsoletas e esquecidas. Sua cabeça estava apoiada em suas mãos e ele estudava, com olhos ardentes e inquietos, um documento que imaginei ser uma comissão e que, independente do que fosse, trazia consigo a assinatura de um monarca. Ele sussurrava para si mesmo como fazia o primeiro homem do mar que vi no esconderijo, algumas sílabas irritantes de uma língua estrangeira e, apesar de o homem estar perto de mim, sua voz parecia alcançar meu ouvido de uma distância de um quilômetro.

O navio e tudo que ele carregava estavam mergulhados no espírito da Velhice. A tripulação flutuava de um lado para o outro como fantasmas daqueles enterrados por séculos, seus olhos guardam um ar ansioso e inquieto e, quando seus dedos passam por meu caminho no brilho selvagem das luzes de batalha, tenho sensações nunca antes sentidas, apesar de ter sido, durante toda a minha vida, um negociante de antiguidades e ter absorvido as sombras das colunas caídas em Balbeque, Palmira e Persépolis, até que minha própria alma se transformou em ruínas.

Quando olho ao meu redor, sinto vergonha de minhas antigas suposições. Se tremi com o choque que nos atingiu, não devo ficar impressionado com a guerra do vento e do oceano para conceber a ideia de algo que as palavras tornado e tempestade são incapazes de definir? Tudo na vizinhança imediata do navio consiste na escuridão da noite eterna e um caos de águas inertes, mas a cerca de uma légua de cada lado pode-se

observar, de forma indistinta, em intervalos, grandes muralhas de gelo, alcançando o céu vazio, como se fossem as paredes do universo.

Como imaginei, o navio estava mesmo numa corrente, se é que tal nome pode ser dado de forma apropriada à maré que, uivando e tremendo com o gelo esbranquiçado, troveja ao sul com uma velocidade similar à da água que cai de uma catarata.

Acredito que conceber o horror de minha sensação é absolutamente impossível, ainda assim, a curiosidade de adentrar os mistérios desta terrível região é maior que meu desespero, e irá me reconciliar com o mais horrível aspecto da morte. É evidente que estamos indo em direção a uma empolgante descoberta, um segredo feito para nunca ser revelado, cujo destino é a destruição. Talvez esta corrente nos

leve ao Polo Sul. Devo confessar que uma suposição que aparenta ser tão louca tem todas as probabilidades em seu favor.

A tripulação andava no convés com passos inquietos e vacilantes, mas seus rostos carregavam uma expressão mais próxima à esperança do que ao desespero.

Enquanto isso, o vento ainda guia nossa popa e, por estarmos com todas as velas esticadas, o navio, de tempos em tempos, se levanta do mar, oh, horror após horror. O gelo se abre de repente à direita, então à esquerda, estamos circulando tontos, em imensos círculos concêntricos ao redor dos limites de um gigantesco anfiteatro cujo topo se perde com a escuridão e a distância. Mas pouco tempo me sobra para pensar em meu destino, os círculos diminuem rapidamente, estamos caindo nas garras do redemoinho numa velocidade incontrolável e, entre os rugidos, as ondas e os trovões do oceano e da tempestade, o navio vacila e, meu Deus! Cai.

Nota: "O Manuscrito Encontrado numa Garrafa" foi publicado pela primeira vez em 1831 e apenas alguns anos depois me familiarizei com os mapas de Mercator, nos quais o oceano é representado como uma corrente que, por quatro meses, deságua no Golfo Polar (boreal), para ser absorvido nas entranhas da Terra, o Polo em si é representado por uma rocha negra, de altura prodigiosa.

O Encontro

"Espere por mim! Não vou deixar De no profundo vale te encontrar."

Elogio fúnebre à sua mulher, por Henry King, Bispo de Chichester.

Homem misterioso e infeliz! Confuso com a genialidade de tua própria mente e derrotado pelas chamadas de tua própria juventude! Outra vez eu lhe admiro com afeição. Mais uma vez tua forma surge diante de mim! Não, oh, não como tu és, no vale frio das sombras, mas da forma como tu deverias ser, desperdiçando uma vida de meditações magníficas naquela cidade de visões opacas, tua própria Veneza, um paraíso estrelado adorado pelo mar, e as grandes janelas daqueles palácios paladinos olham para ela com um profundo sentimento de amargura pelos segredos de suas águas silenciosas. Sim! Repito, da forma como tu deverias ser. Com certeza há outros mundos além deste, outros pensamentos além dos pensamentos da multidão, outras especulações além das especulações dos sofistas. Quem, então, irá colocar a tua conduta em questão? Quem irá te culpar pelos pensamentos visionários ou dizer que aquelas ocupações são uma perda de tempo quando não eram nada além de uma aplicação para tua energia infindável?

Foi em Veneza, embaixo do arco chamado Ponte dei Sospiri, que encontrei pela terceira ou quarta vez a pessoa de quem falo. É com uma lembrança confusa que guardo as circunstâncias daquele encontro. Ainda assim, me lembro. Ah! Como poderia esquecer? A noite escura, a Ponte dos

Suspiros, a beleza da mulher e o Gênio do Romance que subia e descia o canal estreito.

Era uma noite de escuridão incomum. O grande relógio da Piazza havia soado a quinta hora da noite italiana. A Praça do Campanile estava silenciosa e deserta, e as luzes no velho Palácio Ducal estavam se apagando rapidamente. Eu estava indo para casa, voltando da Piazzetta pelo Grande Canal. Mas, quando a minha gôndola chegou ao lado contrário do Canal de São Marco, uma voz feminina, vindo de suas reentrâncias, quebrou o silêncio com um grito selvagem, histérico, longo e contínuo. Dei um salto, assustado com o barulho, enquanto o gondoleiro perdeu seu único remo ao deixá-lo escorregar na escuridão absoluta, sem possibilidade de recuperá-lo. Por consequência, fomos deixados no controle da corrente que vai do canal maior para o menor. Como um pássaro gigante de penas negras, estávamos descendo lentamente em direção à Ponte dos Suspiros quando mil tochas, brilhando nas janelas e nas escadarias do Palácio Ducal, transformaram subitamente aquela obscuridade absoluta num dia lívido e sobrenatural.

Uma criança, ao escorregar dos braços de sua própria mãe, caiu de uma janela alta no canal profundo e escuro. As águas tranquilas se fecharam pacíficas sobre sua vítima e, apesar de minha gôndola ser a única visível, muitos nadadores fortes, já no canal, procuravam em vão o tesouro que, infelizmente, seria encontrado apenas... Apenas no abismo. Sobre a grande calçada de mármore na entrada do palácio, alguns passos acima da água, estava uma figura que ninguém nunca mais esqueceu. Era a Marquesa Afrodite, a adorada de toda a Veneza, a mais feliz entre os felizes, a mais bonita onde todos eram belos, mas ainda a jovem esposa do velho e misterioso Mentoni, e a mãe daquela linda criança, sua primeira e única, que agora, sob a água turva, estava pensando, triste, em seu carinho e sua pequena vida se exaurindo nos esforços de chamar pelo seu nome.

Ela estava lá sozinha. Seus pés pequenos, descalços e pálidos brilhavam no espelho escuro do mármore sob ela. Seu cabelo, ainda meio solto, pois não terminara de arrumá-lo para o baile, adornado com uma chuva de diamantes em sua cabeça em cachos como os do jacinto. Um tecido branco e delicado parecia ser o único tecido cobrindo sua silhueta delicada, mas o ar da meia-noite de verão era quente, taciturno e estático, e movimento algum daquela forma que lembrava uma estátua agitava as dobras daquela vestimenta de vapor, que a cobria como o mármore cobre a Níobe. Ainda assim, por mais

estranho que fosse, seus grandes olhos brilhantes não estavam voltados para a cova onde seu raio de esperança estava enterrado, mas para uma direção completamente contrária. A prisão da Velha República é, creio eu, a construção mais imponente em toda a Veneza, mas, como aquela senhora podia admirá-la com um olhar tão fixo quando, sob ela, estava sufocado seu único filho? Aquele lugar obscuro também adormece na visão da janela de seu quarto, o que, então, poderia haver em suas sombras, em sua arquitetura, seus beirais cobertos por heras, que a Marquesa di Mentoni não tenha visto mil vezes antes? Besteira! Quem não sabe que, em momentos como esse o olho, como um espelho estilhaçado, multiplica as imagens de seu luto e vê, em inúmeros lugares distantes, o pesar que está ao seu alcance?

Acima da Marquesa, no arco da comporta, estava, muito bem vestida, a figura satírica de Mentoni. De tempos em tempos ele tamborilava um violão e parecia incomodado com aquela morte já que, de tempos em tempos, dava instruções para o resgate de seu próprio filho. Estupefato e horrorizado, eu não tinha forças para sair da posição que tomei ao ouvir o grito, e devo ter parecido, aos olhos da multidão agitada, uma aparição espectral e sinistra, já que com o rosto pálido e os membros rígidos, eu flutuava entre eles naquela gôndola fúnebre.

Todos os esforços foram em vão. Muitos dos mais enérgicos na busca estavam cessando seus esforços e se entregando a um luto sombrio. Parecia haver pouca esperança para a criança (menos ainda para a mãe!), mas agora, do interior daquele lugar escuro que já foi mencionado como parte da velha prisão que fica defronte às grades da Marquesa, uma figura escondida em um capuz veio para a luz e, parando um momento na beira da descida íngreme, mergulhou de cabeça no canal. Um instante depois, ela surgiu com a criança viva, respirando, em seu colo, sobre a calçada de mármore ao lado da Marquesa. Seu manto, encharcado de água, caiu aos poucos aos seus pés e revelou aos espectadores admirados a silhueta graciosa de um homem muito jovem, cujo nome agora ecoava por grande parte da Europa.

O homem não disse uma palavra sequer. Mas a Marquesa! Agora ela receberia sua criança, iria apertá-la contra seu peito, iria segurá-la firme e sufocá-la com seus carinhos. Mas não! Os braços de outra pessoa a pegaram do estranho, os braços de outro alguém a levaram embora, sem serem notados, para dentro do palácio! E a Marquesa! Seus lábios, seus belos lábios tremiam, as lágrimas estavam enchendo seus olhos, aqueles olhos que, como Plínio descreve o acanto, são "suaves e quase líquidos". Sim! As lágrimas se acumulam naqueles olhos e veja! A mulher treme até a alma e a estátua começa a ganhar vida! A palidez da feição de mármore, o inchaço de seu peito marmóreo, a própria pureza dos pés de mármore;

testemunhamos a súbita onda de um incontável tom carmesim e um súbito tremor toma sua silhueta delicada como um vento suave passa sobre os lírios brancos em Nápoles.

Por que aquela senhora se enrubesceria? Não há resposta para esta pergunta, exceto pelo fato de que ao deixar, na pressa e no medo profundos de um coração de mãe, a privacidade de seu próprio quarto, ela esqueceu de proteger

seus pés delicados com calçados e esqueceu por completo de cobrir seus ombros venezianos com os tecidos para isto designados. Qual outra possível razão poderia haver para que ela se enrubescesse de tal modo? Talvez o vislumbre daqueles olhos selvagens? O tumulto incomum de seu seio palpitante? A pressão convulsiva do tremor de sua mão? A mão que caiu por acidente, enquanto Mentoni adentrava o palácio, sobre a mão do estranho? Que razão teria para o baixo, o tom particularmente baixo daquelas palavras sem sentido que a senhora pronunciou com pressa ao dizer-lhe adeus?

— Tu conquistaste — disse ela, ou então fui enganado pelos murmúrios da água —, tu conquistaste, uma hora após o nascer do sol iremos nos encontrar, assim seja!

O tumulto se desfez, as luzes se apagaram dentro do palácio e o estranho, que eu havia agora reconhecido, ficou de pé sozinho na calçada. Ele tremia com uma agitação incompreensível e seus olhos observavam ao seu redor em busca de uma gôndola. Eu não podia deixar de oferecer os serviços de minha própria gôndola, e ele aceitou a civilidade. Depois de pegarmos um novo remo na comporta, seguimos juntos para sua residência enquanto ele recuperava os sentidos rapidamente e falava de nosso velho contato num tom que parecia bastante cordial.

Há alguns assuntos que tenho o prazer de tratar com concisão. A pessoa do estranho, permita-me chamá-lo por este título, que para todo o mundo ainda era um estranho, era um desses assuntos. Sua altura estava mais para menor do que maior que o tamanho médio, apesar de haver momentos de intenso fervor quando sua silhueta se expandia e contrariava esta afirmação. A simetria sutil e

quase imperceptível de sua silhueta prometia mais daquela disposição que ele demonstrou na Ponte dos Suspiros do que daquela força hercúlea pela qual ele é conhecido, por demonstrar sem esforços em ocasiões que apresentam um maior perigo. Com a boca e o queixo divinos, olhos singulares, grandes, líquidos, cujo tom variava de um puro âmbar a um

intenso e brilhante castanho escuro e uma multidão de cachos negros, de onde a testa, de uma largura incomum, brilhava com o contraste da luz e do ébano, suas feições eram clássicas, de forma que nunca havia vislumbrado um rosto mais regular, talvez exceto pelas estátuas de mármore do imperador Cómodo. No entanto, suas feições ainda eram de um tipo que todos os homens já viram em algum momento de suas vidas, mas nunca mais as viram. Não traziam peculiaridade alguma, não tinham uma expressão que ficasse gravada na memória, uma feição vista e esquecida no mesmo momento, mas esquecida com um desejo vago e latente de lembrar-se dela. Não que o espírito de cada rápida paixão falhasse, a qualquer momento, em projetar sua própria imagem distinta no espelho daquela face, mas aquele espelho, assim como um espelho real, não guardava vestígios da paixão quando ela partia.

Ao deixá-lo na noite de nossa aventura, ele solicitou que eu, com certa urgência, pelo que considere, o chamasse bem cedo na manhã seguinte. Pouco depois do nascer do sol, eu estava, como combinado, em seu palazzo, uma daquelas gigantes estruturas de pompa obscura, mas fantástica, que se ergue sobre as águas do Grande Canal na vizinhança de Rialto. Fui guiado por uma grande escada caracol decorada com mosaicos até a entrada de um cômodo cujo esplendor incomparável explodia pela abertura da porta com um brilho visível, cegando-me e deixando-me tonto com o luxo. Eu sabia que meu conhecido era rico. Os relatos

sobre suas posses eram sempre carregados de termos que ousou chamar de exagero ridículo. Mas, enquanto refletia, não

conseguia acreditar que a riqueza de qualquer pessoa na Europa pudesse suprir a magnificência principesca que brilhava e resplandecia ao meu redor.

Apesar de, naquele momento, o sol já ter surgido, o cômodo ainda estava sendo iluminado. Por isso, e também pelo ar de exaustão nas feições de meu amigo, julguei que ele não havia dormido um minuto sequer na noite anterior. Era evidente que a intenção da arquitetura e da decoração do cômodo era de confundir e deslumbrar. Pouca atenção foi dispensada ao que é chamado, tecnicamente, de conservação das características nacionais. Os olhos saltavam de objeto para objeto, sem repousar sobre nenhum, nem sobre as pinturas caricatas dos gregos, nem sobre as esculturas dos melhores dias da Itália, nem sobre as enormes obras dos inexperientes egípcios. As tapeçarias luxuosas espalhadas por todo o cômodo tremiam com a vibração de uma música baixa e melancólica de origem desconhecida. Os sentidos foram sobrecarregados por uma mistura de diferentes perfumes, um mau cheiro que vinha de estranhos incensários junto a várias chamas brilhantes que resplandeciam em tons de esmeralda e violeta. Os raios do sol recém-chegados adentravam o local pelas janelas, formando um único vitral em tom carmesim. Resvalando de um lado para

o outro, de mil jeitos diferentes, das cortinas que caíam de seus varões como cataratas de prata derretida, os raios da glória natural se misturavam desordenados, enfim, com a luz artificial e se abrigavam em massas vencidas sobre o carpete de um tecido feito de ouro chileno, que parecia líquido.

— Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! — riu o proprietário, guiando-me até um assento no momento em que adentrei o quarto e atirando-se com tudo sobre um pufe. — Percebi — disse ele, vendo que não consegui me reconciliar imediatamente com o decoro de boas-vindas tão peculiares — que você ficou impressionado com meus aposentos, minhas estátuas, minhas pinturas, minha originalidade ao conceber tal

arquitetura e as tapeçarias. Completamente inebriado com a minha magnificência, não é? Mas me perdoe, (nesse momento o tom de sua voz se tornou o próprio espírito da cordialidade) pela minha risada maldosa. Sua admiração parecia tão sincera. Além disso, algumas coisas são de tamanho absurdo que um homem há de rir ou morrer. Morrer gargalhando deve ser a mais gloriosa de todas as mortes gloriosas! Thomas More, Thomas More era um homem muito bom, Thomas More morreu gargalhando, você se lembra. Além disso, nos absurdos de Ravisius Textor há uma lista de pessoas que tiveram este mesmo fim magnífico. No entanto, você sabia — continuou ele, divagando — que em Esparta, (que é a Palaeochori de hoje) em Esparta, digo, a oeste da cidadela, entre um caos de ruínas que

mal se vê, há uma espécie de pilar no qual ainda se pode ler os caracteres AAEM. Sem dúvida, parte da palavra PEAAEMA. Há mil templos e santuários dedicados a mil divindades diferentes. Quão exageradamente estranho é o fato de o altar do Riso ter sido o único sobrevivente entre tantos! Mas, no presente momento — continuou ele com uma alteração peculiar em sua voz e em seu comportamento —, não tenho o direito de me alegrar às suas custas. Você tem todo o direito de ter ficado impressionado. A Europa não pode produzir nada tão requintado como isto, meu pequeno gabinete real. Meus outros cômodos não são nada parecidos com este, são meras representações da insipidez da moda. Isto é melhor que a moda, não é? Ainda assim, não se tornou razão da fúria daqueles que poderiam adquiri-lo ao custo de todo seu patrimônio. No entanto, resguardei-me de qualquer profanação do tipo. Com uma exceção: você é o único ser humano além de mim e de meu criado que foi autorizado a adentrar os mistérios deste recinto imperial desde que foi adornado da forma como você o vê!

Curvei-me em agradecimento, pois a sensação avassaladora do esplendor, do perfume e da música juntos

à excentricidade de seu modo de falar e agir impediram que eu expressasse com palavras o apreço que eu poderia ter transformado num elogio.

— Aqui — continuou ele, levantando-se e segurando meu braço enquanto vagava pelo cômodo — aqui há pinturas dos gregos até Cimabue, e de Cimabue até os contemporâneos. Muitos são escolhidos, como você pode ver, com pouco respeito às opiniões da Virtù. No entanto, são todas tapeçarias adequadas a um cômodo como este. Aqui há, também, obras-primas de grandeza desconhecida e, aqui, projetos inacabados de homens célebres em seus dias, cujos próprios nomes a lucidez dos acadêmicos deixou para o silêncio e para mim. O que você acha — perguntou ele, virando-se de súbito enquanto falava — desta Madonna della Pieta?

— É a original de Guido! — exclamei, com todo o entusiasmo de minha natureza, pois tenho estudado bastante sobre sua beleza extraordinária. — É a original de Guido! Como você a conseguiu? Sem dúvidas, ela é para a pintura o que a Vênus é para a escultura.

— Ha! — disse ele, pensativo. — A Vênus? A bela Vênus? A Vênus de Medici? Aquela da cabeça minúscula e dos cabelos dourados? Parte do braço esquerdo (aqui sua voz se abaixou de forma que era difícil escutá-la) e todo o direito são frutos de restaurações, e na coqueteria daquele braço direito está, creio eu, o suprassumo de tudo que foi afetado. Dê-me a Canova! O Apolo também é uma cópia, não há dúvidas, cego que sou, não pude observar a inspiração exagerada de Apolo! Não posso evitar, é uma pena, não posso evitar preferir o Antínoo. Não foi Sócrates quem disse que foi o escultor quem encontrou a

estátua no bloco de mármore? Então Michelangelo não foi nada original em seu par de versos:

"Ao ótimo artista não há conceito
Que mármore apenas não circunscreva."

Foi, ou deveria ser explicado que, à moda do verdadeiro cavalheiro, estamos sempre cientes da diferença de porte dos vulgares, sem ser nem um pouco capazes de determinar no que tal diferença consiste. Permitindo que esta explicação seja aplicada ao máximo ao comportamento expressado por meu conhecido, senti que ela, naquela manhã agitada, poderia ser ainda melhor aplicada ao seu temperamento e caráter. Também não posso definir melhor a particularidade de seu espírito, que parecia colocá-lo tão distante de todos os outros seres humanos, a não ser por chamá-la de um hábito de reflexão intenso e contínuo que domina até mesmo suas ações mais triviais, invadindo seus momentos de galanteio e se entremeando com os relances de alegria como víboras que se projetam dos olhos de máscaras sorridentes nos beirais dos templos de Persépolis. No entanto, não pude evitar observar por diversas vezes que, em meio ao seu tom que

misturava a leviandade e a solenidade, que permitia que ele discorresse rapidamente sobre assuntos de pouca importância, havia certo ar de insegurança, um grau de fervor nervoso em suas ações e discurso, uma agitação inquieta em seu comportamento que, no fim, parecia a mim inexplicável e que, em alguns momentos, deixava-me alarmado. Além disso, fazia frequentes pausas no meio de frases cujos inícios ele parecia ter esquecido. Ele parecia estar escutando com muita atenção, como se estivesse ou esperando, por um momento, um visitante, ou escutando sons que deviam existir apenas em sua imaginação.

Foi durante um desses devaneios ou pausas de aparente abstração que, ao virar a página da bela tragédia do poeta e acadêmico Policiano, "Orfeo" (a primeira tragédia italiana), que estava ao meu lado sobre um pufe, descobri uma passagem sublinhada por um lápis. Era uma passagem próxima ao fim do terceiro ato, uma passagem de grande apelo ao coração, uma passagem que, apesar de estar

manchada com impureza, nenhum homem lerá sem um arrepio de uma nova emoção, nenhuma mulher a lerá sem suspirar. A página inteira estava manchada por lágrimas recém-derramadas e, sobre a folha oposta estavam os versos em inglês, escritos com uma caligrafia tão diferente dos estranhos caracteres de meu conhecido que tive dificuldade em reconhecê-la como sua.

“Tu eras a mim, amor Para minha alma calvário A verde ilha ao
mar, amor Uma fonte, um santuário Com belas frutas e flores
As flores de meu terrário.

Sonho que há de falhar Brilhante esperança a vir Somente para
apagar!

Voz do futuro a rugir

“À frente”, mas lembrar Meu espírito a cair

Mudo e frio a se assustar!

Como crueldade a mim Acaba-se a luz da vida Sem mais flores
no jardim A água do mar fluída

Toca a areia um serafim Morre a árvore caída Não voa águia
sem fim!

Minhas horas são em vão

E os sonhos em meu descanso Turbilhões de escuridão

Onde teus pés brilham mansos Numa etérea vastidão

Em rios da Itália balanço.

Que eu esqueça o triste dia Quando a levaram ao mar Amor o
tempo tolhia

Por o sono profanar Roubada da calmaria

Com o salgueiro a chorar!”

O fato destes versos estarem escritos em inglês, uma língua que não acreditava ser conhecida por seu autor, conferiu-me um motivo para ficar surpreso. Eu estava muito ciente da dimensão de suas habilidades e do prazer singular que ele sentia em escondê-las de qualquer observador para ficar surpreso com qualquer descoberta parecida, mas devo confessar que o local onde os versos foram escritos não me impressionou muito.

Foram escritos originalmente em Londres e sublinhados depois com cuidado, no entanto, não teve tanto sucesso ao escondê-los de uma análise. Isso não me deixou muito surpreso, pois lembro muito bem que numa conversa anterior com um amigo, perguntei de forma específica se ele já havia encontrado a Marquesa di Mentoni (que por alguns anos antes de seu casamento morou naquela cidade), e sua resposta, se eu não estiver enganado, deu a entender que ele nunca havia visitado a metrópole da Grã-Bretanha. Posso mencionar também que, mais de uma vez, ouvi dizer (sem, é claro, dar crédito a um testemunho que envolve tantas coisas improváveis), que a pessoa de quem falo não é apenas um inglês, mas foi também educado nesta língua.

— Há uma pintura — disse ele, sem perceber que notei a tragédia —, ainda há uma pintura que você não viu. — E afastando uma cortina, revelou um grande retrato da Marquesa Afrodite.

A arte humana não poderia ter feito mais para delinear sua beleza sobrenatural. A mesma figura etérea que estava diante de mim na noite anterior nos degraus do Palácio Ducal estava diante de mim mais uma vez. Mas, na expressão em suas feições, que estava brilhando com um sorriso, ainda havia (como uma anomalia incompreensível!) aquela melancolia vacilante que nunca será separada da perfeição do mundo. Seu braço direito estava apoiado em seu peito. Com o esquerdo, ela apontava para baixo, em direção a um vaso decorado de forma curiosa. Um pé pequeno, pálido, e pouco visível mal tocava o chão, e quase invisível na atmosfera brilhante que parecia cercar e exaltar sua beleza, flutuava um par das mais delicadas asas que se pode conceber. Meu olhar foi da pintura para a figura de meu amigo, e as poderosas palavras que Chapman escrevera na tragédia Bussy D'Ambois, vieram como por instinto aos meus lábios:

“Lá está ele

Como uma estátua romana! Lá estará Até que a morte o faça mármore!”

— Venha — disse ele enfim, voltando-se para uma mesa de artigos de prata gigantes e muito brilhantes, sobre a qual havia alguns cálices muito bem decorados junto a dois vasos etruscos do mesmo modelo extraordinário que aquele no fundo do retrato, cheios do que imaginei ser vinho branco. — Venha — disse ele, de súbito —, bebamos! Está cedo, mas bebamos. Está mesmo cedo — continuou ele, refletindo, como se um querubim com um pesado martelo dourado tivesse feito o apartamento badalar com a primeira hora após o nascer do sol. — Está mesmo cedo, mas qual o

problema? Bebamos! Façamos uma oferenda ao sol solene que estas lâmpadas espalhafatosas e estes incensários tanto querem subjugar! — E, fazendo com que eu me juntasse a ele em um brinde, engoliu rapidamente vários cálices de vinho.

— Sonhar — continuou, retornando ao tom de sua conversa inconstante enquanto segurava sob a forte luz de um incensário um dos magníficos vasos — sonhar tem sido o negócio da minha vida. Portanto, construí para meu uso pessoal, como você pode ver, um arco de sonhos. Poderia ter feito algo melhor no coração de Veneza? É verdade, você observa ao seu redor uma mistura de belezas arquitetônicas. A pureza de Jônia é

ofendida pelos artifícios antediluvianos e as esfinges do Egito estão estendidas em tapetes de ouro. Ainda assim, o efeito só é incongruente aos tímidos. As propriedades do local e, especialmente, do tempo, são os pesadelos que afastam a humanidade da contemplação da magnificência. Eu mesmo já fui um decorador, mas aquela sublimação de besteiras perturbou a minha alma. Agora, tudo isso é mais adequado ao meu propósito. Como os arabescos desses incensários, minha alma se incendeia e o delírio deste cenário está me preparando para as visões mais selvagens daquela terra de sonhos reais para onde eu irei logo partir.

Neste momento ele pausou de repente, voltou sua cabeça para seu peito e parecia escutar um som que eu não podia ouvir. Por fim, endireitando sua postura, ele olhou para cima e proferiu os versos do Bispo de Chichester:

“Espere por mim! Não vou deixar De no profundo vale te encontrar”

No momento seguinte, admitindo o poder do vinho, ele se atirou com tudo sobre um pufe.

Agora podia ouvir passos rápidos na escada e uma batida alta na porta logo os seguiu. Eu estava pronto para esperar

por uma segunda perturbação quando um servo da casa de Mentoni entrou com tudo no quarto vacilante e, com uma voz mergulhada em emoção, pronunciou as palavras incoerentes:

— Minha ama! Minha ama! Envenenada! Envenenada! Oh, bela, bela Afrodite!

Confuso, corri até o pufe e tentei acordar o adormecido para que recuperasse os sentidos. Mas seus membros estavam rígidos, seus lábios lívidos, seus olhos antes brilhantes mergulhados na morte. Afastei-me em direção à mesa, minha mão caiu sobre um cálice quebrado e escurecido e a consciência da verdade terrível e completa lampejou pela minha alma.

Berenice

"Os meus amigos diziam-me que, se eu visitar o sepulcro de minha amada, minha tristeza será aliviada."

Ebn Zaiat

A tristeza tem muitas faces. A desventura da Terra tem muitas formas. Abrangendo o largo horizonte como o arco-íris, seus tons são tão variados como os tons daquele arco, assim como também são distintos ao mesmo tempo em que sutilmente mesclados. Abrangendo o largo horizonte como o arco-íris! Como pude, daquela beleza, tirar uma espécie de antipatia? Do símbolo da paz, um traço de sofrimento? Mas, assim como, na teoria, o mal é a consequência do bem, então, na prática, o sofrimento nasce da alegria. Ou é a lembrança de um êxtase antigo que se transforma na angústia presente, ou são as agonias que têm sua origem no êxtase do que poderia ter acontecido.

Meu nome de batismo é Egeu. Não mencionarei o nome de minha família. No entanto, não há torres na terra mais contempladas pelo tempo que as histórias sombrias e tenebrosas de minha hereditariedade. Nossa linhagem foi chamada de raça de visionários e, em vários detalhes surpreendentes no caráter da mansão da família, nos afrescos do salão principal, nas tapeçarias dos dormitórios, nos entalhes

de alguns pilares do depósito de armas, mas, especialmente na galeria de pinturas antigas, no estilo da biblioteca e, por último, na natureza peculiar dos conteúdos da biblioteca, existem evidências mais que suficientes para justificar tal crença.

As lembranças de meus primeiros anos estão conectadas àquele cômodo e aos seus volumes, dos últimos não falarei mais. Aqui morreu minha mãe. Aqui eu nasci. Mas seria fútil dizer que não vivi antes, que a alma não tem uma existência anterior. Você nega tal afirmação? Não discutamos o assunto. Estando eu convencido, não desejo convencer. No entanto, há uma recordação de formas etéreas, de olhos espirituais e expressivos, de sons melódicos, mas tristes, uma recordação que não será descartada, uma memória como uma sombra: vaga, variável, indefinida, instável e, também como uma sombra, não há a possibilidade de que me livrarei dela enquanto o brilho de minha existência raiar.

Naquela câmara eu nasci. Assim, ao acordar após uma noite que parecia, mas não era, não existência, e ir direto aos domínios de uma terra mágica, um palácio da imaginação, os domínios selvagens do pensamento monástico e da erudição, não é de se admirar que eu tenha olhado ao meu redor com olhos assustados, ardendo, que eu tenha passado a minha infância em meio aos livros e desperdiçado a minha juventude em sonhos, mas é curiosa a forma como, na medida em que os anos se passaram, a chegada da maioridade me encontrou

ainda na mansão de meus antepassados, é maravilhosa a estagnação que caiu sobre as nascentes de minha vida, inacreditável a uma inversão completa de caráter que se deu em relação ao meu pensamento mais primitivo. A realidade do mundo me afetou como as visões o fazem, e apenas como visões, enquanto as ideias excêntricas da terra dos sonhos se tornaram, em troca, não a materialização de minha existência diária, mas a minha própria existência.

Berenice e eu éramos primos e crescemos juntos em meus corredores paternais. Mesmo assim, crescemos de formas diferentes. Eu doente e enterrado em escuridão, ela ágil, graciosa, transbordando energia. Para ela, a caminhada nas colinas, a mim, os estudos na clausura. Eu vivia em meu próprio coração, viciado, de corpo e alma, na mais intensa e dolorosa meditação, ela vagando despreocupada pela vida, sem pensar nas sombras em seu caminho ou no voo silencioso do corvo.

— Berenice! — chamo seu nome — Berenice! — e das ruínas cinzentas da memória, milhares de recordações tumultuosas se assustam com o som! Ah, sua imagem diante de mim está agora tão vívida como nos velhos tempos de sua leveza e alegria! Ah, uma beleza maravilhosa e fantástica! Ah, um sopro entre os arbustos de Arnheim! Ah, uma Náíade entre suas

nascentes. Então, então tudo se transformou em mistério e horror, uma história que não deve ser contada. Uma doença, uma doença fatal caiu como uma tempestade sobre ela e, mesmo enquanto eu a observava, o espírito da mudança a dominava, invadindo sua mente, seus hábitos, seu caráter e, da maneira mais sutil e terrível, perturbava até mesmo sua identidade. Desejo esquecer tal história! O destruidor ia e vinha! A vítima, onde estava? Eu não a conhecia, pelo menos não a conhecia mais como Berenice.

Entre as inúmeras torrentes do mal induzidas por aquela força fatal e primitiva que causava uma revolução de cunho tão horrível na moral e no aspecto físico de minha prima, menciono a mais perturbadora e incansável por natureza: um tipo de epilepsia que frequentemente terminava num transe, transe esse que muito lembrava a dissolução certa, e cuja forma de recuperação era, na maioria das vezes, abrupta e assustadora. Enquanto isso, minha própria doença, pois disseram-me que não devo dar-lhe outro nome, minha própria doença, então, agravou-se e, por fim, assumiu um novo e extraordinário caráter monomaniaco,

ganhando força a cada segundo e, por fim, obtendo um domínio da natureza mais incompreensível sobre mim. Esta monomania, se assim devo chamá-la, consistia numa irritação insalubre daquela propriedade da mente denominada, nas ciências metafísicas, como atenção. É mais que provável que eu

não seja compreendido, mas temo, de fato, que não seja, de maneira alguma, possível explicar de forma precisa para a mente do mero leitor comum a intensidade insuportável do interesse com o qual, no meu caso, os poderes da meditação (para não falar de forma técnica) se ocupavam mergulhados na contemplação até do mais comum objeto do universo.

Meditar por horas sem descanso com minha atenção direcionada a algum detalhe fútil na margem ou na tipografia de um livro, ficar absorto durante a maior parte de um dia de verão numa estranha sombra que caía oblíqua sobre a tapeçaria ou sobre o chão, perder-me, durante uma noite inteira, na observação da chama estável de uma lamparina ou nas brasas de uma fogueira, sonhar por dias com o perfume de uma flor, repetir, de um jeito monótono, uma palavra qualquer até que o som, pela força da frequente repetição, parasse de levar qualquer ideia à mente, perder qualquer noção de movimento ou existência física devido à absoluta, longa e persistente quietude perseverante do corpo: esses eram alguns dos caprichos mais comuns e menos destrutivos induzidos por uma condição das faculdades mentais que, na verdade, não eram, como um todo, inexplicáveis, mas que certamente desafiavam qualquer coisa como a análise e a explicação.

Mas, não me entenda mal. A excessiva, sincera e mórbida atenção desta forma despertada por objetos em sua própria natureza fútil não deve ter seu caráter confundido com aquela predisposição ruminante comum a toda humanidade, em

especial, despertada naqueles de imaginação ardente. Não era nem mesmo, como pode se supor num primeiro momento, uma condição extrema ou

um exagero de tal predisposição, mas distinta e diferente dela em essência e fundamento. Neste caso, o sonhador ou entusiasta, estando interessado por um objeto incomum, perde, sem perceber, este objeto de vista em uma selva de deduções e sugestões que dele partem até que, no fim de um devaneio, geralmente cheio de luxo, ele percebe que o incitamento, ou a primeira causa de sua meditação, desapareceu, foi esquecido. Em meu caso, o objeto primário era sempre fútil, apesar de assumir, por meio de minha visão nublada, uma importância retraída e irreal. Algumas deduções, se existiram, foram feitas, e aquelas poucas eram persistentes em voltar à original como um centro. As meditações nunca eram prazerosas e, no fim do devaneio, a primeira causa, além de estar fora de vista, tinha ganhado aquele interesse exagerado de forma sobrenatural, que era a principal característica da doença. Em resumo, os poderes da mente mais exercitados por mim eram, como citei, os da atenção, e são, pelo sonhador, os especulativos.

Nessa época, observou-se que meus livros, se é que não serviam realmente para agravar a desordem, tinham grande parte, por sua natureza imaginativa e inconsequente, nas qualidades características à própria doença. Lembro-me bem que, dentre eles, o tratado do nobre italiano Coelius Secundus

Curio, De Amplitudine Beati Regni Dei, a grande obra de Santo Agostinho, De Civitate Dei, e "A Carne de Cristo", de Tertuliano, no qual se encontra o paradoxo: "O filho de Deus está morto, há de se acreditar, pois é incrível que do sepulcro ele ressuscitasse, é verdade, pois é impossível", ocuparam todo o meu tempo durante muitas semanas de uma investigação trabalhosa e infrutífera.

Assim, parecerá que, fora de equilíbrio apenas por causas triviais, meu raciocínio lembra aquele rochedo oceânico descrito por Ptolomeu Hefestião, que resistia bravamente aos ataques da violência humana e da fúria das águas e dos ventos, mas estremecia ao toque de uma flor chamada Asfódelo. E apesar de poder parecer a um pensador

desatento que, sem dúvidas, a alteração causada pela infeliz doença na condição moral de Berenice daria a mim muitos objetos para o exercício daquela intensa e anormal meditação, cuja natureza tenho dificuldade de explicar, esse não era, em hipótese alguma, o caso. Na verdade, nos intervalos de lucidez de minha doença, sua desgraça me entristecia e, levando ao meu coração o declínio completo de sua vida bela e feliz, eu sempre refletia, com amargura, sobre o que levou a uma revolução tão estranha e súbita. Estas reflexões não partiam da condição de minha doença, mas teriam acontecido, sob circunstâncias similares, pela parte da massa comum da humanidade. Verdadeira com seu próprio caráter, minha

doença se rebelava na menos importante, mas mais chocante mudança ocorrida na aparência física de Berenice, na distorção particular e mais terrível de sua identidade.

Durante os melhores dias de sua beleza incomparável eu, por certo, não a amava. Na estranha anomalia de minha existência, meus sentimentos nunca pertenceram ao coração e minhas paixões sempre pertenceram à mente. Durante a manhã nublada entre as sombras da floresta, ao meio-dia, e no silêncio de minha biblioteca pela noite, ela passava diante de meus olhos e eu a via não como a Berenice de carne e osso, mas a Berenice de um sonho, não como um ser da terra, terreno, mas a abstração de tal criatura, não como algo a se admirar, mas a se analisar, não como um objeto de amor, mas como o tema da mais obscura, apesar de incoerente, especulação. E agora, agora eu estremecia em sua presença, ficava pálido quando ela se aproximava, ainda assim, lamentava, amargo, sua condição desoladora, lembrava que ela me amava e, num ato de maldade, falava com ela sobre casamento.

O dia de nossas núpcias estava se aproximando, quando, numa tarde de inverno, um daqueles dias anormalmente calmos e enevoados como a ama de leite da bela Alcione, sentei-me (pensei que sozinho) no interior da biblioteca.

Mas, ao levantar meus olhos, vi que Berenice estava diante de mim.

Seria a minha imaginação perturbada, ou a influência daquela atmosfera nevoenta, ou o crepúsculo incerto da câmara, ou as cortinas cinzentas que cercavam sua silhueta, que conferia um aspecto tão vacilante e indistinto? Eu não sabia dizer. Ela não falava palavra alguma e eu não teria sido capaz de proclamar uma sílaba sequer. Senti um calafrio, uma sensação incontrollável de ansiedade me oprimia, uma curiosidade desgastante invadia minha alma e, afundando-me na cadeira, permaneci sem ar e imóvel por um tempo, com meus olhos voltados para ela. Desejo esquecer aquilo. Sua magreza era excessiva e nenhum vestígio do antigo ser podia ser visto em qualquer aspecto. Meus olhares ardentes por fim caíram sobre seu rosto.

Sua testa era alta, muito pálida, e de uma placidez singular. O cabelo, antes negro, caía sobre parte dela e cobria as têmporas ressequidas com inúmeros caracóis, agora de um amarelo vívido, diferenciando-se, em seu fantástico caráter, da melancolia reinante em seu rosto. Os olhos estavam sem vida e sem brilho, as pupilas quase invisíveis, e desviei, sem querer, de seu olhar vítreo para a contemplação dos lábios finos e murchos. Eles se abriram num sorriso de significado peculiar e os dentes desta nova Berenice se revelaram devagar para mim. Deus quisesse que eu nunca os tivesse visto, ou que, ao tê-los contemplado, tivesse morrido!

Assutei-me com o som de uma porta se fechando e, ao olhar para cima, vi que minha prima havia deixado a câmara. Mas, da câmara confusa de meu cérebro, ela infelizmente não havia partido. Não! E o aspecto esbranquiçado e horrendo dos dentes também não

deixariam meus pensamentos. Não havia mancha alguma em sua superfície, nenhuma imperfeição em seu esmalte, nenhum lasco em suas pontas, mas aquele curto período de sorriso foi suficiente para fixá-los em minha memória. Agora eu os via com mais clareza que naquele momento. Os dentes! Os dentes! Cá estavam eles, lá, em todo lugar, visíveis e palpáveis diante de mim, longos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos se retorcendo ao redor deles, como no exato momento de seu primeiro e terrível surgimento. Então, surgiu a completa fúria de minha monomania e lutei em vão contra sua estranha e irresistível influência. Não pensava em mais nenhum dos variados objetos do mundo exterior, nada além dos dentes. Eu os cobiçava com um desejo frenético. Todos os outros assuntos e diferentes interesses foram absorvidos nessa única contemplação. Eles, somente eles, existiam aos olhos da mente e em sua solitária individualidade, tornaram-se a essência de minha vida imaginária. Eu os observava sob todas as luzes. Eu

os colocava em todos os ângulos. Eu estudava suas características. Eu pensava em suas peculiaridades. Eu refletia sobre sua forma. Eu imaginava as alterações em sua natureza. Eu tremia ao conferir a eles, em minha imaginação, um poder sensível e consciente, e mesmo sem a ajuda dos lábios, a capacidade de expressar-se moralmente. Como bem disse a Mademoiselle Salle, "cada um de seus passos era um sentimento", e eu acreditava que, no caso de Berenice, cada um de seus dentes era uma ideia. Uma ideia! Ah, cá estava o pensamento idiota que me destruía! Uma ideia! Ah, era por isso que eu tanto os cobiçava! Eu sentia que os possuir poderia restaurar a minha paz, devolver-me a razão. Assim, a noite caiu sobre mim, depois veio a escuridão, demorada, e se foi, e o dia mais uma vez amanheceu e o nevoeiro de uma segunda noite agora se formava e eu ainda estava sentado sozinho naquele quarto, ainda absorto na meditação, e o fantasma dos dentes ainda mantinha sua

presença terrível como se, com a distinção mais horrível e vívida, flutuasse entre as luzes e as sombras bruxuleantes da câmara. Por fim, surgiu em meus sonhos um grito de horror e desesperança, sucedido, após uma pausa, pelo som de vozes desesperadas, misturado a vários suspiros baixos de luto ou de dor. Levantei-me de meu assento e, abrindo uma das portas da biblioteca, vi, na antessala, uma empregada em prantos, que me contou que Berenice estava... Não mais! Ela foi levada pela

epilepsia logo cedo e agora, no fim na noite, a cova estava pronta para sua moradora, e todas as preparações para o enterro haviam sido concluídas.

Encontrava-me outra vez sentado na biblioteca e, novamente, sozinho. Parecia que eu havia apenas acordado de um sonho confuso e perturbador. Eu sabia que agora era meia noite, e estava muito ciente de que, desde o pôr do sol, Berenice estava enterrada. Mas, daquele momento sombrio não tinha compreensão alguma, nenhuma compreensão definida. Ainda assim, sua lembrança estava repleta de horror, um horror mais horrível por ser vago e um terror mais terrível por sua ambiguidade. Era uma página medonha de minha existência, escrita com lembranças incompreensíveis, horríveis e confusas. Eu me esforcei para decifrá-las, mas em vão, enquanto ocasionalmente, como o espírito de um som que partira, o grito agudo e insuportável de uma voz feminina parecia ecoar em meus ouvidos. Eu havia feito algo, mas o que era? Repeti esta pergunta em voz alta, e os ecos sussurrantes da câmara me responderam: "o que era?".

Na mesa ao meu lado, uma lamparina queimava e, ao lado dela, estava uma pequena caixa. Ela não tinha nenhuma

característica marcante e eu já tinha a contemplado várias vezes antes, pois pertencia ao médico da família, mas como veio parar aqui, em minha mesa, e por que senti um calafrio ao observá-la? Estas coisas não deveriam ser, de forma alguma, levadas em consideração e, por fim, meus olhos repousaram nas páginas de um livros, em uma frase ali sublinhada. Eram palavras singulares, mas simples, do poeta Ebn Zaiat: "Os meus amigos diziam-me que, se eu visitar o sepulcro de minha amada, minha tristeza será aliviada". Por que, então, quando eu as lia, os cabelos de minha cabeça se arrepiavam de súbito e o sangue em minhas veias se congelava?

Ouvi uma leve batida na porta da biblioteca e, pálido como o habitante de uma tumba, um empregado entrou na ponta dos pés. Seu olhar estava dominado pelo terror e ele se dirigiu a mim com uma voz trêmula, rouca e muito baixa. O que ele disse? Ouvi algumas frases sem nexos. Ele falou de um grito selvagem que perturbou o silêncio da noite, da reunião dos que estavam na casa, de uma busca na direção do som, então, seu tom ficou mais distinto quando ele sussurrou algo sobre um túmulo violado, de um corpo desfigurado, embalsamado, mas que ainda respirava, ainda palpitava, ainda vivia!

Ele falou das vestes, estavam enlameadas e manchadas de sangue. Eu nada disse e ele, com cuidado, pegou-me pela mão: estava repleta de marcas de unhas humanas. Ele voltou a minha atenção para um objeto que estava contra a parede.

Olhei para ele por alguns minutos: era uma pá. Com um grito voltei à mesa e peguei a caixa que ali estava. Mas eu não consegui abri-la e, com o tremor, ela escorregou de minhas mãos, caiu e se despedaçou. Dela, num som parecido com o de um chocalho, saíram alguns instrumentos de dentista misturados a trinta e dois espécimes pequenos e brancos como marfim, que se espalharam por todos os lados no chão.

Morella

"Ela mesma, por si mesma, somente uma, eternamente."

O Banquete, Platão.

Admirava minha amiga Morella com um sentimento profundo, porém singular, de afeição. Muitos anos atrás, ela foi atirada à sociedade por acidente. Minha alma, desde nosso primeiro encontro, ardeu com um fogo que nunca antes havia queimado, mas não era o fogo de Eros. Amarga e dolorosa à minha alma era a confiança crescente de que não poderia, de modo algum, definir seu significado incomum ou controlar sua intensidade indistinta. Ainda assim, encontramos-nos. O destino nos uniu no altar, e eu nunca falei de paixão ou pensei sobre amor. No entanto, ela se isolou da sociedade e, associando-se a mim somente, fez-me feliz. É uma felicidade imaginar, é uma felicidade sonhar.

A erudição de Morella era profunda. Ao que já vi, seus talentos eram fora do comum, os poderes de sua mente, gigantescos. Eu tive essa sensação e, de certa forma, tornei-me seu aprendiz. No entanto, logo descobri que, talvez por ter sido educada em Presburgo, ela me apresentou vários daqueles escritos misteriosos que são considerados, frequentemente, nada além da escória da literatura alemã primitiva. Por alguma razão que eu não podia imaginar, estes eram seus escritos favoritos e

objetos constantes de seu estudo, que, com o passar do tempo, tornaram-se também os meus, fato que poderia se atribuir à influência simples, mas efetiva, dos hábitos e do exemplo.

No fim, não estando eu enganado, minha consciência tinha pouco a ver com isso. Não devo esquecer-me que minhas convicções não foram baseadas, de modo algum, em um ideal, e não havia traço algum do misticismo que li a ser descoberto, a não ser que eu esteja muito errado, nem em meus feitos, nem em meus pensamentos. Persuadido por isso, abandonei a mim e segui cegamente a minha esposa, dedicando-me de coração aberto à complexidade de seus estudos. Então, então, quando estava me aprofundando nas páginas proibidas, senti um espírito proibido acender-se em mim e Morella colocou sua mão fria sobre a minha, tirou algumas palavras profundas e singulares das cinzas de uma filosofia morta, cujo estranho significado estava queimado em minha memória. E assim, hora após hora, eu ficava ao seu lado, absorto na melodia de sua voz até que, enfim, sua melodia foi manchada pelo terror e uma sombra caiu sobre minha alma, fiquei pálido e estremeci ao som desses tons de tamanha obscuridade. A alegria de súbito tornou-se horror, e a mais bela tornou-se a mais monstruosa, como o vale de Hinom tornou-se Geena.

É desnecessário descrever o caráter exato das pesquisas que, a não ser pelos volumes que mencionei, foram por tanto tempo quase o assunto exclusivo das conversas entre mim e Morella.

Pelos estudados no que pode ser chamado de moral teológica, eles logo serão entendidos, pelos não estudados, eles serão, em qualquer contexto, pouco entendidos. O Panteísmo selvagem de Fichte, a Paligenésia alterada dos Pitagóricos e, sobretudo, as doutrinas de Identidade, como as abordadas por Schelling, eram os assuntos frequentes de discussão que mais atraíam a criativa Morella. Aquela identidade que é descrita como individual, o Sr. Locke, acredito, a define verdadeiramente para consistir na sanidade do ser racional. E já que por pessoa entendemos um ser inteligente, em essência, dotado de razão, e já que há uma consciência que sempre acompanha o pensamento, é isto que faz com que todos

nós sejamos o que chamamos de nós mesmos, assim nos distinguindo de outros seres pensantes e conferindo a nós nossa identidade pessoal. Mas o principium individuationis, a noção de que aquela identidade é, no momento da morte, perdida ou não para sempre, era a mim um assunto de intenso interesse pela natureza incrível e empolgante de suas consequências e, também, pelo modo agitado e notável com que Morella os mencionava.

Mas, na verdade, chegou um momento em que o mistério do comportamento de minha esposa me oprimia como um feitiço. Eu não mais suportava o toque de seus dedos pálidos, nem o som grave de sua expressão musical, ou mesmo o brilho melancólico de seus olhos. E ela sabia de tudo isso, mas não se

afastava, ela parecia consciente de minha fraqueza ou de minha insensatez e, sorrindo, definia a situação como destino. Ela também parecia consciente da causa, desconhecida para mim, da alienação gradual de minha parte, mas não me dava uma dica ou uma pista sobre sua natureza. Ainda assim, ela era uma mulher e definhava mais e mais a cada dia. No momento em que um ponto escarlata se firmou em sua bochecha e as veias azuis tornaram-se proeminentes em sua testa pálida, minha natureza, por um instante, resumiu-se em pena, mas assim que encontrei seu olhar, minha alma adoeceu e inebriou-se com a vertigem de quem olha para um abismo assustador e sem fim abaixo de si.

Devo dizer, então, que esperei com um desejo grande e desgastante o momento da morte de Morella? Desejei, mas o espírito frágil aliou-se à morada vulnerável por dias, semanas e meses exaustivos até que meus nervos torturados tomaram o controle sobre minha mente, enfureci-me com o atraso e, com o coração de um demônio, amaldiçoei os dias, as horas e os momentos amargos que pareciam estender-se sem fim enquanto a vida agradável dela entrava em declínio como as sombras no fim do dia.

Mas, numa noite outonal, quando os ventos se estagnaram no céu, Morella chamou-me ao seu leito. Havia uma névoa fraca sobre toda a terra e um brilho caloroso sobre as águas. Entre as

ricas folhas alaranjadas da floresta de certo caíra um arco-íris como um firmamento.

— É um dia entre todos os dias — disse ela, enquanto eu me aproximava —, um dia entre todos os outros para viver ou para morrer. É um belo dia para os filhos da Terra e da vida, ah, mais belo ainda para as filhas do céu e da morte!

Eu beijei sua testa, e ela continuou:

— Eu estou morrendo, ainda assim, viverei.

— Morella!

— Os dias em que tu pudeste me amar nunca se foram, mas aquela que tu abominavas em vida, hás de adorar na morte.

— Morella!

— Repito: estou morrendo. Mas em mim há um juramento daquela afeição, ah, quão pequena!, que tu não sentiste por mim, Morella. E quando meu espírito partir, a criança viverá, tua criança e a minha, a de Morella. Mas teus dias serão de tristeza, uma tristeza impressa na alma como o cipreste, que é a mais duradoura das árvores. Os teus momentos de felicidade acabaram e não se consegue felicidade duas vezes na vida, como nascem duas vezes em um ano as rosas de Pesto. Tu não irás mais fazer o papel de Deus com o tempo, mas, ignorante do mirto e da vinha, tu hás de carregar teu fardo na terra, como fazem os muçulmanos em Meca.

— Morella! — gritei. — Morella! Como tu sabes disto? — mas ela virou seu rosto sobre o travesseiro e, com um tremor que dominou seus membros, ela assim morreu, e eu não mais ouvi sua voz.

Ainda, como ela previu, a criança, a qual ela pariu ao morrer, não respirou até que sua mãe não mais respirasse. A criança, uma menina, viveu. E ela cresceu de forma estranha tanto em estrutura quanto em intelecto, era uma lembrança perfeita daquela que havia partido, e eu a amei

com o amor mais intenso que acreditava possível sentir por qualquer habitante da Terra.

Mas, logo a divindade desta afeição pura se obscureceu e tornou-se sombria, taciturna. O medo e o luto encobriram-na como nuvem. Disse que a criança cresceu de forma estranha em estatura e inteligência. Estranho, de fato, era o rápido aumento no tamanho de seu corpo, mas terrível, oh! Terrível era o tumulto de pensamentos que surgia em minha mente enquanto assistia o desenvolvimento de seu intelecto. Poderia estar outra coisa acontecendo quando diariamente descobria nas concepções da criança o poder e a capacidade de uma mulher adulta, quando as lições e as experiências saíam dos lábios da infância e quando observava a sabedoria ou as paixões da maturidade brilhando com frequência em seus olhos atentos e observadores? Digo que quando isso tudo se tornou

evidente aos meus sentidos aterrorizados, quando não podia mais escondê-los de minha alma, nem descartar as percepções que temia ao compreender, era preciso perguntar-me se aquelas suspeitas, de natureza temível e assustadora, dominaram os meus espíritos, ou se meus pensamentos cederam aos contos macabros e às teorias amedrontadoras da enterrada Morella. Eu arranquei dos olhos do mundo um ser que o destino me obrigou adorar e, no rigoroso isolamento de meu lar, assisti com uma ansiedade agonizante tudo que envolvia a amada.

Com o passar dos anos, admirava dia após dia sua face sagrada e serena e estudava sua forma crescente. Dia após dia, descobria novos aspectos da filha que lembrava a mãe, a melancolia e a morte. A cada hora as sombras da semelhança ficavam mais escuras, mais visíveis, mais definidas, mais perturbadoras e de um aspecto cada vez mais terrível. Eu poderia suportar o fato de que seu sorriso parecesse com o de sua mãe, mas me arrepiava com sua semelhança perfeita, tolerava o fato de que seus olhos fossem como os de Morella, mas eles também olhavam para

as profundezas de minha alma com a mesma intensidade desconcertante com a qual Morella as observava. E, no contorno de sua testa, nos cachos de seus cabelos sedosos, nos dedos pálidos que os entrelaçavam, nos tristes tons melódiosos de seu discurso e, sobretudo, nas frases e expressões da morta

nos lábios da amada viva eu encontrava alimento para os pensamentos horrorosos e desgastantes para um verme que não morria.

Assim passaram-se trinta anos de sua vida e até então minha filha permaneceu sem nome sobre a terra. "Minha filha" e "meu amor" eram as designações frequentemente usadas por um pai afetuoso, e o isolamento rígido de seus dias impossibilitava todas as outras interações. O nome de Morella morreu junto a ela. Nunca falei sobre a mãe com a filha, era impossível falar dela. Na verdade, durante o breve período de sua existência, esta última não recebeu influências de um mundo exterior, salvo aquelas que podem ter sido adquiridas em seus breves momentos de privacidade. Mas, enfim, a cerimônia de batismo apresentou à minha mente, em seu estado de desilusão e agitação, uma lembrança presente no terror de meu destino. Na pia batismal hesitei por um nome. E muitos títulos dos sábios e dos belos, dos tempos antigos e modernos, das minhas terras e das estrangeiras, passaram por meus lábios, com muitas qualidades dos gentis, dos felizes e dos bons. O que me levou então a perturbar a memória da morta enterrada? Que demônio me levou a expirar aquele som cuja mera lembrança era capaz de jorrar o sangue arroxeadado em torrentes das têmporas ao coração? Que demônio surgiu das reentrâncias de minha alma, quando, entre o corredor escuro, no silêncio da noite, sussurrei no ouvido do santo homem as sílabas de Morella? O que foi que, além de um demônio, agitou o

semblante de minha filha e o contorceu com os tons da morte?
Como se assustada com aquele som que mal se ouvia, ela
voltou seus olhos brilhantes da terra

ao céu e, caindo prostrada no mármore negro de nossa urna
ancestral, respondeu:

— Eu estou aqui!

De forma distinta, fria e calma aqueles poucos sons chegaram aos meus ouvidos e então, como chumbo derretido, sibilaram por meu cérebro. Anos, anos podem se passar, mas a memória daquela época nunca vai embora. Sabia muito bem das flores e das vinhas, mas a cicuta e o cipreste assombravam-me dia e noite. Não guardei lembrança de data ou hora, e as estrelas de meu destino desapareceram no céu, portanto, a terra se obscureceu e suas silhuetas passavam por mim como sombras, sombras tênues, entre elas admirava uma apenas: Morella. Os ventos do firmamento sopravam um som apenas em meus ouvidos e as ondas do mar murmuravam eternamente: Morella. Mas ela morreu e, com minhas próprias mãos, levei-a ao túmulo e soltei uma longa e amarga risada quando não encontrei resquícios da primeira onde deixei a segunda Morella.

Leonizando

"[...] todos ficaram nas pontas dos pés e muito surpresos." Sátiras de Bishop Hall.

Eu sou, digo, acredito que era, um grande homem, mas não sou o autor de Junius nem o homem sob a máscara, pois acredito que o meu nome seja Robert Jones, nascido em algum lugar na cidade de Fum-Fudge.

A primeira coisa que fiz na vida foi pegar o meu nariz com as duas mãos. Minha mãe viu isso e me chamou de gênio, meu pai chorou de alegria e me presenteou com um tratado em Nosologia. Já sabia a obra de cor antes mesmo de parar de usar fraldas.

Então, comecei a traçar a minha trajetória na ciência e logo entendi que, caso um homem tenha um nariz proeminente o bastante, ele pode, apenas por segui-lo, tornar-se um Leão. Mas, minha atenção não estava voltada apenas para a teoria. Todas as manhãs eu dava alguns puxões em meu nariz e bebia umas seis doses de uísque.

Quando me tornei maior de idade, meu pai me perguntou, um dia, se eu poderia acompanhá-lo até seu escritório.

— Meu filho — perguntou ele, enquanto estávamos sentados —, qual é o objetivo maior de sua existência?

- Pai — respondi —, é o estudo da Nosologia.
- E o que, Robert — questionou ele —, é a Nosologia?
- Senhor — respondi —, é a Ciência dos Narizes.
- E você pode me dizer — exigiu ele — qual é o significado de um nariz?

— O nariz, meu pai — respondi, muito aliviado — foi definido das mais variadas maneiras por cerca de mil autores. (Nesse momento peguei o meu relógio). É mais ou menos meio-dia, temos tempo o suficiente para revisar todas e acabar antes de meia-noite. Começemos, então: de acordo com Bartholin, o nariz é aquela protuberância, aquela saliência, aquela excrescência que...

— Isso é o suficiente, Robert — interrompeu o velho. — Estou atônito com a sua inteligência, estou mesmo comovido. (Nesse momento ele fechou os olhos e colocou a mão sobre seu coração.) Venha aqui! (Nesse momento ele me pegou pelo braço.) Considere seus estudos terminados. Já passou da hora de você lutar pela sua sobrevivência e não tem coisa melhor a se fazer do que seguir seu nariz, então, então, então... (Nesse momento ele me empurrou para fora e escada abaixo.) Saia da minha casa e que Deus te abençoe!

Como senti uma inspiração divina, considerei tal acontecimento como um acidente oportuno, nada além disso. Decidi seguir o

conselho paternal. Estava determinado a seguir meu nariz. Naquele momento, dei um ou dois puxões nele e em seguida escrevi um estudo sobre Nosologia.

Toda a Fum-Fudge ficou extasiada.

- Uma genialidade maravilhosa! — disse Quarterly.
- Um grande fisiologista! — disse Westminster.
- Rapaz esperto! — disse Foreign.
- Bom escritor! — disse Edimburgo.
- Pensador profundo! — disse Dublin.
- Grande homem! — disse Bentley.
- Uma alma divina! — disse Fraser.
- Um de nós! — disse Blackwood.
- Quem será ele? — disse a Sra. Bas-Bleu.
- O que será ele? — disse a grande Srta. Bas-Bleu.
- Onde estará ele? — disse a pequena Srta. Bas-Bleu.

Mas eu não dei atenção a essas pessoas, apenas entrei na loja de um artista.

A Duquesa de Abençoe-Minha-Alma estava posando para seu retrato, o Marquês de Mais-ou-Menos estava segurando o poodle da Duquesa, o Conde de Isso-Aquilo estava flertando

com os minerais dela e a Alteza Real de Não-Me- Toque estava apoiada no encosto de sua cadeira.

Aproximei-me do artista e mostrei meu nariz.

- Oh, belíssimo! — suspirou a Duquesa.
- Meu Deus! — soltou o Marquês.
- Oh, chocante! — grunhiu o Conde.
- Oh, abominável! — rosnou a Alteza Real.
- Quanto você quer por ele? — perguntou o artista.
- Pelo nariz! — gritou a Duquesa.
- Mil libras — disse eu, sentando-me.
- Mil libras? — perguntou o artista, pensativo.
- Mil libras — respondi.
- Fechado! — declarou ele, fascinado.
- Mil libras — respondi.
- Quer assegurá-lo? — perguntou ele, voltando o nariz para a luz.
- Quero — disse, assoando o nariz.
- É original? — perguntou ele, tocando-o com cuidado.
- Uhum! — respondi, torcendo-o para um lado.
- Não foi feita nenhuma cópia? — perguntou ele, analisando-o com um microscópio.

- Nenhuma — repliquei, ajeitando-o.
- Admirável! — gritou ele, um pouco desorientado com a beleza do movimento.
- Mil libras — disse.
- Mil libras? — perguntou ele.
- Exatamente — afirmei.
- Mil libras? — perguntou ele.
- Apenas — sacramentei.
- Você será pago — disse ele. — Que peça virtuosa! — Então, escreveu um cheque ali mesmo e fez um rascunho

de meu nariz. Eu aluguei salas na Rua Jermyn e enviei para Sua Majestade a nonagésima nona edição do "Nosologia" com um retrato do nariz. Aquele garotinho triste e libertino, o Príncipe de Gales, convidou-me para um jantar.

Éramos todos leões e pesquisadores.

Entre nós estava um Platonista moderno. Ele citou Porfírio, Jâmblico, Plotino, Proclo, Hiérocles, Máximo de Tiro e Siriano. Estava também um homem que estudava a perfeição humana. Ele citou Turgot, Price, Priestly, Condorcet, De Stael, e o "Ambitious Student in III Health".

Estava o Sir Paradoxo Positivo. Ele observou que todos os tolos eram filósofos, e que todos os filósofos eram tolos.

Estava Estético Ético. Ele falou sobre o fogo, a unidade e os átomos, da alma bipartida e pré-existente, da afinidade e da discordância, da inteligência e da homeomeria.

Estava Teólogo Teológico. Ele falou sobre Eusébio e Ário, da heresia e do Concílio de Niceia, do Puseísmo e do consubstancialismo, da substância e da essência.

Estava Fricassê, do Au Rocher de Cancale. Ele falou do Muriton de Língua Vermelha, da Couve-flor ao Molho Velouté, da Vitela à la St. Menehault, da Marinada à la St. Florentin e da Gelatina Mosaico de Laranja.

Estava Bibulus O'Bumper. Ele citou Latour e Markbrünnen, Mousseux e Chambertin, Richbourg e São Jorge, Haubrion, Leonville e Medoc, Barac e Preignac, Sauterne e Lafitte e, por fim, St. Peray. Ele acenou com a cabeça para Clos de Vougeot e soube diferenciar, de olhos fechados, o Xerez e o Amontillado.

Estava o Signor Tintontintino, de Florença. Ele discursou sobre Cimabué, Arpino, Carpaccio e Argostino, sobre a obscuridade de Caravaggio, a elegância de Albano, as cores de Titian, as mulheres de Rubens e os gracejos de Jan Steen.

Estava o Presidente da Universidade de Fum-Fudge. Na opinião dele, a Lua se chamava Bendis na Trácia, Bubastis no Egito, Diana em Roma e Ártemis na Grécia. Estava o

Grão Turco de Istambul. Ele não podia deixar de acreditar que os anjos eram cavalos, galos e touros, que alguém no sexto céu tinha setenta cabeças e que a Terra era carregada por uma vaca azul-céu com um número incalculável de chifres verdes.

Estava Delfino Poliglota. Ele nos contou o que aconteceu com as oitenta e três tragédias perdidas de Ésquilo, com os cinquenta e quatro discursos de Iseu, com os trezentos e noventa e um discursos de Lísias, com os cento e oitenta tratados de Teofrasto, com o oitavo livro das cônicas de Apolônio, com os hinos e ditirambos de Píndaro e com as quarenta e cinco tragédias de Homero Júnior.

Estava Ferdinando Fitz-Fóssilo Feldspato. Ele nos informou sobre os fogos internos e as formações terciárias, sobre aeriformes, fluidiformes e solidiformes, sobre o quartzo e a marga, sobre o xisto e a turmalina, sobre a gipsita e o basalto, sobre o talco e o calcário, sobre a blenda e a hornblenda, sobre o gnaisse e o cascalho, sobre a cianita e a lepidolita, sobre a hematita e a tremolita, sobre o antimônio e a calcedônia, sobre o manganês, a pedido do freguês.

Estava eu. Eu falei de mim, de mim, de mim, de mim, da Nosologia, do meu estudo, e de mim. Eu levantei o meu nariz e falei de mim.

— Que homem maravilhoso e inteligente! — disse o Príncipe.

- Magnífico! — disseram os convidados, e na manhã seguinte, a Duquesa de Abençoe-Minha-Alma me fez uma visita.
- Você irá ao Almack, bela criatura? — perguntou ela, dando tapinhas em meu queixo.
- Será uma honra — respondi.
- Nariz e tudo mais? — perguntou ela.
- Do modo como estou — respondi.
- Então pegue este cartão, meu querido. Posso ter certeza de que você estará lá?

- Querida Duquesa, juro pela minha alma.
- Oh, não! Jura pelo seu nariz?
- Por cada pedacinho dele, meu amor — disse, então dei um ou dois puxões nele e fui até o Almack. Os cômodos estavam sufocantes, de tão lotados.
- Ele está vindo! — disse alguém da escadaria.
- Ele está vindo! — disse alguém que estava mais alto.
- Ele está vindo! — disse alguém ainda mais longe.
- Ele está aqui! — exclamou a Duquesa. — Ele está aqui, o queridinho! — Segurando firme as minhas duas mãos, ela deu três beijos em meu nariz. Uma sensação pronunciada foi sentida logo após.

- Diabo! — gritou o Conde Capricornutti.
- Deus nos guarde! — sussurrou Don Stiletto.
- Raios e trovões! — soltou o Príncipe de Grenouille.
- Mil diabos! — rosnou o Eleitor de Bluddennuff.

Não podia mais suportar aquilo. Fiquei irritado. Dirigi-me a Bluddennuff:

- Senhor! — disse a ele — tu és um babuíno.
- Senhor — respondeu ele, após uma pausa. — Pelos raios e trovões!

Isso era tudo que eu podia pedir. Nós trocamos cartões. Na Fazenda de Giz, na manhã seguinte, eu atirei em seu nariz e depois chamei meus amigos.

- Monstro! — disse o primeiro.
- Idiota! — disse o segundo.
- Estúpido! — disse o terceiro.
- Burro! — disse o quarto.
- Tolo! — disse o quinto.
- Ignorante! — disse o sexto.
- Saia daqui! — disse o sétimo.

Com isso, fiquei envergonhado. Então, fui procurar meu pai.

- Pai — perguntei — qual é o objetivo maior de minha existência?

— Meu filho — respondeu ele — ainda é o estudo da Nosologia, mas ao acertar o nariz do Eleitor, você passou

dos limites. Você tem um belo nariz, é verdade, mas agora Bluddennuff nem nariz tem. Você foi amaldiçoado e ele se tornou herói no fim das contas. Garanto a você que, em Fum-Fudge, a grandeza de um leão é proporcional ao tamanho de seu nariz, mas, por Deus! Não se pode competir com um leão que não tem nariz algum.

Rei Peste

Um Conto que Traz uma Alegoria

"Os deuses suportam e permitem aos reis Atitudes que desprezam na ralé." A Tragédia de Gorboduc, Buckhurst

Mais ou menos à meia-noite no mês de outubro, durante o nobre reinado de Eduardo III, dois marinheiros da tripulação dos "Livres e Tranquilos", uma embarcação de transporte que transitava entre o Sluys e o Tâmis e depois ancorava no primeiro, ficaram muito surpresos ao se encontrarem sentados no bar de uma cervejaria na paróquia de Santo André, Londres, cervejaria esta que tinha como símbolo um retrato de um "Marinheiro Feliz".

O lugar, apesar de ser mal construído, escurecido pela fumaça, silencioso e estar, em todos os outros aspectos, de acordo com o caráter de tais lugares naquele período, era, no fim, na opinião dos grupos esquisitos espalhados por todo o lugar, muito bem adaptado ao seu propósito.

Destes grupos, creio que nossos dois marinheiros formavam o mais interessante, senão o que mais se destacava.

O que parecia ser mais velho, e que seu companheiro chamava pelo apelido característico de "Pernas", era também o mais alto

dos dois. Ele devia ter dois metros de altura e uma inclinação habitual dos ombros parecia ser a consequência direta de tão enorme altitude. O excesso de altura era, no entanto, mais que compensado por deficiências em outros aspectos. Ele era muito magro, e poderia, como seus companheiros afirmaram, ter atuado,

quando bêbado, como uma flâmula ou uma bandeira, ou, quando sóbrio, teria servido como uma vela para o barco. Mas, estas piadas e outras de natureza parecida não tinham causado, no momento, nenhum efeito evidente sobre os músculos risórios do marinheiro. Com as maçãs do rosto altas, um grande nariz aquilino, um queixo retraído, uma mandíbula caída e enormes olhos esbugalhados e esbranquiçados, a expressão em seu rosto, apesar de carregar uma espécie de indiferença teimosa para os assuntos e problemas gerais, não estava menos solene e séria, apesar de todas as tentativas de imitá-la ou descrevê-la.

O marinheiro mais jovem era, em sua aparência exterior, o oposto de seu companheiro. Ele não passava de um metro e meio de altura. Duas pernas atarracadas e arqueadas seguravam sua silhueta desajeitada e pesada enquanto seus braços, curtos e grossos, sem punhos comuns em suas extremidades, balançavam ao seu lado como as nadadeiras de uma tartaruga marinha. Olhos pequenos, sem uma cor em particular, brilhavam na parte de trás de sua cabeça. Seu nariz

permanecia enterrado na massa de carne que cobria seu rosto redondo, inchado e arroxeadado, e seu lábio superior grosso descansava sobre o inferior, ainda mais grosso, com um ar complacente de autossatisfação, bastante evidente pelo hábito de seu proprietário de lambê-lo de tempos em tempos. Era óbvio que ele olhava para seu companheiro alto com um sentimento meio de espanto, meio de zombaria, e encarava seu rosto de vez em quando como o sol poente vermelho encara os penhascos de Ben Nevis.

No entanto, foram muitas e importantes as peregrinações do bom par pelos diferentes bares da vizinhança durante as primeiras horas da noite. Até mesmo os recursos mais amplos não são eternos, e foi com bolsos vazios que nossos amigos chegaram à presente hotelaria.

Então, no exato momento em que esta história se inicia, Pernas e seu amigo, Hugo Alcatrão, sentaram-se cada um com os dois cotovelos apoiados sobre a grande mesa de carvalho no meio de um cômodo e com uma mão sob cada bochecha. Eles estavam olhando, por trás de um grande compartimento de álcool, o qual não estava pago, as grandiosas palavras "NÃO VENDEMOS FIADO" que, para sua indignação, estavam escritas com giz na porta do estabelecimento. Não que o dom de decifrar caracteres escritos, um dom que entre a classe trabalhadora daquele tempo era considerado menos enigmático que a escrita, pudesse, em seus princípios mais

elevados, ter sido confiado a qualquer um dos dois discípulos do mar, mas havia, para dizer a verdade, certa elaboração na formação das palavras, uma inclinação indescritível naquele todo que indicava, na opinião dos dois marinheiros, uma longa tempestade pela frente e eles logo decidiram, nas palavras alegóricas do próprio Pernas, "bombear o navio, esticar as velas e correr de vento em popa".

Tendo, então, acabado com o que sobrava da cerveja e amarrado as pontas de suas jaquetas, eles finalmente correram para a rua. Apesar de Alcatrão ter rolado duas vezes para dentro da lareira, acreditando que aquela fosse a porta, a fuga foi, enfim, bem-sucedida, e meia-noite e meia, nossos heróis estavam prontos para mais travessuras, correndo por sua vida por um beco escuro na direção da escadaria de Santo André, perseguidos pela furiosa dona do "Marinheiro Feliz".

Na época desta marcante história, e periodicamente por muitos anos antes e depois, toda a Inglaterra, mas, em especial, a metrópole, ressoava com o amedrontador grito de "Peste"! A cidade perdeu grande parte de sua população e naquelas terríveis regiões na vizinhança do Tâmis, onde em meio às vias e becos estreitos e sujos o Demônio da Doença teria nascido, o Medo, o Terror e a Superstição podiam ser encontrados andando solitários pelas ruas.

Por ordem do rei, tais distritos foram colocados em isolamento e todas as pessoas proibidas, sob pena de morte, de invadir sua triste solidão. Ainda assim, nem a ordem do monarca, nem as gigantes barreiras erguidas nas entradas das ruas, nem a possibilidade daquela morte repugnante que, com uma certeza quase absoluta, tomaria o miserável que nenhum perigo guardava da aventura, nada evitava que as habitações vazias e sem mobília fossem saqueadas pelas mãos dos furtos noturnos de qualquer objeto feito de algo como ferro, latão ou chumbo que pudesse, de alguma forma, transformar-se em lucros.

Além de tudo, geralmente se descobria, na abertura anual das barreiras, que trancas, parafusos e adegas secretas não eram proteção suficiente para aquelas ricas lojas de vinhos e outras bebidas alcoólicas que, considerando o risco e a dificuldade de transporte, muitos dos vários vendedores que tinham lojas na vizinhança confiaram, durante o período de exílio, a uma segurança tão ineficiente.

Mas, havia pouquíssimas pessoas amedrontadas que atribuíam estes feitos às mãos humanas. Os responsabilizados pelo povo eram geralmente os espíritos da peste, goblins da praga e demônios da febre; histórias de arrepiar eram contadas a todo o momento, histórias que diziam que todas as construções proibidas haviam sido, enfim, tomadas pelo terror, como se este fosse um manto, e o próprio saqueador era afastado pelos horrores que suas próprias depreciações haviam criado,

deixando todo um vasto circuito de distritos proibidos à obscuridade, ao silêncio, à peste e à morte.

Foi uma destas incríveis barreiras já mencionadas, que indicavam que a região além delas estava isolada, que, ao descer por um beco, fez com que Pernas e o nobre Hugo Alcatrão tivessem uma súbita interrupção em seu progresso. Voltar não era uma opção, e não havia tempo a perder, já que seus perseguidores estavam se aproximando. Aos marinheiros de sangue puro, escalar uma muralha de

madeira era uma bagatela e, enlouquecidos pelo agito da combinação do exercício e do licor, eles saltaram sem hesitar sobre a cerca, ainda comportando-se como bêbados, com gritos e berros, logo, estavam desnorteados em suas perigosas e intrincadas reentrâncias.

Se não estivessem, de fato, intoxicados além da conta, seus passos cambaleantes teriam sido paralisados pelo horror de sua situação. O ar estava frio e úmido. Os paralelepípedos, soltos de seus lugares, estavam desorganizados em meio à grama alta e molhada, que cobria seus pés e tornozelos. Casas caídas sufocavam as ruas. Os odores mais fétidos e tóxicos prevaleciam em todo lugar, e, com a ajuda daquela luz pálida que, mesmo à meia-noite, nunca deixa de emanar de uma atmosfera vaporosa e pestilenta, podiam avistar os becos e vielas, ou, até mesmo, apodrecendo em uma das habitações

sem janela, a carcaça de um saqueador noturno que fora alcançado pelas mãos da peste no momento do ato de seu crime.

No entanto, o poder das imagens, das sensações ou impedimentos como estes não foram páreos para estagnar o trajeto de homens que, além de terem uma coragem nata e, naquele momento em especial, estarem cheios dela e do álcool, teriam caído, no modo como as coisas corriam, sem medo nas mandíbulas da Morte. Em frente, ainda em frente, andava o severo Pernas, fazendo com que a triste solenidade ecoasse mais e mais como o incrível grito de guerra indiano, e em frente, ainda em frente, rolava o atarracado Alcatrão, agarrado ao seu companheiro mais disposto e superando de longe os maiores esforços dele nos termos da música cantada, ao dar graves rugidos de touro das profundezas de seus fortes pulmões.

Era evidente que eles haviam chegado ao epicentro da peste. A cada passo ou salto, seu caminho ficava mais perigoso e aterrorizante, as vias mais estreitas e intrincadas. Pedras gigantes e vigas caíam rapidamente dos telhados podres sobre eles e indicavam, por sua descida

súbita e pesada, a grande altura das casas que os cercavam, ao mesmo tempo em que uma força real se tornou necessária para que passassem pelos frequentes montes de lixo, não era

raro que uma mão se apoiasse sobre um esqueleto ou um cadáver mais fresco.

De repente, quando os marinheiros tropeçaram na entrada de uma construção alta e medonha, um berro mais estridente que o normal, saído da garganta de Pernas, que estava muito agitado, foi respondido lá de dentro rapidamente com gritos selvagens e demoníacos, parecidos com risadas. Nada intimidados com os sons que, com tal natureza, em tal hora e em tal lugar, poderiam ter coagulado o sangue de corações menos valentes, o par bêbado entrou com tudo pela porta, abriu-a com um estrondo e andou pelo lugar com uma enxurrada de xingamentos.

O cômodo onde os dois se encontravam era a loja de um empreendedor, mas um alçapão aberto em um canto do chão próximo à entrada guardava um longo corredor de adegas cuja profundidade o ocasional som das garrafas estourando declarava ser muito apropriada ao seu fim. No meio do cômodo havia uma mesa, em seu centro, um gigante recipiente repleto de um líquido que parecia ser ponche. Garrafas de vários vinhos e tônicos, junto a jarras, cântaros e frascos de todos os tipos e formatos estavam espalhadas sobre a madeira. Ao redor dela, sobre apoios de caixão, estavam sentadas seis pessoas. Farei o esforço de descrever este grupo um a um.

De frente para a entrada e um pouco acima de seus companheiros estava sentado um homem que parecia ser o presidente da mesa. Ele era magro e alto, e Pernas ficou

frustrado ao vê-lo como uma figura mais esquelética que ele. Seu rosto era amarelo como açafião, mas nenhuma característica, exceto uma apenas, era marcante o suficiente para merecer uma descrição particular. Esta característica consistia em uma testa de tamanho tão

incomum e de grandeza tão assustadora que tinha a aparência de um gorro ou coroa de carne adicionada à cabeça. Sua boca estava enrugada e agitada em uma expressão assustadora de cordialidade e seus olhos, assim como os olhos de todos sentados ao redor da mesa, brilhavam com a fumaça tóxica. Este cavalheiro estava vestido da cabeça aos pés com uma luxuosa mortalha feita de seda e veludo pretos, colocada de forma negligente sobre ele como uma capa. Sua cabeça estava cheia de plumas funerárias de zibelina, que ele balançava de um lado para o outro com um ar alegre e sábio e, em sua mão direita, segurava um fêmur gigante, com o qual parecia estar batucando em um membro da companhia e fazendo uma música.

De frente para ele, com as costas voltadas para a porta, estava uma mulher de caráter não menos extraordinário. Apesar de ser tão alta quanto a pessoa que acabara de ser descrita, ela não tinha direito de reclamar de sua cordialidade sobrenatural. Era possível ver que ela estava no último estágio de inchaço, sua silhueta quase lembrava aquela do gigante barril no qual colocam as cervejas de outubro, que estava com a tampa

aberta ao seu lado, num canto do cômodo. Seu rosto era muito redondo, rosado e cheio, e a mesma particularidade, ou melhor, falta de particularidade se instalava em sua expressão, que mencionei antes no caso do presidente, quero dizer, apenas uma característica de seu rosto era ilustre o suficiente a ponto de precisar de uma definição à parte: claro, o astuto Alcatrão percebeu imediatamente que a mesma observação poderia ser feita em relação a cada indivíduo do grupo, já que cada um parecia possuir o monopólio de uma porção particular da fisionomia. Em relação à mulher em questão, esta porção era sua boca. Começando na orelha direita, ela se arrastava com um vazio incrível até a esquerda e os pequenos pingentes que ela usava em cada aurícula esbarravam a todo o momento na abertura. No entanto, ela

fazia um grande esforço para manter sua boca fechada e parecer digna, usando um vestido que consistia em um manto recém-engomado que quase tocava seu queixo, com um babado de musseline de cambraia.

Ao seu lado direito estava sentada uma jovem minúscula, que parecia ser sua afilhada. Esta pequena criatura delicada, no tremor de seus dedos machucados, no tom lívido de seus lábios e no pequeno ponto agitado que tingia sua expressão dura, dava indícios evidentes de uma tuberculose que se agravava. No entanto, um ar de extrema importância dominava todo o seu aspecto, ela usava com graça e elegância um grande e belo

manto do mais fino tecido indiano, seu cabelo encaracolado estava preso em um coque e um sorriso delicado repousava em sua boca. Mas, seu nariz, extremamente longo, magro, sinuoso, flexível e avermelhado, descia até abaixo de seu lábio inferior e, apesar do jeito delicado com o qual ela o movia de um lado para o outro com sua língua, dava ao seu rosto uma expressão um pouco ambígua.

Em frente a ela, do lado esquerdo da mulher inchada, estava sentado um velhinho gorducho, ofegante e com gota, cujas bochechas repousavam sobre os ombros de seu proprietário como duas gigantes bexigas de vinho do Porto. Com seus braços cruzados e uma perna enfaixada repousada sobre a mesa, ele parecia acreditar que era digno de alguma consideração. Era evidente que ele se orgulhava de cada aspecto de sua aparência, mas gostava ainda mais de chamar atenção para sua bata de cores berrantes. A vestimenta, para dizer a verdade, deve ter lhe custado muito dinheiro e foi costurada para ele sob medida, feita de uma daquelas sedas bordadas que pertencem àqueles gloriosos brasões que, na Inglaterra e em outros lugares, são geralmente pendurados em um lugar visível sobre as casas de aristocratas mortos.

Ao seu lado e à direita do presidente, estava um cavalheiro usando longas meias brancas e cuecas de algodão. Ele se

tremeu todo, de um jeito ridículo, num ataque que Alcatrão chamou de "os horrores". Sua mandíbula, que tinha sido apenas raspada, estava bem apertada por uma atadura de musseline e seus braços estavam apertados da mesma forma na altura dos pulsos para evitar que ele alcançasse as bebidas sobre a mesa com muita frequência, uma precaução considerada necessária, na opinião de Pernas, pelo aspecto escocês e beberrão de seu rosto. Um par de grandes orelhas, porém, que sem dúvidas era impossível esconder, se estendia pela atmosfera do local e era, por vezes, tomado por um espasmo com o som do estouro de uma rolha.

À sua frente, o sexto e último estava sentado, um personagem de aparência rígida e singular, que, afetado por uma paralisia, deve ter, para dizer a verdade, se sentido muito pouco à vontade em suas vestes desconfortáveis. Ele estava, de um jeito único, vestindo um belo caixão novo de mogno. Seu topo estava pressionado sobre o crânio de seu dono e se estendia sobre ele como um capuz, dando à sua face um ar de interesse indescritível. Havia buracos para os braços nos lados, mais por uma questão de elegância que conveniência, as vestes, no entanto, evitavam que seu proprietário se sentasse tão ereto como seus associados e, como ele se deitava reclinado contra seu cavalete, em um ângulo de quarenta e cinco graus, um par de gigantes olhos esbugalhados rolou seu horrível tom esbranquiçado em direção ao teto, absolutamente impressionado com sua própria enormidade.

Diante de cada um dos membros do grupo estava parte de um crânio, que era usada como copo. Acima deles havia, suspenso por uma corda amarrada ao redor de uma de suas pernas, um esqueleto humano, preso a um gancho no teto. A outra perna, que não estava presa, se pendia do corpo num ângulo reto, fazendo com que toda a silhueta solta e barulhenta balançasse e girasse com qualquer corrente de ar que entrasse no cômodo. No crânio desta coisa horrível

havia uma quantidade de carvão aceso, que lançava uma luz trêmula, mas vívida, sobre todo o cenário, enquanto os caixões e outras mercadorias que pertenciam à loja do empreendedor estavam empilhados pelo cômodo e contra as janelas, prevenindo qualquer raio de escapar para a rua. Na presença desta extraordinária assembleia e de suas parafernálias ainda mais extraordinárias, nossos dois marinheiros não se comportaram com o grau de decoro que seria esperado. Pernas, apoiando-se sobre a parede que estava próxima dele, ficou com o queixo mais caído que o normal e arregalou os olhos o máximo que podia, enquanto Hugo Alcatrão, abaixando-se até colocar o nariz no nível na mesa e batendo em seus joelhos com as palmas muito esticadas, teve um longo, escandaloso e rebelde ataque de risos muito indevido e incontrolável.

Mas, sem se ofender com um comportamento tão rude, o presidente alto deu um sorriso muito gracioso para os intrusos, acenou com a cabeça de forma digna com suas plumas de zibelina e, levantando-se, pegou cada um por um braço e os levou para assentos que alguns outros membros da companhia haviam colocado para que se acomodassem. Pernas não ofereceu a mínima resistência e se sentou no lugar que lhe foi indicado, enquanto o valente Hugo, removendo o cavalete do caixão de seu lugar próximo à ponta da mesa, abrindo um lugar ao lado da dama tuberculosa do grande manto, sentou-se ao seu lado muito feliz e esvaziou um crânio de vinho tinto, dedicando-o aos seus amigos mais íntimos. Mas, o cavalheiro rígido no caixão pareceu extremamente incomodado com essa presunção e Hugo poderia ter sofrido graves consequências caso o presidente não tivesse, batendo com o cassetete sobre a mesa, desviado a atenção de todos para o seguinte discurso:

- É nosso dever nesta feliz ocasião...
- Espere aí! — interrompeu Pernas, muito sério. — Espere um pouco, e diga-nos quem diabos são vocês e o que vocês

estão fazendo aqui, reunidos como demônios e arruinando toda a bebida que meu amigo, Will Wimble, o empreendedor, guardou para o inverno!

Com esta imperdoável demonstração de mau comportamento, todos do grupo original se levantaram e pronunciaram a

mesma sucessão rápida de gritos selvagens e demoníacos que havia chamado a atenção dos marinheiros. O presidente, no entanto, foi o primeiro a retomar a compostura e, por fim, voltando-se a Pernas com muita dignidade, recomeçou:

— É com muita satisfação que iremos saciar qualquer curiosidade razoável da parte de nossos ilustres convidados, não importa o quão espontâneas elas sejam. Saibam, então, que nestes domínios eu sou o monarca, e aqui governo um império unificado sob o título de "Rei Peste I".

— Este lugar, que vocês supõem, de forma profana, ser o estabelecimento de Will Wimble, o empreendedor, um homem que não conhecemos e cujo nome plebeu nunca havia tocado nossos ouvidos antes desta noite, este lugar, afirmo, é a Sala do Trono de nosso Palácio, dedicada aos conselhos de nosso Reino e outros propósitos sagrados e nobres.

— A nobre dama que senta à minha frente é a Rainha Peste, nossa Serena Consorte. As outras pessoas elevadas que vocês observam são todas de nossa família e carregam a insígnia do sangue real sob os títulos respectivos de "Sua Alteza, o Arquiduque Pestífero", "Sua Alteza, o Duque Pestilento", "Sua Alteza, o Duque Tempéstede" e "Sua Serena Alteza, a Arquiduquesa Anapeste."

— Quanto ao seu questionamento sobre o que discutimos quando nos sentamos em conselho — continuou ele — você há de nos perdoar por responder que isto cabe a nós, somente a

nós, ao nosso interesse privado e Real, e não é, de forma alguma, importante a alguém senão a nós mesmos. Mas, em consideração aos direitos que vocês, convidados e estranhos, podem pensar que têm, iremos

explicar que estamos reunidos aqui nesta noite, após uma profunda pesquisa e investigação, para examinar, analisar e determinar por completo o espírito indefinível, as qualidades e a natureza incompreensíveis daqueles tesouros inestimáveis do palato, os vinhos, as cervejas e os licores desta agradável metrópole, e isto fazemos mais que pelo nosso próprio interesse, mas também para o verdadeiro bem-estar daquela soberana sobrenatural que reina sobre todos nós, cujos domínios são infinitos, e cujo nome é "Morte".

— Cujos nomes são Davy Jones! — gritou Alcatrão, servindo um crânio de licor à dama ao seu lado e servindo um segundo para si mesmo.

— Servente profano! — disse o presidente, agora voltando sua atenção para o nobre Hugo. — Profano e detestável infeliz! Dissemos que, em consideração àqueles direitos que se aplicam até mesmo à sua pessoa imunda que não temos a intenção de violarmos, nós responderíamos seus questionamentos rudes e inoportunos. Apesar de sua intromissão profana em nosso conselho, acreditamos que seja nosso dever multar a ti e a seu companheiro, cada um com um galão de vinho do porto barato,

tendo de bebê-los em honra da prosperidade de nosso reino, num gole só e sobre seus joelhos dobrados. Vocês estarão então livres para seguir seu caminho, ou fiquem aqui para serem dignos dos privilégios de nossa mesa, de acordo com suas respectivas preferências individuais.

— Isso não será possível — respondeu Pernas, em quem as afirmações e nobreza do Rei Peste I haviam evidentemente inspirado um sentimento de respeito, e quem se levantou e se endireitou à beira da mesa enquanto falava:

— Peço licença à Sua Majestade para dizer que não será possível encontrar em minha embarcação nem mesmo um quarto da quantidade do licor que Sua Majestade acaba de mencionar. Sem falar das mercadorias colocadas a bordo nesta manhã para servirem de lastro, nem as várias

cervejas e os licores carregados hoje em diferentes portos. Eu tenho, no momento, uma carga cheia de álcool comprado e devidamente pago no "Marinheiro Feliz". Sua Majestade fará, portanto, o favor de ser bondoso o suficiente ao tomar a punição como realizada, pois não posso nem irei engolir uma gota a mais sequer, muito menos uma gota daquela horrível água de esgoto que atende pelo nome de "vinho barato".

— Espere aí! — interrompeu Alcatrão, não mais admirado pelo tamanho do discurso de seu companheiro do que pela natureza de sua recusa. — Espere aí, seu covarde! Estou

mandando, Pernas, pare com esse falatório! Meu casco ainda está leve, mas confesso que está um pouco pesado na parte de cima, e quanto à sua parte da carga, ao invés de causar uma confusão, eu mesmo posso encontrar um espaço no porão, mas...

— Este modo de proceder — interrompeu o presidente — não está nada de acordo com os termos da multa ou sentença, que é, em sua natureza, mediana, e não pode ser alterada ou revogada. As condições que impusemos devem ser cumpridas à risca, sem um momento sequer de hesitação e, na falha de seu cumprimento, decretamos que vocês aqui serão amarrados pelos pescoços e pelos calcanhares e devidamente afogados como rebeldes naqueles barris de cerveja de outubro!

— Uma sentença! Uma sentença! Uma sentença justa e honesta! Um glorioso decreto! A mais nobre, correta e sagrada condenação! — gritou em uníssono a família Peste. O Rei franziu sua testa em inúmeras rugas, o velhinho com gota se inchou como um par de foles, a mulher do longo manto balançou seu nariz de um lado para o outro, o cavalheiro das cuecas de algodão ergueu as orelhas, aquela da mortalha se engasgou como um peixe morrendo e aquele do caixão ficou rígido e rolou os olhos.

— Ai! Ai! Ai! — reclamou Alcatrão sem ver a agitação geral.

— Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Ai! Eu estava dizendo —

continuou ele —, estava dizendo quando o Sr. Rei Peste me interrompeu, que mais ou menos dois ou três galões de vinho barato não seriam um incômodo para um barco que, como o meu, não está lotado, mas em relação a beber pela saúde do Diabo (que Deus o absolva) e apoiar-me sobre meus ossos para esta horrível Majestade aqui, que eu sei, assim como sei que sou um pecador, que não é ninguém menos neste mundo que um palhaço como Tim Hurlygurly, ora! Isso já é outra coisa muito diferente, que está total e completamente além da minha compreensão.

Ele não teve a permissão de terminar seu discurso com tranquilidade. Ao ouvir o nome "Tim Hurlygurly", toda a assembleia saltou de seus lugares.

- Traição! — gritou sua Majestade, o Rei Peste I.
- Traição! — disse o homenzinho que tinha gota.
- Traição — gritou a Arquiduquesa Anapeste.
- Traição! — murmurou o cavalheiro com sua mandíbula enfaixada.
- Traição! — resmungou aquele do caixão.
- Traição! Traição! — berrou Sua Majestade e, agarrando pela parte traseira das calças do azarado Alcatrão, que tinha apenas começado a encher um crânio de licor para si mesmo, o levantou no ar e deixou-o cair sem cerimônia no gigante barril de sua amada cerveja. Balançando para cima e para baixo por

alguns segundos como uma maçã em uma tigela de ponche, ele, por fim, desapareceu entre o redemoinho de espuma que, no já efervescente licor, seus esforços logo tiveram sucesso em criar.

O marinheiro alto não ficou quieto ao ver os apuros de seu companheiro. Atirando o Rei Peste pelo alçapão aberto, o valente Pernas bateu a porta sobre ele com um grito e foi em direção ao meio do cômodo. Lá, arrancou o esqueleto que pendia sobre a mesa, puxando-o com tanta energia e vontade que, assim, enquanto os últimos raios de luz morriam no lugar, ele conseguiu nocautear os miolos do homenzinho com gota. Correndo, então, com toda sua força

em direção ao barril mortal com a cerveja de outubro e Hugo Alcatrão, ele o virou num instante. Dali explodiu um dilúvio de licor tão forte, tão impetuoso, tão poderoso, que o cômodo foi inundado por todos os lados, a mesa cheia se virou, os cavaletes caíram, a tigela de ponche foi parar na lareira e as damas ficaram histéricas. Pilhas de mobília funerária flutuavam por ali. Jarras, cântaros e garrafões passeavam confusos em meio ao caos e frascos de madeira batiam desesperados nas garrafas de bebida. O homem com os "horrores" se afogou na hora, o homenzinho rígido flutuava em seu caixão e o vitorioso Pernas, agarrando pela cintura a mulher gorda que usava a mortalha saiu correndo com ela pela rua, pegando um atalho para os "Livres e Tranquilos", seguido com facilidade pelo

formidável Hugo Alcatrão que, depois de espirrar três ou quatro vezes, ofegava e bufava atrás dele com a Arquiduquesa Anapeste.

A Parábola da Sombra

“Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte.”

Salmos 23:4

Tu que lês ainda estás entre os vivos, mas eu, que escrevo, há muito já percorri o caminho para a região das sombras. Pois, é verdade, coisas estranhas hão de acontecer e segredos hão de ser revelados, muitos séculos se passarão até que estas memórias cheguem aos homens. E, quando chegarem, muitos não acreditarão e outros duvidarão delas, ainda haverá muitos a ponderar sobre os caracteres aqui gravados com uma caneta de ferro.

O ano fora um ano de terror e de sentimentos mais intensos que o terror, para os quais não há nome na Terra, pois muitos milagres e sinais aconteceram e, por toda parte, sobre céus e mares, as asas negras da peste se abriram. A estas, entretanto, voando atentas entre as estrelas, não era novidade que os céus estivessem com um aspecto vil e, para mim, o Rei Grego do Vinho, entre outros, era evidente, a partir de agora, que havia chegado o fim daquele ciclo de setecentos e noventa e quatro anos em que, próximo à constelação de Áries, o planeta Júpiter se une aos anéis rubros do terrível Saturno. O espírito peculiar dos céus, se eu não estiver muito enganado, se manifestou não

apenas na atmosfera física da Terra, mas nas almas, nas imaginações e nas reflexões da humanidade.

Estávamos nós sete sentados à noite, na companhia de algumas taças de vinho tinto da ilha de Chios, entre as paredes de um nobre salão, numa cidade obscura chamada Ptolemaida. Não havia outra entrada para a câmara,

somente uma grande porta de latão, porta esta feita por um artesão de Corinnos e, sendo uma obra rara, era trancada por dentro. Tecidos pretos tão sombrios quanto aquele cômodo bloqueavam a nossa visão da lua, das estrelas pálidas e das ruas vazias, mas não nos protegiam da personificação e da lembrança do Mal. Havia coisas ao nosso redor as quais eu não podia distinguir de modo algum, coisas materiais e espirituais, um peso na atmosfera, uma sensação de sufocamento, ansiedade e, acima de tudo, aquele terrível estado da existência, uma experiência de nervosismo na qual os sentidos mal estão vivos e despertados, enquanto os poderes da mente estão dormentes. Um peso morto pairava sobre nós. Pairava sobre nossos membros, sobre a mobília da casa, sobre os cálices dos quais bebíamos e tudo estava num estado depressivo, exaurido por isso. Todos os elementos estavam assim, salvo as chamas das sete lâmpadas que iluminavam nossa celebração. Erguidas em chamas altas e esguias de luz, elas continuaram queimando, pálidas e estáticas e, no espelho que seu lustre formava sobre a mesa redonda de ébano, ao

redor da qual estávamos sentados, cada um de nós ali reunidos contemplava a palidez de seu próprio semblante e o brilho inquieto nos olhos abatidos dos companheiros. Ainda assim, ríamos e estávamos felizes, cada um a seu modo, o que era desconcertante, e também cantávamos as canções de Anacreonte bebendo bastante, apesar de o vinho tinto nos lembrar do sangue, pois havia ainda outro habitante em nossa câmara, a pessoa do jovem Zoilo, morto e velado ali, o gênio e o demônio do cenário. Mas ai de mim! Ele não era o responsável por nossa felicidade, a não ser pelo fato de que seu semblante, distorcido pela peste e por seus olhos, dos quais a morte extinguiu parte do fogo, que pareciam tão interessados em nossa alegria quanto era possível um morto por acaso absorver daqueles que ainda estão por morrer. Mas, apesar de eu, o Rei do Vinho, ter sentido que os olhos do falecido repousavam sobre mim,

forcei-me ainda a não prestar atenção na amargura de sua expressão e, com os olhos fixos na profundidade do espelho de ébano, cantava em alto e bom som as canções do filho de Teos. Mas, de pouco em pouco, minhas canções cessaram e os ecos, partindo pelas cortinas de linho da câmara, enfraqueceram e desapareceram sem que percebêssemos. E veja! Dessas cortinas, por onde os sons se despediam, veio uma sombra escura e indefinida, uma sombra que, como a lua quando está baixa no céu, pode parecer a figura de um homem; mas não

era a sombra de um homem, nem de Deus, nem de nada familiar. Após agitar por um tempo as cortinas do quarto, ela parou rente à superfície da porta de latão, ficando totalmente visível. Mas a sombra era vaga, sem forma, indefinida, e não era a sombra de um homem, nem de Deus, nem de um deus grego, nem de um Deus da Caldeia, nem de um deus egípcio. A sombra repousava sobre a porta de latão, sob o batente, e não se movia, não proferia palavra alguma, mas estava ali estática e ali permanecia. E a porta sobre a qual a sombra descansava estava, se eu bem me lembro, contra os pés do jovem Zoilo, velado. Mas nós, os sete ali reunidos, tendo visto a sombra quando esta saiu das cortinas, não ousamos admirá-la muito, mas desviamos os olhares e encaramos a profundidade do espelho de ébano. Enfim eu, o Rei do Vinho, sussurrando algumas palavras, questionei a sombra sobre sua origem e seu nome. E ela assim respondeu:

— Eu sou a SOMBRA, e minha morada é próxima das Catacumbas de Ptolemaida, ao lado das planícies obscuras dos campos Elíseos, que fazem fronteira com o rio imundo de Caronte.

Com isso, nós, os sete, saltamos de nossos assentos aterrorizados e nos levantamos tremendo, espantados e perplexos, pois o tom de voz da sombra era um tom nunca antes emitido por ser algum, mas por uma multiplicidade de seres e, variando em suas cadências a cada sílaba, pousava

tenebroso em nossos ouvidos com os sotaques dos nossos milhares de amigos falecidos guardados em nossas mentes.

Quatro Feras em Uma

"Cada um tem as suas virtudes."

Xerxés, de Crebillon.

Antíoco Epifânio é, muitas vezes, descrito como o Gogue do profeta Ezequiel. No entanto, tal honra seria melhor atribuída a Cambises, o filho de Ciro. E, de fato, o caráter do monarca sírio não necessita, de forma alguma, de floreios exagerados. Sua ascensão ao trono, ou melhor, a usurpação da soberania, cento e setenta e um anos antes da vinda de Cristo, sua tentativa de saquear o templo de Diana em Éfeso, sua hostilidade implacável em relação aos Judeus, a poluição ao Santo dos Santos e sua morte deplorável em Taba, depois de um reinado tumultuado de onze anos, são circunstâncias relacionadas a figuras ilustres e, portanto, que são geralmente mais estudadas pelos historiadores de seu tempo que os feitos impiedosos, covardes, cruéis e estapafúrdios que se somam à sua vida privada e à sua reputação.

Suponhamos, nobre leitor, que estejamos no ano três mil oitocentos e trinta, e imaginemos, por alguns minutos, que estamos na morada mais grotesca do homem, a incrível cidade de Antioquia. Para ser exato, havia, na Síria e em outros países, dezesseis cidades com este nome além daquela a qual estou fazendo alusão. A nossa é aquela cujo nome era Antioquia

Epidafne, nome advindo de sua proximidade com a pequena vila de Dafne, onde havia um templo dedicado àquela divindade. Ele foi construído (apesar de haver discordâncias em relação a isto) por Seleuco Nicátor, o primeiro rei daquela terra depois de

Alexandre, o Grande, para honrar seu pai, Antíoco, e imediatamente tornou-se a residência da monarquia síria. Nos tempos de prosperidade do Império Romano era a morada principal do prefeito das províncias do oriente, e onde muitos dos imperadores da cidade rainha (entre os quais posso mencionar, em especial, Vero e Valente) passavam grande parte de seu tempo. Mas vejo que já chegamos à cidade. Subamos a muralha e ponhamos nossos olhos sobre a cidade e o país vizinho.

“Que rio largo e agitado é aquele que força sua passagem, com inúmeras quedas, por entre a selva montanhosa e, finalmente, pela selva de pedra?”

Aquele é o rio Orontes, a única água que se vê, com exceção do Mediterrâneo, e se estende como um grande espelho por cerca de vinte quilômetros em direção ao sul. Todos já viram o Mediterrâneo, mas, deixe-me te contar: há poucas pessoas que já viram Antioquia. Por poucas quero dizer poucas como eu e você, que desfrutaram, ao mesmo tempo, das vantagens de uma educação moderna. Portanto, pare de olhar para o mar e

dispense toda sua atenção à grande massa de casas que está diante de nós. Lembre-se de que estamos no ano de três mil oitocentos e trinta. Se estivéssemos aqui mais tarde, por exemplo, se fosse o ano de oitocentos e quarenta e cinco, seríamos privados deste espetáculo extraordinário. No século dezenove, Antioquia está, digo, estará em um estado lamentável de degradação. Ela terá sido, até então, totalmente destruída, em três períodos diferentes, por três terremotos seguidos. Para dizer a verdade, o pouco de sua antiga face restante estará tão destruído e arruinado que o patriarca terá mudado sua residência para Damasco. Fez bem. Vejo que você desfruta de meu conselho e está aproveitando ao máximo a inspeção dos arredores, “satisfazendo seus olhos com as memórias e os famosos objetos que dão mais orgulho a esta cidade”.

Peço perdão, esqueci-me que Shakespeare só irá florear daqui setecentos e cinquenta anos. Mas não concorda que

estou certo em descrever a aparência de Epidafne como grotesca?

“É bem guardada e, nesse aspecto, está tão endividada com a natureza quanto está com a arte.”

Verdade.

“Há um número extraordinário de palácios imponentes.” Há.

“E os numerosos templos, suntuosos e magníficos, comparam-se às construções mais vangloriadas da antiguidade.”

Devo reconhecer todas essas coisas. Ainda assim, há uma infinidade de casas de barro e casebres horríveis. Não podemos deixar de notar a quantidade de sujeira nos canis e, se não fosse pelo odor pronunciado do incenso sagrado, não tenho dúvidas de que sentiríamos um fedor insuportável. Você já viu ruas tão exageradamente estreitas ou casas tão absurdamente altas? Quanta obscuridade suas sombras jogam ao chão! É bom que as lâmpadas suspensas fiquem acesas durante o dia em meio àquelas imensas colunatas, senão teríamos uma escuridão semelhante à do Egito na época de sua desgraça.

“É mesmo um lugar estranho! O que é aquela construção peculiar? Veja! Ela se impõe sobre todas as outras e fica a leste do que imagino ser o palácio real.”

Aquele é o novo Templo do Sol, que é adorado na Síria sob o título de Elah Gabalah. De agora em diante, um Imperador Romano muito conhecido instituirá tal veneração em Roma e então ganhará um codinome: Heliogábalos. Ouso dizer que você gostaria de vislumbrar a divindade do templo. Você não precisa olhar para o céu, Sua Alteza Solar não está lá, pelo menos não a Alteza Solar adorada pelos sírios. Aquela deidade será encontrada no interior de outra construção. Ele é adorado sob a figura de um grande pilar de pedra que culmina num cone ou numa pirâmide, assim denominada Fogo.

“Ouça, veja! Quem são aqueles seres ridículos, seminus, com os rostos pintados, gritando e gesticulando para o povo?”

Alguns são charlatães. Outros, sendo mais específico, pertencem à classe dos filósofos. No entanto, a maior parte, especialmente aqueles que atacam a população com ofensas, são os mais importantes cortesãos do palácio, cumprindo o seu dever, um honrável espetáculo ao rei. “Mas o que temos aqui? Ó, céus! A cidade está cheia de feras selvagens! Que terrível espetáculo! Que perigosa peculiaridade!”

Terrível, se você me perguntasse, mas não é nem um pouco perigosa. Cada animal, se você fizer o esforço de observar, está seguindo, em absoluto silêncio, o caminho de seu mestre. Alguns, por certo, são guiados por uma corda ao redor do pescoço, mas com certeza são as espécies mais inferiores, mais tímidas. Não há nada prendendo o leão, o tigre e o leopardo. Estes foram treinados sem dificuldade para cumprirem com seu papel atual e servem aos seus respectivos donos como criados. É verdade, há ocasiões nas quais a Natureza nos lembra que violamos seus domínios, mas o devorar de um soldado ou o estrangulamento de um touro é um acontecimento muito raro para ser levado em conta em Epidafne.

“Mas que tumulto extraordinário é este que ouço? Com certeza é um barulho alto até mesmo para Antioquia. Indica uma comoção de caráter incomum.”

Sim, não há dúvidas. O rei encomendou um novo espetáculo, uma exibição de gladiadores no hipódromo, ou talvez o massacre dos prisioneiros citas, ou a conflagração de seu novo palácio, ou a demolição de um belo templo, ou mesmo a morte de alguns judeus na fogueira.

O tumulto aumenta. Gargalhadas sobem aos céus. O ar é perturbado com instrumentos de sopro e um horrível clamor de um milhão de gargantas. Desçamos pelo prazer da

diversão e vejamos o que está acontecendo! Por aqui, tenha cuidado!

Estamos na rua principal, que é chamada de Rua de Timarco. O mar de pessoas está vindo nesta direção e teremos dificuldade para controlar a maré. Eles estão vindo do beco de Heráclides, que vem direto do palácio, portanto, o rei provavelmente está entre a multidão revoltada. Sim, escuto os gritos do mensageiro anunciando sua chegada na terminologia pomposa do oriente. Conseguiremos ver a sua pessoa quando ele passar pelo templo de Asima. Fiquemos no vestíbulo do santuário, ele chegará aqui logo. Enquanto isso, admiremos esta imagem. O que é? Oh, é o deus Asima em pessoa. Você pode ver, entretanto, que ele não é um carneiro, nem um bode, nem um sátiro, nem lembra o Pã

dos árcades. No entanto, todas estas aparências foram atribuídas, perdão, serão atribuídas pelos estudiosos das eras futuras ao Asima dos Sírios. Coloque seus óculos e diga-me o que é. O que é?

“Por Deus! É um símio!”

É verdade, um babuíno, mas não é, de forma alguma, menos divino. Seu nome deriva do grego “simia”, quão estúpidos são os classicistas! Mas veja! Veja! Lá longe vai um ouriço vacilante galopando. Onde ele está indo? Por que está chorando? O que está dizendo? Oh, ele está dizendo que o rei vem aí triunfante, que está vestido com toda a pompa, que acabou de matar, com suas próprias mãos, mil prisioneiros israelitas acorrentados! Por este feito, os homens estão o louvando aos céus. Ouça! Lá vem uma multidão de aspecto similar. Eles compuseram um hino em latim sobre a grandeza do rei, e estão o cantando:

“Mille, mille, mille, Mille, mille, mille,

Decollavimus, unus homo!

Mille, mille, mille, mille, decollavimus! Mille, mille, mille,

Vivat qui mille mille occidit! Tantum vini habet nemo Quantum sanguinis effudit!”

Que pode ser assim entendida:

"Mil, mil, mil Mil, mil, mil

Com um guerreiro matamos! Mil, mil, mil, mil.

Cante mil vezes de novo! Oh! Cantemos

Longa vida ao nosso rei, Que matou a mil tão bem! Oh!

Gritemos,

Ele nos deu mais

Galões vermelhos de horror

Do que os vinhos que a Síria faz!

"Você escuta o som dos trompetes?"

Sim, o rei está vindo! Veja! As pessoas estão perplexas com a admiração e olham para o céu em reverência. Lá vem ele, ele está vindo, lá está ele!

"Quem? Onde? O rei? Não o vejo, não posso afirmar que estou o vendo."

Então você deve ser cego.

"É muito possível. Eu não vejo nada além de uma multidão tumultuada de idiotas e loucos que ocupam seu tempo se prostrando diante de um cameleopardo, esforçando-se para beijar as patas do animal. Veja! A fera, com muita razão,

acabou de chutar uma pessoa, e outra, e outra, e outra. Na verdade, não posso deixar de admirar o animal pelo excelente uso que faz de seu pés.”

Multidão? Ora, esses são os cidadãos nobres e livres de Epidafne! Feras, você disse? Cuidado para que não lhe ouçam. Você não percebe que o animal tem a face de um

homem? Pois, meu caro senhor, aquele cameleopardo é Antíoco Epifânio, Antíoco, o Ilustre, Rei da Síria, e o mais poderoso de todos os ditadores do Oriente! É verdade, as vezes ele é chamado de Antíoco Insânio, Antíoco, o Louco, mas isso acontece, pois nem todas as pessoas tiveram a capacidade de apreciar seus méritos. Também é certo que ele está, no presente, sob o disfarce de uma fera, e está fazendo o seu melhor para agir como um cameleopardo, mas está fazendo isso para manter a sua dignidade como rei. Além disso, o monarca tem uma estatura gigantesca, portanto, tal disfarce não o subestima, nem é grande demais. No entanto, podemos presumir que ele não teria o adotado se não fosse por uma ocasião especial. Como, se você me permite, o massacre de mil Judeus. Com que dignidade superior o monarca anda em suas quatro patas! Perceba que sua cauda está sendo sustentada por suas duas principais concubinas, Elline e Argelais, e sua aparência, como um todo, seria muito bela, se não fosse pela protuberância de seus olhos, que se destacam em sua cabeça, e a cor estranha de sua face, que não se pode descrever devido

a quantidade de vinho que ele consumiu. Sigamo-lo até o hipódromo, para onde ele está indo, e ouçamos a canção de triunfo que ele entoa:

"Quem é rei senão Epifânio? Diga, vós saberíeis?

Quem é rei senão Epifânio? Bravo! Bravo!

Não há ninguém como Epifânio Não, não há ninguém:

Então derrubem os templos, E apaguem o sol!"

Foi cantado muito bem, com muito vigor! A população o chama de "Príncipe dos Poetas", "Glória do Leste", "Deleite do Universo" e "Mais Nobre Cameleopardo". Eles repetiram

o seu canto, você está escutando? Ele está cantando outra vez. Quando ele chegar ao hipódromo, será coroado com a coroa de louros, antecipando sua vitória nas Olimpíadas que estão para acontecer.

"Mas, oh, bom Júpiter! O que está acontecendo com a multidão que vem aí?"

Vem aí? Oh! Ah! Entendi. Meu amigo, que bom que você percebeu a tempo. Encontremos um lugar seguro o mais rápido possível. Aqui! Escondamo-nos no arco deste aqueduto, e eu logo te informarei sobre a origem da comoção. Tudo aconteceu

como eu havia previsto. A aparência curiosa de um cameleopardo com a cabeça de um homem parece ter ofendido as noções de propriedade entendidas, de forma geral, pelos animais selvagens domesticados na cidade. Como resultado, um motim começou e, como é comum acontecer em tais ocasiões, esforço humano algum terá efeito para conter a multidão raivosa. Vários sírios já foram devorados, mas o objetivo geral dos patriotas de quatro patas parece ser devorar o cameleopardo. Portanto, o "Príncipe dos Poetas" está de pé em suas duas patas traseiras correndo por sua vida. Seus cortesãos o deixaram à própria sorte e suas concubinas seguiram este exemplo tão admirável. "Deleite do Universo", tu estás em apuros! "Glória do Leste", tu corres o perigo da mastigação! Portanto, não olhe para tua cauda com tanta pena, com certeza será arrastada na lama, não há como evitar isso. Não olhe para trás, para tua inevitável degradação, mas tenha coragem, dobre as pernas com força e corra para o hipódromo! Lembre-se: tu és Antíoco Epifânio. Antíoco, o Ilustre, e também "Príncipe dos Poetas", "Glória do Leste", "Deleite do Universo" e "Mais Nobre Cameleopardo"! Por Deus! Que grande velocidade tu exhibes! Que grande capacidade de fugir tu estás desenvolvendo! Corra, Príncipe! Bravo, Epifânio! Muito bem, Cameleopardo! Glorioso Antíoco! Ele corre! Ele salta! Ele voa! Como uma flecha catapultada ele se aproxima do

hipódromo! Ele salta! Ele grita! Ele está aqui! É um tamanho alívio, pois se tu, "Glória do Leste" demorasse mais meio segundo para chegar aos portões do anfiteatro, não haveria uma pata de urso em Epidafne que não conseguisse um pedaço de tua carcaça. Vamos embora, vamos partir! Pois descobriremos que nossos ouvidos modernos e delicados não são capazes de suportar o vasto levante que está prestes a começar pela celebração da fuga do rei! Ouça! Já começou. Veja! Toda a cidade está de pernas para o ar. "Com certeza é a cidade mais populosa do Oriente! Que vastidão de pessoas! Que emaranhado de classes e idades! Que multiplicidade de seitas e nações! Que variedade de costumes! Que Babel de línguas! Que gritaria das feras! Que tilintar dos instrumentos! Que grupo de filósofos!" Venha, vamos embora.

"Espere um momento! Vejo um grande burburinho no hipódromo, eu lhe imploro: me diga o que está acontecendo!"

Aquilo? Ora, não é nada! Os cidadãos nobres e livres de Epidafne estando, como declaram, muito satisfeitos com a fé, o valor, a sabedoria e a divindade de seu rei e, tendo sido, mais tarde, testemunhas oculares de sua grande habilidade sobrenatural, acreditam não estar fazendo mais que sua obrigação ao enfeitar sua cabeça (junto à coroa de louros) com a coroa da vitória na corrida, uma coroa que, por certo, ele conquistará na celebração da próxima Olimpíada, portanto, adiantaram a premiação.

InfoLivros.org

